

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**Marcadores culturais específicos  
presentes em produções culturais surdas**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Especialização em Educação Especial

Candidata: **Andreia Filipa de Sousa Pereira**  
Sob Orientação do **Professor Doutor Carlos Manuel Peixoto Afonso**

**Porto, abril, 2013**

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, sinto que devo agradecer à minha família, pois foi ela que fez com que estes 2 anos de estudo e investigação se realizassem e, conseqüentemente, enriquecessem a minha formação profissional e pessoal.

Ao Professor Doutor Carlos Afonso pelo seu apoio desde o primeiro momento em que me propus estudar a “Surdez”. Os seus conselhos foram imprescindíveis para que me mantivesse no caminho certo à concretização desta investigação, pelo que lhe agradeço bastante.

Às minhas colegas de curso, Liliana Menezes, Márcia Ferreira, Benedita Magalhães e Carina Carrasco, que tornaram este percurso menos sinuoso, mais emocionante e juntas conseguimos ultrapassar, um agradecimento também especial. Não só pela força e motivação, mas também pela inspiração que me conseguiram transmitir e, por isso, se terem tornado grandes amigas.

A todos os meus amigos que em algum momento destes 2 anos tiveram uma palavra amiga e motivadora à concretização deste meu objetivo.

*"para mim ficar surdo não é um arrependimento da vida, não é um problema da sociedade, não é um vírus que caiu do céu, é uma coisa mental, erradamente desenvolvida, que já foi inserida há imenso tempo... uma coisa que sei e de cor, ficar surdo fez-me ver realmente como é o mundo e para além dele porque para compreende-lo não é só ouvir, sentir, cheirar, tocar e ver, é preciso lê-lo. quem acredita e sabe de coração que ler livros entende-se melhor a história do que a história num filme. não há palavras. é emoção e comodidade juntos."*

(Rebel, Zé Luís (2012). *Zé Luís Rebel*. Acedido em: 27/ 03/ 2013, disponível em <http://www.facebook.com/zeluisrebel?fref=ts> )

## Resumo

A presente investigação teve como principal objetivo reconhecer marcadores culturais surdos, que possam estar inscritos em produções de indivíduos Surdos. Para tal recorreremos ao testemunho de quatro produtores culturais de relevância na comunidade surda portuguesa recolhidos em entrevistas semiestruturadas. Tentámos encontrar uma amostra diversificada, no sentido de abranger diferentes áreas artísticas e assim ter acesso a perspetivas provenientes de origens variadas de forma a enriquecer a investigação. Foi-nos possível entrevistar o realizador/ produtor Zé Luís Rebel, o pintor Professor Francisco Goulão, a atriz Sofia Quintas e a escritora Marta Morgado. Todos estes entrevistados deram o seu consentimento informado sobre a utilização do seu nome.

Entre outros aspetos quisemos conhecer o caminho percorrido pelos mesmos até chegarem ao conhecimento público das suas produções. Por outro lado, tentamos identificar marcadores culturais específicos nas suas produções a partir do discurso que produziram.

A análise de conteúdo dos dados obtidos, permitiu-nos alcançar os nossos objetivos e desta forma conhecer o processo criativo de cada um, confirmar a existência de marcadores culturais surdos nas obras dos produtores acima referidos e tentando com eles dar a conhecer aspetos da sua cultura, quer pela identificação pessoal que podem oferecer a Surdos, como pela aprendizagem que podem proporcionar a ouvintes.

Concluimos que a parte teórica deste estudo nos permitiu aprofundar conhecimentos sobre a “Surdez”, assim como a componente empírica nos deu conhecimentos sobre um aspeto particular, os marcadores culturais surdos, a partir do discurso daqueles a que a essa comunidade pertencem e abriu portas a futuros estudos.

**Palavras-chave:** Cultura, Intercultura, Identidade, Surdez, Marcadores culturais surdos

## **Abstract**

The present research aimed to recognize deaf cultural markers that can be inscribed in cultural productions of Deaf people. For that we consulted the testimony of the four well known cultural producers, on the deaf Portuguese community, collected from semi-structured interviews. To enrich this research, we tried to find a diversified sample in order to cover different artistic fields and so having access to perspectives that came from different origins. It was possible to interview the director/producer Zé Luís Rebel, the painter Professor Francisco Goulão, the actress Sofia Quintas and the writer Marta Morgado. All of those gave their informed consent about using their name.

Among other things, we wanted to know the path they took until their productions came to public knowledge. On the other hand, we tried to identify specific cultural markers in their productions from their own speech.

The data analysis, allowed us to achieve our aims and so to know the creative process of each one, to confirm the existence of deaf cultural markers in the creations of the producers mentioned above and trying with those markers to raise awareness of aspects of their culture, either by personal identification that they (the markers) can offer to Deaf people, or by the learning that they can provide to the listeners.

We conclude that the theoretical part of this study allowed us to go through some knowledge about a specific community, that the empirical evidence gave us some knowledge about a specific aspect, the deaf cultural markers, from the speech of those who belong to that community and opened some doors to future studies.

**Key words:** Culture, Interculture, Identity, Deafness, Deaf cultural markers

# ÍNDICE

Introdução _____	9
------------------	---

## PARTE I – Enquadramento Teórico

CAPÍTULO I – Eu e tu ou nós e vós? _____	16
1. Da Cultura à Intercultura _____	16
1.1. Conceito/ Perspetivas _____	17
2. Identidade (s) (pessoal, social, cultural) _____	20
3. Educação intercultural como espelho de uma sociedade intercultural _____	23
CAPÍTULO II – Surdez: um sentido a menos ou uma característica cultural? _____	27
1. Surdez _____	27
1.1. Um reconto histórico _____	27
1.2. Um reconto português _____	30
2. Olhares sobre a Surdez _____	33
2.1. A perspetiva médico-pedagógica _____	34
2.1.1. Fatores etiológicos, graus e tipos _____	34
2.1.2. Fatores sociais da perspetiva médico-pedagógica _____	37
2.2. A perspetiva sócio-antropológica _____	40
2.2.1. Identidade, Cultura e Comunidade Surda _____	41
2.2.2. Marcadores culturais surdos _____	48

## PARTE II – Componente Empírica

CAPÍTULO I – Construção do objeto de estudo _____	53
---	----

1. Definição da pergunta de partida, questões de investigação e objetivos _____	53
2. Definição da amostra _____	55
3. Metodologia de investigação _____	58
4. Técnicas de recolha de dados _____	62
5. Instrumentos _____	64
6. Procedimentos de recolha de dados _____	66
7. Métodos e técnicas de tratamento de dados _____	67
CAPÍTULO II – Apresentação e discussão dos resultados _____	71
1. Definição de categorias _____	71
2. Análise categorial dos discursos _____	74
2.1. Processo Criativo _____	74
2.2. Cultura Surda _____	85
2.3. Fatores Sociais _____	90
2.4. Escola _____	92
2.5. Identificação pessoal _____	96
3. Síntese e discussão dos resultados _____	97
Considerações finais _____	106
Bibliografia _____	110
Webgrafia _____	114

# Índice de Quadros

Quadro 1 – Dimensões _____	66
Quadro 2 – Resumo das categorias _____	72
Quadro 3 – Categorias analíticas: Processo Criativo _____	75
Quadro 4 – Categorias analíticas: Cultura Surda _____	85
Quadro 5 – Categorias analíticas: Fatores Sociais _____	90
Quadro 6 – Categorias analíticas: Escola _____	92
Quadro 7 – Categorias analíticas: Identificação pessoal _____	96



## Introdução

*“Se ser diferente é a pior coisa que pode acontecer, em segundo lugar vem a associação com alguém que é diferente. Não se pode controlar o primeiro problema, mas é possível controlar o segundo.”* (Davis, 1981 in Kirk e Gallagher, 2000)

Sabendo que a comunidade surda, talvez devido aos seus antecedentes históricos, que pretendemos também abordar, é um grupo que se protege bastante, de certo modo, um grupo que se tornou um pouco fechado em relação ao mundo ouvinte, é do nosso interesse conhecer e compreender a sua realidade numa perspectiva cultural. Portanto, tendo em conta que a presente dissertação de mestrado se enquadra na área de Ciências da Educação, especialização em Educação Especial, pela E.S.E. Paula Frassinetti, pretendemos, mais especificamente, descobrir que tipo de marcadores culturais poderão estar presentes na construção de uma identidade num grupo de pessoas com apenas uma característica diferente (a surdez). Ou seja, sendo uma comunidade visual, tendo a sua própria forma de expressão, uma língua que embora gestual é tão complexa como outra qualquer oral e juntamente com as suas vivências no seio de um mundo ouvinte maioritário, e por isso, o modo de perspetivar ou pensar o mundo talvez seja diferente, que tipo de marcadores culturais poderão estar presentes na construção de uma cultura/ identidade surda?

É esta situação que nos levou a olhar a surdez numa perspectiva cultural, daí a nossa opção em nos referirmos aos indivíduos surdos como, simplesmente, Surdos. Uma distinção não apenas gráfica, entre uma letra minúscula e uma maiúscula, mas que acarreta um sentido diferencial entre duas perspetivas sobre a surdez. Isto é, o “surdo” (com letra minúscula) remete-nos para uma visão médico-pedagógica, em que este é portador de uma condição física específica e o Surdo (com letra maiúscula), que

nos conduz a uma visão sócio-antropológica, na qual ele é visto como um membro de uma comunidade específica. (Afonso, 2007: 23)

*“(...) (surdo com letra minúscula), o vocábulo remete para um deficiente auditivo, com défice sensorial, dando-se primazia à detecção precoce da surdez, por forma a reabilitar o paciente e torná-lo ouvinte. (...) (Surdo com letra maiúscula), a significação do termo evidencia um indivíduo que pertence a uma comunidade linguística diferente, com identidade e cultura própria.” (Valente, Correia, Dias in Coelho, 2005: 82)*

No seguimento desta escolha, achamos ainda pertinente salientar outra distinção que também será tomada em conta neste trabalho, que é a diferença entre o deficiente auditivo e o surdo. Tendo em conta que na perspetiva audiológica se toma por surdo aquele que tem uma perda auditiva profunda e por isso não tem qualquer perceção sonora. Enquanto que o deficiente auditivo apresenta algum tipo de perturbação na audição, mas que não é total. (Afonso, 2007: 15,23)

Iremos assim explorar os conceitos que nos parecem mais pertinentes e indispensáveis no sentido de responder ao que foi proposto e entramos assim no primeiro capítulo da primeira parte desta investigação. Os conceitos a tratar serão eles a cultura, a qual será por nós entendida como um conjunto de características, símbolos ou pressupostos comuns a um determinado grupo de indivíduos, ou mesmo características de um só indivíduo.

Entendemos, portanto, cultura como partilha, como aquilo que nos põe em relação com a realidade que nos rodeia, é a forma como vivemos e experienciamos o nosso próprio mundo. Como tal, podemos pensar em grande escala (por exemplo países, regiões) e ir diminuindo essa escala, especificando cada vez mais os marcadores culturais de grupo para grupo, até chegarmos ao próprio indivíduo. E sendo o Homem um ser social e, portanto, que está em permanente comunicação ou interação com o outro, faremos aqui a ligação para a interculturalidade. Um conceito que realmente vai

além do mero convívio, coabitação entre indivíduos culturalmente diferentes (multiculturalidade).

Como a nossa ou as nossas identidades se constroem em comparação com o outro, é indispensável a exploração desse conceito que é a interculturalidade, pois estamos sempre a ser influenciados pelo outro, mesmo quando nos queremos distanciar dele. Ou seja, para afirmar a minha diferença é necessário distanciar-me do outro, que por sua vez também me é diferente. Por outro lado, também estaremos mais próximos de quem nos é semelhante, de quem partilha determinadas características connosco. É neste jogo de perspetivas e interações que nos posicionamos neste trabalho. Pois, sabendo este mundo como um mundo multicultural, a interculturalidade vai-se sempre manifestar, quer a nível de grande grupo, quer a nível individual.

Daí a importância da perspetiva histórica deste fenómeno, pois é importante ter consciência de que o fenómeno em si sempre existiu. Será ainda pertinente para a investigação a referência aos pressupostos de uma educação intercultural, pois podem ser vistos à luz de uma perspetiva social.

Tendo em conta as áreas anteriormente referidas, pensamos ser legítimo pensar-se na existência de marcadores culturais específicos como características duma cultura própria da comunidade surda.

Uma vez chegados a este ponto iremos explorar a surdez, que será o tema central do segundo capítulo desta primeira parte do trabalho. Faremos inicialmente uma passagem pela sua história, mostrando os marcos mais importantes do seu passado para a construção duma identidade e cultura surda, quer a nível internacional como nacional. Pois, para além das aspirações futuras que podem influenciar e por isso transformar quem somos hoje, acreditamos que cada um é o que é hoje também devido ao passado que teve. Acrescentando o facto de que, por muito tempo que passe, o passado viverá sempre em cada um de nós, então para conhecer “alguém”, neste caso uma comunidade surda, teremos de ter em conta toda a sua história.

Ainda sobre a surdez, trataremos as suas conceções, como a médico-pedagógica e também a mais tradicionalista, que olha a surdez como uma perda de um

sentido, quer seja de nascença ou acontecida mais tarde. E a sócio-antropológica que já olha a surdez como uma característica cultural, que faz com que esses indivíduos pertençam a uma comunidade específica, neste caso, uma comunidade linguística e visual.

Assim sendo, iremos explorar também estas áreas da surdez (identidade e cultura), que à luz do conceito de identidade e cultura de um modo geral, também pode ser vista como o conjunto de símbolos ou características que põe os Surdos em contacto com a sua própria realidade. Como o facto de terem uma língua própria, um passado, sentimentos e comportamentos comuns, tal como criações artísticas características. Como se sabe as artes podem ser divididas em diferentes áreas, como por exemplo literatura, pintura, teatro, cinema, e é este tipo de produções artísticas que iremos tentar descobrir e se nos revelam uma autenticidade cultural surda, de modo a serem considerados como marcos na construção de uma identidade surda.

Acreditamos na possibilidade de encontrar esses marcadores culturais, não só por esta perspetiva de partilha de características, mas também porque, como afirma Pacheco e Caramelo, *Cada um age em função da sua identidade pessoal, procurando traços que o distinguem dos outros, a fim de fazer reconhecer a sua singularidade.* (Pacheco e Caramelo *in* Coelho, 2005: 28). Se tomarmos esta afirmação como verdade sendo ouvintes, pertencendo a uma maioria, diferente não será para a comunidade surda, nem para cada indivíduo surdo para se afirmarem enquanto comunidade cultural.

Posto isto, entraremos assim na segunda parte do trabalho, a componente empírica, em que o primeiro capítulo diz respeito aos procedimentos metodológicos. Começaremos por explicitar a pergunta de partida, que desencadeou este estudo de investigação, assim como as questões de investigação e seus respetivos objetivos.

Seguidamente e de acordo com aquilo a que nos propomos estudar e investigar, apresentaremos método e a metodologia que nos pareceram mais apropriadas a utilizar. Sendo o método intensivo e a abordagem qualitativa, pois temos como objetivo a compreensão de um fenómeno a partir do íntimo daqueles que serão os casos de estudo. E a metodologia o estudo de caso, não só por querer estudar

um fenómeno em determinados indivíduos, mas também porque é uma investigação direcionada para a interpretação e descoberta de novos conhecimentos, mais especificamente marcadores culturais produzidos por Surdos.

Neste sentido, não é de todo nossa intenção, nem a metodologia a adotar nos permitiria, generalizar qualquer conclusão que retire no final de todo o processo de investigação. É um estudo não probabilístico, pois o que retiraremos dele serão descrições, explicações e interpretações de situações particulares.

Referimo-nos ainda às técnicas de recolha de dados, isto é, as entrevistas que serão um dos meios a utilizar, pois permitem um contacto mais próximo com os indivíduos em causa e são uma forma do interlocutor exprimir as suas interpretações, experiências e percepções da realidade sobre o fenómeno em causa. Segundo Bodgan e Biklen, *“as boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes.”* (Bodgan e Biklen, 1994: 136) E dentro do leque opcional das entrevistas enveredaremos pelas entrevistas semidiretivas de Quivy e Campenhoudt, pois oferecem uma maior liberdade aos intervenientes da entrevista. Ao entrevistador porque não o obriga a estar preso às perguntas previamente concebidas, quer em termos de ordenação ou formulação das mesmas, nem ao sujeito entrevistado, pois dá-lhe espaço para falar sobre o que para ele é mais importante e logo será o mais importante para a nossa investigação também.

Deste modo, utilizamos como instrumentos de recolha de dados um guião de entrevista geral, pois o objetivo era comum, em que apenas fizemos algumas alterações no caso de um dos entrevistados pelo facto ser atriz e daí a necessidade de adaptar algumas perguntas.

No que respeita o tratamento dos dados obtidos, enveredamos pela análise de conteúdo intensiva que nos permitiu focar a posição dos entrevistados relativamente ao nosso objetivo, através do conteúdo do seu próprio discurso e assim chegar a algumas conclusões. Umhas referentes ao processo criativo dos produtores, querendo saber sobre as suas motivações, o conteúdo das suas produções, outras alusivas ao seu conhecimento e perspetiva sobre a própria cultura surda e sua relação com as

produções dos mesmos, e, por fim, tentámos conhecer um pouco mais da sua vida e decidimos abordar um pouco da sua vida escolar e familiar.

Chegados a este ponto, apresentamos as considerações finais que fazem um apanhado geral do que se pretende com este estudo, assim como abrir caminho a futuras reflexões através das conclusões a que chegamos.

Terminamos assim com a apresentação da bibliografia e webgrafia utilizada durante todo o percurso da investigação, assim como com o volume de anexos, onde podemos encontrar o guião de entrevista utilizado, as transcrições das mesmas, a grelha de análise que nos auxiliou na análise dos dados recolhidos e ainda algumas imagens de produções culturais dos respetivos entrevistados.

## PARTE I – Enquadramento teórico

# CAPÍTULO I – Eu e tu ou nós e vós?

## 1. Da Cultura à Intercultura

*“O homem é essencialmente um ser de cultura. O longo processo de hominização (...) consistiu fundamentalmente na passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural.” (Cuche, 1999: 9,10)*

Salientando o que diz Cuche sobre o Homem ser um ser que se adapta quer ao seu meio ambiente natural, quer à própria cultura, podemos retirar daqui, que o Homem é de facto um ser que se consegue adaptar a qualquer meio ambiente, mas também transformá-lo em prol da sua própria adaptação, construindo assim a sua cultura. Há, portanto, uma reciprocidade neste processo de adaptação e construção do Homem em si e da sua cultura, ambos se complementam e se transformam.

Contudo, o Homem é um ser que, salvo raras exceções, não vive isolado dos seus semelhantes. Logo, esta proximidade ou contacto com o outro, quer seja presencial, físico, ou através dos meios de comunicação, faz com que ele esteja em constante adaptação.

O meio que também se vai transformando e a cultura que está em constante atividade fazem com que ele esteja no meio deste processo de adaptação e transformação que parece ser cada vez mais intenso.

Se cada vez há mais flexibilidade de contacto entre povos, entre culturas, teremos de adaptar também os termos utilizados para falarmos de tal. Ou seja, referir-nos apenas à existência de diversas culturas (multiculturalidade) não basta para narrarmos aquilo que realmente acontece com o Homem e o seu meio e sua cultura. O processo de constante adaptação requer também uma constante transformação do



Homem e de tudo o que isso engloba (valores, crenças, ideologias, enfim identidade) e isso acontece pelas influências vindas do que o rodeia (meio, cultura, pessoas) e a isto chamamos interculturalidade, não uma mera coexistência com quem e com o que me é diferente, mas uma troca de influências entre os mesmos.

## 1.1. Conceito/ Perspetivas

Fazendo uma breve passagem pela história do termo cultura e segundo Ferreira (2003:23) podemos observar que é um termo que sofreu uma evolução semântica notável, embora a sua essência permanecesse sempre a mesma, ou seja, a ligação entre o Homem e a sua realidade.

Cultura era o termo designativo dos cuidados para com as terras ou animais e, ainda, de uma parcela de terra cultivada. Contudo, desde a Idade Média até ao século XVIII no contexto francês, a sua evolução deu-se no sentido de a por em relação com o ser humano, tornando-a no aspeto caracterizador do mesmo. A cultura tornava-se então na *“soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada na sua universalidade.”* (idem)

O termo foi adotado pela Alemanha ainda no mesmo século, mas a sua evolução pelo século XIX não vai num sentido universalista, mas sim particularista. Devido a questões políticas e, conseqüentes, divisões territoriais, os diferentes principados queriam afirmar a sua existência e diferença e faziam-no exaltando a sua cultura. Então, observamos o termo cultura como revelador *“da alma, do génio de um povo (...) como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o património de uma nação.”* (Ferreira, 2003: 24)

Temos, portanto, um sentido de cultura coletivo, que une os indivíduos de uma certa sociedade e outro mais particularista, que admite a existência de diversas culturas numa mesma sociedade e são duas concepções ou perspetivas etnológicas que podemos tomar sobre o mesmo termo.

O facto é que sendo universalista ou particularista, a cultura é aquilo que põe os indivíduos e o seu meio ambiente em relação. Daí, a que a escola americana

denominada por “Cultura e Personalidade” (século XX) privilegie a relação entre o indivíduo e a sua cultura, mostrando que estes dois elementos são indissociáveis. Esta escola acredita que *“a cultura não existe enquanto realidade”em si”, fora dos indivíduos, mesmo que todas as culturas tenham uma relativa independência em relação aos indivíduos,”* um e outro apenas são compreendidos pela relação que mantêm. (Cucho, 1999: 75)

O que vai, de certo modo, corroborar o que nos diz Kroeber relativamente a esta relação entre a cultura e o Homem, isto é, para além das normas, valores, ideias presentes na cultura, não podemos esquecer o comportamento humano também lá contido. Acrescenta ainda que a cultura reside no Homem *“a partir de cujo comportamento (que também contém elementos não culturais) é inferido e interpretado, ou seja, é formulado por abstracção.”* Não esquecendo ainda o papel determinante deste para que as manifestações culturais aconteçam, são as pessoas que proporcionam a produção de qualquer forma de cultura. (Kroeber, 1993: 163, 173)

Então se cultura existe pela relação que mantêm com o Homem, e sendo este um ser social, ela está implicitamente relacionada com o modo como determinado número de indivíduos vive num grupo social, o modo como agem e pensam, assim como com as representações sociais que orientam esses mesmos indivíduos, ou seja, os valores, as ideologias, as normas. (Vieira, 1999: 57)

Contudo, e tendo em conta essa realidade multicultural em que vivemos, a interculturalidade é um facto presente em todos os aspetos da nossa vida e, principalmente, da nossa pessoa. As influências que recebemos do outro estão presentes em nós, assim como as nossas estão nele. É um processo de interação cultural que nos move em direção à nossa própria construção como ser humano, como um ser cultural e, a um termo mais alargado, à humanidade que somos hoje.

Então, se é um processo de interação, não nos podemos referir a cultura como um processo estático, mas dinâmico, em permanente construção, pois todos os dias essa troca de influências culturais acontece. A cultura é portanto *como um sistema de comunicação* (Vieira, 1999: 57) entre diferentes culturas, e, logo, um sistema intercultural que desde sempre esteve presente na sociedade.

Queremos com isto dizer que apesar do termo “interculturalidade” ser relativamente recente, o fenómeno em si, ou seja, os intercâmbios culturais sempre existiram. Exemplo disso, e reportando-nos mais para a realidade portuguesa, um grande foco intercultural foi entre o ano 1385 e 1521, a era dos Descobrimentos, em que Portugal se instalou no continente africano, asiático e americano. Independentemente das opiniões e emoções suscitadas pelos limites éticos que foram ultrapassados aquando as colonizações, na perspectiva intercultural, o que estava a acontecer eram assimilações culturais entre as duas partes intervenientes desta realidade. Não esquecendo o facto dos fluxos emigratórios que emergiram tanto durante esse império português, como quando esse mesmo império se desmoronou e houve um retorno ao país de origem. Fluxos esses que, também, são de todo fundamentais para uma troca e diversidade cultural bastante viva. (Peres, 1999: 36)

Assim sendo a interculturalidade não é mais do que *“uma viagem em direcção ao outro que só acontece quando aprendermos a gostar de nós e a superarmos as barreiras entre o “nós” e o “outro”.*” (Peres, 1999: 34)

É um fenómeno que ao longo dos tempos se tem afastado, ou se tem tentado afastar, daquele que descreve a mera convivência de culturas, a multiculturalidade. Este pressupõe a coexistência de culturas diferentes num mesmo espaço social, mas que não passa disso mesmo, uma coabitação. O que é de facto ultrapassado pela interculturalidade que já *“implica as noções de “reciprocidade” e “troca na aprendizagem”, na comunicação e nas relações humanas.*” (Vieira, 1999: 57)

Como afirma Kroeber (1993:197), *“as culturas tendem para a integração”,* embora não seja total, a integração acontece, principalmente nos dias de hoje em que a existência de várias culturas num mesmo espaço social acontece.

Tomamos assim este fenómeno de integração como o fenómeno da interculturalidade.

Quando, por um lado, falamos de aceitação da diversidade cultural existente em todas as sociedades, independentemente do grau de maior ou menor intercâmbio cultural, por outro lado falamos também de aceitação da diferença (ou diversidade) que cada um de nós apresenta, principalmente quando nos referimos a indivíduos com

características específicas, neste caso a surdez. Pois, na perspetiva intercultural *“dispomo-nos para o outro e estendemos a mão num gesto voluntário de acolhimento e sentido de igualdade e fraternidade. Não somos superiores ou inferiores, somos diversos e esta é a maior riqueza dessas relações.”* (Afonso e Cavalcanti, 2006: 18).

## 2. Identidade (s) (pessoal, social e cultural)

*“(...) identidade não é um facto ou uma estrutura estática, mas antes, um processo dinâmico onde os outros interagem connosco, com o nós, com o eu, e os reconstroem.”* (Vieira, 1999:18)

Identidade é um termo que pode ser designativo de uma construção inerente ao indivíduo, pois é cada um que constrói a sua e que nos mostra a articulação do psicológico e do social de cada um. (Ferreira, 2003: 35)

Se é uma construção inerente ao indivíduo, significa que depende de nós, no sentido de aceitarmos e assimilarmos as influências do que e de quem nos rodeia. Daí a Ferreira se referir ao psicológico e social de cada indivíduo, aspetos que estarão articulados “à maneira” de cada um.

Podemos, a partir daqui, ter noção da existência de várias identidades, no sentido, em que a sua construção (e reconstrução) pode ser influenciada a partir de diferentes “fontes”, mas que todas elas vão ao encontro da construção de um todo identitário, que é o que faz de nós aquilo que nós somos. (Vieira, 1999: 40,41)

A identidade pessoal está diretamente relacionada com aquilo que Vygotsky chama de “fala interna”, *“A fala interna é (...) pensamento em significados puros.”* (Vygotsky in Sacks, 2010: 67) Há como que uma dissipação das palavras para que estas se tornem em pensamentos. Pensamentos estes que diferem de indivíduo para indivíduo, mesmo estando perante uma mesma situação. Referimo-nos à construção do pensamento próprio, ou seja, à visão e interpretação pessoal daquilo que nos

rodeia e que só nós realmente sabemos, como se falássemos com uma voz interior para nós mesmos. Assim, vamos construindo a nossa própria visão da realidade que nos envolve, construindo os nossos conceitos e significados.

Logo, não podemos afastar a linguagem, o pensamento e a fala interna da construção da nossa identidade, pois são como características singulares e específicas que identificam cada um de nós. Já dizia Vygotsky que “*nós somos nossa linguagem*” (Vygotsky *in* Sacks: 2010, p.67).

Assim sendo, podemos dizer que é através da língua que nos relacionamos primeiramente com o mundo, interpretando-o, pensando-o e expressando-o “à nossa maneira”. É esta que impele a construção da nossa identidade pessoal, mas também enquanto indivíduos pertencentes a um meio social e, logo, a uma determinada cultura, na qual não existimos sozinhos.

Então é de tamanha importância referir o “outro”, as pessoas que nos rodeiam, durante o nosso desenvolvimento e a nossa construção e reconstrução identitária. Quer seja pela diferença ou pela assimilação do que o outro é, vai existir sempre um intercâmbio de influências. Logo, o outro estará sempre presente na nossa identidade pessoal. (Vieira, 1999: 42)

É com o nosso crescimento que a tomada de consciência do que é diferente se vai alargando a outros campos como “*outros comportamentos, outras referências, outras representações, outras religiões, outras etnias, etc.*” (Vieira, 1999: 42) O que conseqüentemente leva a que nos posicionemos na sociedade a que pertencemos e assim construir a nossa identidade social.

A identidade social permite ao indivíduo posicionar-se no seu meio (social), relativamente ao sexo, idade, classe ou nação. Assim sendo, ela pode ser identificada num indivíduo como também num grupo de pessoas que partilhem as mesmas características. Será uma identidade que une um certo número de indivíduos e que os diferencia de outros. (Ferreira, 2003: 35)

É neste ponto que entra a identidade cultural, que para Ferreira (*idem*) é uma forma de distinção entre grupos, ou seja, são diferentes no aspeto cultural. O que vai ao encontro de Vieira quando este se refere à “*aprendizagem da diversidade cultural*”,

no sentido em que, durante o nosso desenvolvimento, vamos tendo cada vez mais consciência da diversidade cultural que nos rodeia, conseguindo identificar aquilo que nos é diferente. Contudo, afirma também que saber dessa consciência em nós não implica saber a forma como “arrumamos” essas diferenças se “*de forma hierarquizada, desigual ou não, simplesmente alternativa, etc*”. (Vieira, 1999:42)

Todavia, distinção pode não significar separação, pois nos tempos que correm é cada vez mais comum vermos diferentes grupos culturais partilharem o mesmo meio social. Independentemente de como o fazem, existe uma participação do indivíduo nas diferentes culturas, o que faz com que ainda se fale numa identidade sincrética e não, como muitas vezes se pensa, numa dupla identidade. Ou seja, há uma assimilação de padrões culturais das culturas em que esse indivíduo possa participar. (Ferreira, 2003: 35)

São estes sincretismos que confirmam o não estaticismo da nossa identidade e que assim comprovam o facto de esta estar em constante construção, logo ser considerada um processo. “*A construção/ reconstrução da identidade corresponde sempre à integração do novo no já possuído (...), donde resulta não uma adição mas antes uma integração feita um pouco ao modo de cada um.*” (Vieira, 1999:47)

Uma integração à qual, Costa se refere por outras palavras, como síntese, em oposição a somatório, e daí, tal como Vieira, a se referir à identidade como processo, contendo apenas uma diferença, em que ela acrescenta-lhe outra característica, a de ser conteúdo também. Pois apesar da identidade sofrer constantes modificações e por isso ser chamada de processo, não podemos esquecer o seu conteúdo, isto é, os elementos que vão enriquecendo o próprio processo. (Costa, 1991: 46)

Então, somos um ser intercultural na medida em que a nossa construção identitária acontece em relação com o outro e somo-lo cada vez mais cedo, pelo facto de estarmos em contacto com o outro, e por isso termos consciência do que é diferente, mais cedo. (Vieira, 1999: 49)

*“A gente, para a gente mesmo, é a gente. (...) A gente para o outro, não é a gente; é o outro. (...) Temos, portanto, dois estados: ser o “eu” de cada um de nós e ser o outro.”*  
(Braga *in* Quadros, 2006)

### 3. Educação intercultural como espelho de uma sociedade intercultural

Segundo Duarte, Ricou e Nunes (*in* Coelho, 2005: 128) a escola é um espelho da sociedade, então ambas deveriam reajustar estratégias de forma a dar resposta à diversidade dos problemas apresentados por cada indivíduo *“no sentido de lhes proporcionar um melhor desenvolvimento biopsicossocial (...)”*

A sociedade em que vivemos é cada vez mais preenchida por grupos culturais diferentes, o que faz com que a afluência às instituições escolares de crianças com bases culturais diversificadas seja bastante comum. Contudo, esses grupos aos quais as crianças pertencem são normalmente minorias, pelo que poderão sofrer alguns problemas na própria escola. Ferreira enumera alguns dos mais comuns que podem levar a que haja algum tipo de conflito no espaço escolar, como dificuldades socioeconómicas, comportamentos ambivalentes, marginalidade social, discriminação, insuficiente domínio da língua do país de acolhimento e orientação bicultural e, ainda, determinados comportamentos do professor perante uma diversidade cultural ao qual não está preparado. (Ferreira, 2003: 49,50)

Todo este leque de possíveis causas de problemas, se de facto se confirmarem na escola, os alunos terão as suas sanções, o que poderá levar à revolta do aluno, ao insucesso e até ao abandono escolar. (Afonso, 2007: 67)

Problemas que se não forem combatidos serão o meio com o qual a criança/ indivíduo estará em contacto durante o seu tempo escolar (independentemente da duração), o que poderá levar a que haja a absorção dessas influências do meio na construção da sua identidade. E aquando da transição para o meio social, esses

indivíduos terão comportamentos inadequados à sociedade em que vivem e, principalmente, à convivência com o outro.

Então a escola poderá ter o seu papel social, combatendo os preconceitos existentes e evitando assim problemas maiores, tentando “*promover uma ideologia universal, fundamentada no respeito dos direitos do homem e (...) favorecer uma abertura dos alunos em relação à diversidade de culturas.*” Promovendo no fundo uma educação intercultural. (Lipiansky in Ferreira, 2003: 51)

Segundo Martins a educação intercultural, antes de mais, deverá ser sistémica. Para que seja eficaz, uma aprendizagem ou formação deverá ser contínua durante um determinado período de tempo, de modo a que os objetivos sejam bem desenvolvidos por parte de quem os transmite e bem compreendidos por parte de quem aprende, quer esteja em causa o grupo maioritário ou minoritário. (Martins in Ferreira 2003:96)

Como tal os objetivos de uma educação intercultural são-nos apresentados por Martins como:

*“uma maior compreensão das culturas nas sociedades modernas; uma maior capacidade de sintonia entre pessoas de culturas diferentes; uma atitude mais adaptada ao contexto de diversidade cultural de uma dada sociedade, devido à melhor compreensão dos mecanismos psicossociais e dos factores sociopolíticos capazes de produzir o racismo; uma maior capacidade para participar na interacção social, criadora de identidades, e de reconhecimento da pertença comum à humanidade.”* (Martins, 1998 in Ferreira 2003:96)

Pode-se denotar que a educação intercultural ultrapassa os princípios do multiculturalismo, no sentido em que este se fica pelo respeito da diferença entre grupos, assim como da sua convivência na sociedade. Contudo, e segundo Ferreira (2003: 100), a comunicação entre eles seria difícil, ou seja, a conceção multicultural pressupõe apenas a coabitação de grupos diferentes, mas que vivem “isolados” dos outros.



O que confirma o que foi referido por Vieira (1999: 64,65) relativamente à educação multicultural, que teve como primeiras preocupações um sentido de justiça social, que passava por se procurar a *“igualdade e combater a discriminação”* em minorias sociais inicialmente, transpondo-se mais tarde para grupos culturalmente diferentes (outras línguas, classes sociais, género). Ou seja, ele refere-se à multiculturalidade como apenas uma pluralidade de culturas e o que faria a ponte para a interculturalidade seria o fator comunicação entre elas.

É *“preciso ter em conta os dinamismos sociais (...) que atravessam ainda cada indivíduo transformando-o (...), agregando dentro de si próprio diferentes “culturas”, estatutos e papéis.”* Assim sendo, passamos de uma perspetiva multicultural para intercultural, na qual não existe apenas o respeito pela diferença, mas também uma ligação entre o que é diferente, neste caso, entre os diferentes grupos culturais. (Ferreira, 2003: 100, 112)

O que em contexto escolar passa também pela abordagem de outras culturas, seus costumes, hábitos, enfim, origens e não por uma mera referência à existência das mesmas, explicitando apenas em quê que elas diferem. Uma abordagem mais estruturada de certa cultura faz com que a diferença seja tida como um elemento impulsionador de um diálogo entre culturas diferentes e não como um elemento que as separa. Para além do que fará enriquecer cada aluno, tanto no que respeita a sua própria cultura, como no *“conhecimento de outras culturas e ao usufruto dos bens por elas proporcionadas no exercício da cidadania.”* (Leite in Afonso, 2007: 70)

Seria um processo que para a sua efetivação demandaria uma primeira mudança a nível dos professores, fazer com que eles próprios passassem a ter uma perspetiva educacional intercultural (Afonso, 2007: 70).

E aí o caminho para um diálogo entre culturas, intercultural, com o outro que me é diferente, estaria aberto na escola, permitindo assim a construção íntegra da própria identidade das crianças. (Afonso, 2007: 80)

Então, se o outro me permitirá a construção da minha identidade, pode-se afirmar que esta *“educação, de cariz emancipatório, assume simultaneamente a igualdade e a diferença como direito.”* (idem) Pois, é o outro aluno, de uma outra

cultura que me possibilitará um enriquecimento cultural (exterior à minha cultura), como um sentimento de pertença a um grupo. Assim como, valorizará a minha cultura que é diferente de outras, tendo sempre em conta que, mesmo dentro de um grupo cultural, existirão diferenças de elemento para elemento. Exemplos disso, relativamente aos Surdos, são *“os casos de Surdos que nasceram Surdos, Surdos que ficaram Surdos, Surdos filhos de ouvintes e Surdos filhos de Surdos.”* (Afonso, 2007:81)

Uma educação intercultural ultrapassaria assim a simples aceitação e reconhecimento da diferença, impulsionando uma partilha cultural com o objetivo de se originarem criações e enriquecimentos novos, inovadores e recíprocos. (Vieira, 1999: 68)

## CAPÍTULO II – Surdez: um sentido a menos ou uma característica cultural?

### 1. Surdez

#### 1.1. Um reconto histórico

Desde sempre na história da humanidade a diferença suscitou (e suscita) olhares atentos e curiosos a quem o era e, infelizmente, comportamentos inadequados e impróprios, levando-os, por vezes, a um extremo tal que crimes e atrocidades desumanas eram cometidas. Com a exceção do povo egípcio, que tratava os surdos como mediadores dos deuses na terra, em toda a antiguidade grega e romana – pilares da nossa sociedade – entre outros povos, toda e qualquer pessoa que nascesse com alguma disformidade, deficiência, incapacidade física e mental era de imediato banida e a maior parte das vezes exterminada, pois revelava algo de pecaminoso, impuro que teria de desaparecer deste mundo. (Afonso, 2007: 40)

Diferente não era com os surdos, que quando não eram mortos, viviam à margem da sociedade, pois estavam suprimidos de qualquer direito cívico como receber heranças ou participação em atos religiosos, como missas e até casar só era possível com autorização Papal. (*Idem*)

Portanto, muitos anos de sofrimento e injustiça foram vividos por esta comunidade.

É no século XVI, que a história destas pessoas toma outro rumo, com o monge beneditino espanhol Pedro Ponce de León, que apesar de se saber muito pouco sobre o método utilizado, o facto é que os seus alunos eram capazes de ler, escrever, fazer contas, orar e confessarem-se por palavras. Houve então uma mudança no conceito

surdo-mudo, começando-se a olhar para a surdez e a mudez como duas palavras distintas. Mas ainda hoje existe alguma confusão neste campo e as pessoas tendem a relacionar uma coisa com outra. Ponce de León, influenciado pelo médico e matemático Gerolamo Cardomo, desenvolveu um método de ensino baseado em sinais, uma forma de alfabeto manual (cada letra correspondia a uma configuração de mão). Todo o seu trabalho foi novidade, mesmo que contrariasse os pressupostos sociais da altura que não acreditavam na educabilidade das pessoas surdas. (Guarinello, 2007: 21)

Outro marco importante na história dos surdos foi no século seguinte, com John Wallis, educador e estudioso nesta área, considerado o pai do método escrito da educação para surdos, sabe-se que utilizava gestos no seu ensino datilológico. Claro que ao olhar da sociedade todo e qualquer tipo de gestos utilizado para comunicar era visto como algo *contra natura*, pois a fala era uma dádiva de Deus. Daí a métodos oralistas, a aprendizagem de leitura labial serem sempre contrapostas aos métodos gestualistas. (Guarinello, 2007: 22)

É no século XVIII com Charles Michel de L'Épée que se fala pela primeira vez numa língua própria desta comunidade. L'Épée utilizava um método de ensino baseado em gestos, no qual havia *“uma combinação da língua de sinais nativa com a gramática francesa traduzida em sinais”* (Sacks, 2010: 26). Já havia, portanto, uma preocupação em aprender a língua utilizada pelos surdos, adaptá-la e enriquecendo-a de significados, de modo a que os surdos tivessem acesso ao conhecimento, cultura e educação. L'Épée foi um homem muito dedicado a ajudar a comunidade surda em França, abrindo abrigos que o próprio sustentava. A maior diferença para com os seus antecessores é que L'Épée permitia o acesso aos seus métodos e aulas a toda a comunidade, independentemente da sua situação económica e quer fossem surdos ou ouvintes, o que permitiu a formação de professores para surdos. Os resultados desta escola foram de tal forma positivos, que outras foram abertas pela França e Europa.

Até que no século seguinte, tal método foi levado para os Estados Unidos da América por Gallaudet, junto com Clerc e aplicado com grande sucesso. Porém, por altura da morte de Clerc (1869) surgem, em grande força, as tendências oralistas, que

visavam pôr os surdos a falar e a não utilização de gestos. Ou seja, todos os esforços e todas as “vitórias surdas” alcançadas estavam a regredir. Fazer com que os surdos aprendessem a falar através da língua que não lhes era natural, era de facto aumentar a lentidão das suas aprendizagens e, por isso, dar um passo para trás relativamente ao que já tinham alcançado. (Sacks, 2010:33)

Um dos maiores defensores do oralismo foi Alexandre Graham Bell, que, curiosamente, tinha no seu seio familiar duas surdas, a mãe e a esposa. Foi o seu prestígio social que fez com que o caminho em direção ao Congresso Internacional de Educadores de Milão se abrisse mais rapidamente. (Sacks, 2010:35)

Então, em 1880 realizou-se esse congresso em Milão que visava a educação para surdos, mas os próprios educadores/ professores surdos não tiveram lugar, o que daí resultou foi a proibição da utilização de gestos nas escolas. O método oralista foi portanto considerado superior ao gestualista, na medida em que também se teve em conta o facto dos participantes considerados para tal evento serem na sua maioria “adeptos” de tal método, “entre os 164 delegados convidados, existiam 66 italianos e 56 franceses, que eram declaradamente oralistas.” (Carvalho, 2007: 64)

Uma decisão completamente desoladora para quem era surdo, pois ficaram proibidos de utilizar a sua língua natural e obrigados a comunicar por aquela que era e é a segunda língua, a língua oral. Obviamente, as consequências desta deliberação foram negativas tanto em termos sociais e académicos. Pois, passados tantos anos de sofrimento e luta por um lugar justo na sociedade, a discriminação voltou em grande força. O que fez com que os surdos se unissem numa comunidade ainda mais fechada, que comunicava, ainda que clandestinamente, por gestos, se afastassem da sociedade (maioritária). Juntando a isto a queda do nível académico e consequente decréscimo na qualidade de emprego destas pessoas, só se pode concluir que ao tomarem as pessoas surdas como ouvintes se está a desvalorizar a sua singularidade, tornando mais visíveis as suas dificuldades.

Passado bastantes anos (década de 1950) o aparecimento de William Stokoe no *Gallaudet College* e seu, consequente, interesse por esta comunicação através de gestos, fez com que este linguista direcionasse o seu estudo e investigação para a

aprovação da existência de um sistema linguístico estruturado e complexo, como o existe numa língua oral, naqueles movimentos que se pensara até então serem uma representação simplista do inglês. (Sacks, 2010:70)

É com a obra *“Dictionary of American Sign Language”* de Stokoe (1965) que surge uma investigação científica e, portanto, uma prova que legitima a existência de uma língua gestual estruturada e complexa, longe daquelas simples transliterações do inglês oral para um inglês em gestos.

Com isto as opiniões começaram a mudar, assim como também começaram as manifestações que reivindicavam o regresso da língua gestual. Ou seja, mais uma vez a lutar pelo “simples” facto dos surdos poderem comunicar através daquela que era a sua língua natural, a língua gestual.

Surgiram ainda filosofias como a da Comunicação Total, que como o próprio nome indica e como Guarinello (2007: 31) sugere, são utilizados vários e diferentes métodos na sala de aula, como por exemplo o uso de gestos, fala, expressão facial, aparelhos de amplificação sonora. Ou seja, o uso de gestos ia reaparecendo aos poucos. Outra proposta também bastante bem aceite e também referida pela mesma autora foi a proposta bilingue, na qual o surdo tinha acesso a ambas as línguas, contudo dava-se prioridade à língua gestual por ser a sua língua natural e só depois se partir para o conhecimento da língua maioritária ou a oficial do país, que seria a sua segunda língua.

## 1.2. Um reconto português

O primeiro marco referente à educação de Surdos em Portugal é normalmente Per Aron Borg, fundador do primeiro instituto para Surdos em Estocolmo, que em 1823 veio para Portugal incumbido pelo nosso rei D. João VI em organizar o Instituto de Surdos-Mudos e Cegos, em Lisboa, no qual é utilizado o alfabeto manual e a Língua Gestual. (Cabral, 2005: 50)

A sua direção prolongou-se durante os 5 anos seguintes, com o término destes e com a passagem para a tutela da Casa Pia, Per Aron Borg retirou-se do cargo, o qual tomou conta o seu irmão Johan Borg. A partir daqui tanto a direção como a tutela do instituto sofreram bastantes mudanças, o que demonstrava alguma instabilidade quanto à educação dos Surdos em Portugal. José Crespim da Cunha, Augusto de Castro, José Costa, Bernardo Fragoso, José Teixeira, foram alguns dos nomes que passaram pela direção desse instituto, contudo não obtiveram frutos positivos (problemas financeiros e decadência do ensino), o que levou ao seu encerramento em 1860. (Carvalho, 2007:5)

Só com o passar de uma década é que se volta a ouvir falar da educação de Surdos pelo Padre Pedro de Aguiar, que criou um curso gratuito para Surdos e que em 1872 fundou um Instituto em Guimarães, onde identicamente ao seu antecessor Per Aron Borg, utilizou a Língua Gestual e obteve resultados positivos, mas que sofreu da mesma razão para o seu encerramento, questão financeira. (Afonso, 2007: 11)

Ainda sob a égide de Padre Pedro Aguiar, fundou-se, em 1877, um outro instituto no Porto que com a morte dele, em 1879, passou a ser dirigido por Eliseu Aguiar, seu sobrinho. Porém, este instituto só esteve aberto durante 10 anos, desde a sua fundação, pelo facto de Eliseu ter sido convidado para diretor do mais recente Instituto Municipal de Lisboa. O qual sofreu diversas mudanças de instalações e de direção, até que, em 1905, foi associado à Casa Pia de Lisboa e que desde cedo as metodologias de ensino já caminhavam em direção a um ensino oralista. (Melo,s/d: 9)

É de referir então a influência que o Congresso de Milão teve no nosso país, ainda que não tivéssemos presente nenhum representante português, o facto é que fomos seguidores das suas decisões em banir a utilização de qualquer tipo de gesto e enveredar unicamente pelos métodos oralistas. E como tal, temos o primeiro exemplo disso, Aniceto Fusiller, que cria em Benfica um instituto oralista em 1890. A partir daqui a criação de outros institutos pelo país acresceu, como por exemplo os Institutos Jacob Rodrigues Pereira, Imaculada Conceição (em Lisboa), Araújo Porto, António Cândido (no Porto), Surdos do Funchal, entre outros, partilhando todos de uma

metodologia oralista e, portanto, uma perspectiva medico-pedagógica. (Afonso, 2007: 11,12)

A situação vivida no Porto reverteu-se em 1893, quando se inaugurou o Instituto Araújo Porto. Tal foi conseguido pela herança deixada por José Rodrigues Araújo Porto à Santa Casa da Misericórdia. É um instituto que se interessa pelo desenvolvimento do ensino e, por isso, os médicos Luís Lobo e Nicolau Pavão Sousa são enviados a Paris para se formarem como professores de “surdos-mudos”. (Carvalho, 2007: 7)

Até ao final do século XX, a surdez, esteve confinada ao grupo das deficiências. Logo, os surdos eram agrupados em instituições próprias, pelo facto de serem equiparados a indivíduos com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (Pacheco e Caramelo, 2005: 21). E durante grande parte deste século os alunos não tiveram um “poiso” certo, pois eram encaminhados de instituto para instituto, de Lisboa para o Porto, mudando estes de direção e normas, como por exemplo na questão do sexo a aceitar nos institutos. (Carvalho, 2007: 10)

É na década de 80, do mesmo século, pela troca de influências com os países nórdicos, que se começa a repensar tanto o facto da inserção de Surdos em turmas ouvintes, como a posição que a Língua Gestual ocupa em Portugal e fazer com que ambas as situações ganhem relevo no nosso país. (Afonso, 2007: 19)

Exemplo disso foi o estudo realizado, em 1989, por Maria Augusta Amaral e Amândio Coutinho, com o objetivo de saber quais as *dificuldades reais dos surdos*. Entre as quais descobriram, por exemplo, que o vocabulário destes indivíduos é reduzido, que não têm a estrutura da língua portuguesa interiorizada, que a sua *escolaridade é inferior à dos ouvintes*, assim como apresentam *dificuldades ao nível da socialização*. O que os levou a concluir que as metodologias oralistas adotadas até então não tinham frutos positivos nos seus alunos, pois *não desenvolviam todas as suas potencialidades*. Daí, a proposta que fizeram em se utilizar o Método Bilingue, o qual se baseia na Língua Gestual Portuguesa, para que depois possam aprender a Língua Portuguesa (oral) como segunda língua. (Carvalho, 2007: 13)



A partir da última década do século XX já se começa a olhar “*a pessoa surda como alguém diferente, integrado numa minoria linguística e/ ou grupo cultural*” (Pacheco e Caramelo *in* Coelho, 2005: 21), o que leva a que os olhares assentados sobre este grupo de pessoas comecem a ter tomar um rumo diferente. Fazendo com que a surdez, antes olhada como uma deficiência, seja agora compreendida e vista como uma característica cultural e linguística.

## 2. Olhares sobre a Surdez

Desde sempre os Surdos foram vítimas de todo tipo de preconceito, discriminação e exclusão social. O facto de não poderem utilizar a audição como um meio disponível para a comunicação levou-os a canaliza-la para os gestos e expressões faciais, logo uma comunicação visuo-espacial. E também pelo facto de não conseguirem controlar o volume dos sons emitidos, talvez por não terem tido qualquer tipo de acompanhamento, leva a que as pessoas os olhassem como “deficientes” e daí os maltratassem, quer física ou psicologicamente, quer os pusessem num lugar à margem da sociedade.

Tal situação remete-nos para um “olhar sobre a surdez” mais médico-pedagógico, em que de facto é possível saber algumas das causas para tal acontecer, assim como distinguir os diferentes graus e tipos de surdez que podem ocorrer num determinado indivíduo. É portanto um olhar que conota a surdez como um problema físico, que por haver a perda de um sentido a considera como uma deficiência.

Contudo, grande esforço se tem feito no sentido contrário a esta perspetiva, ou seja, o afastamento do olhar a surdez como deficiência, para um olhar sobre a Surdez num sentido cultural, em que os indivíduos Surdos pertencem a uma comunidade específica, tendo em conta tudo o que isso envolve, isto é, uma cultura e uma identidade específica, próprias de quem é Surdo. Como nos dizem Gomes, Cabral e

Coelho (2006: 53) *“O que os surdos desejam é que o seu corpo seja pensado não como um lugar de deficiência, mas apenas como um lugar de diferença.”*

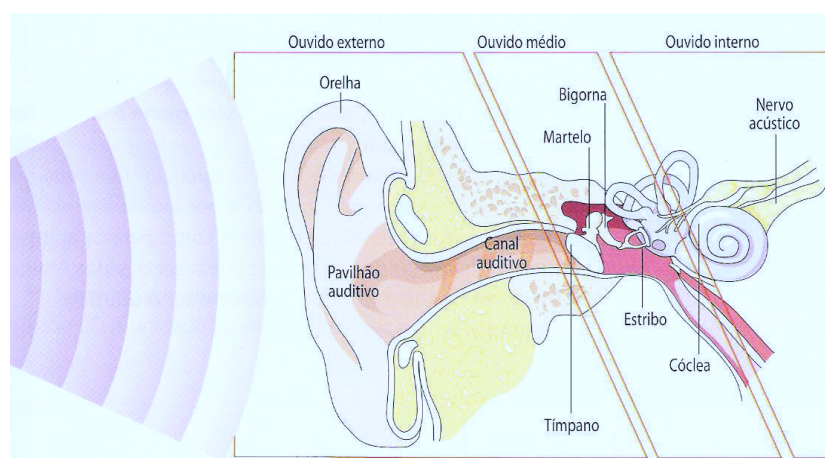
São duas perspetivas divergentes, que coexistem, independentemente da opinião pessoal de qualquer pessoa, surda ou ouvinte, seja ela favorável ou desfavorável a uma ou outra perspetiva. Especificamente em relação aos Surdos, Padden e Humphries (2005: 163) afirmam que *“Deaf people, whether they like it or not, live their lives in the middle of this contradiction.”*

E são dois lados desta moeda que chamamos *“Surdez”* que iremos analisar ao longo deste capítulo.

## 2.1. A perspetiva médico-pedagógica

### 2.1.1. Factores etiológicos, graus e tipos

O ouvido é o órgão responsável pela captação e perceção sonora, contudo o processo que levará à compreensão total dos sons, apenas funcionará em pleno se as partes constituintes do ouvido, que são o ouvido externo, médio e interno, não estiverem afetadas.



(Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/mrsd/8ano/Audicao.htm#b1> Acedido em 07/ 02/ 12)

O ouvido externo é formado pelo pavilhão auditivo, a única parte visível sem ser necessário o recurso a instrumentos próprios, e o canal auditivo, através do qual o som viaja até se deparar com o tímpano. Uma vez chegados ao ouvido médio deparamo-nos com três ossos de dimensões mínimas conhecidos como martelo, bigorna e estribo, que vibram com a passagem do som que vai em direção ao ouvido interno. Aqui, é a cóclea que vai tratar da continuação do processo sonoro, são os seus pequenos pelos que vão transformar os sons em sinais, que vão chegar ao cérebro através do nervo acústico. (Chalow, Thea (s/d). *Hearing Loss Education Center*. Acedido em 07/ 02/ 12, disponível em: <http://www.hearinglosseducation.com/Hearing/how-hearing-works.asp> )

A surdez é assim “*caracterizada como um problema sensorial não visível, que acarreta dificuldades na detecção e percepção dos sons(...).*” (Santos, Lima, Rossi in Silva, Kauchakje, Gesueli, 2003: 17) Ou seja, algures neste processo existe alguma lesão ou malformação que não permite a passagem do som de forma que a sua percepção seja bem sucedida.

Entre todos os indicadores para que isto aconteça, os mais conhecidos, relativos ao nascimento até 28 dias, serão infeções como sífilis, toxoplasmose, rubéola, herpes, peso de nascimento inferior a 1500 gramas, anomalias craniofaciais. No que diz respeito a crianças com 29 dias até 2 anos, meningite bacteriana, traumas cranianos, estigmas associados a síndromes que incluam perda auditiva, medicação ototóxica e otite média persistente (durante 3 meses pelo menos). (Santos, Lima, Rossi cit in Silva, Kauchakje, Gesueli, 2003: 19,20)

O grau da perda auditiva é medida em decibéis (dB) e mostra extensão da perda. Segundo a escala de Stach<sup>1</sup> temos uma perda auditiva:

Normal: até 10 dB

Mínima: de 10 a 25 dB

Leve: de 25 a 40 dB

---

<sup>1</sup> Brad Stach é o diretor dos serviços clínicos e de audiologia no *Central Institute for the Deaf*. É também professor de audiologia e diretor do programa de graduação na mesma área no *Department of Speech and Hearing* na *Washington University* em Saint Louis. (Stach, 2003: ix)

Moderada: de 40 a 55 dB

Moderadamente severa: de 55 a 70 dB

Severa: de 70 a 90 dB

Profunda: maior do que 90 dB

No grau de perda auditiva leve, já se podem encontrar algumas dificuldades na percepção de alguns sons em ambientes ruidosos ou mesmo na percepção da totalidade dos sons, o que poderá levar a pequenas dificuldades articulatórias. O uso de uma prótese auditiva poderia ajudar percepção a ser mais precisa, visto a perda auditiva ser bastante reduzida. (Afonso, 2007: 22)

Já no grau moderado, as dificuldades perceptuais encontradas são maiores, pois o indivíduo já necessita que se eleve a voz para entender as palavras, assim como poderá não conseguir acompanhar uma discussão em grupo. Teremos indivíduos com dificuldades articulatórias mais graves e, logo, com uma linguagem expressiva oral mais limitada. Neste caso o acesso aos sons só será possível com o uso de prótese auditiva. (Afonso, 2007:22)

Relativamente ao grau severo, a linguagem oral não será adquirida espontaneamente, a percepção sonora acontecerá apenas com sons próximos, ou se as palavras forem ampliadas.

Por fim, a perda auditiva profunda, não permite ao indivíduo *perceber a fala através da audição* e as limitações para uma aquisição oral da linguagem serão enormes. (Afonso, 2007:23)

É neste ponto que é possível fazer uma distinção entre deficiência auditiva e surdez, no sentido em que esta última se refere a perdas superiores a 90dB, ou seja, ao grau de perda auditiva profundo. Em que o "*processamento da informação linguística através da audição*" é impossível, quer haja ou não amplificação dos mesmos. (Afonso, 2007: 15).

O tipo de perda está relacionado com o local do ouvido que está afetado. A perda pode então ser classificada como condutiva, quando há uma alteração no ouvido externo e/ ou médio e o que está em causa é a via aérea por onde o som se

propaga, embora a percepção da fala não esteja muito afetada. A perda auditiva pode ser também neurossensorial, quando acontecida no ouvido interno e porá em causa a via aérea e a via óssea. Afetará mais gravemente a decodificação do som, mesmo sendo o próprio a emitir, não conseguirá ouvir. Por fim, a mista, quando se encontram alterações condutivas e neurossensoriais, ou seja, de transmissão e percepção. (Afonso, 2007: 19) Não esquecendo ainda o facto de a surdez se poder verificar apenas num dos ouvidos e por isso denominada unilateral ou nos dois, bilateral.

Pelo facto de não ser visível e por ser detetada um pouco tarde, normalmente, entre os 12 e 18 meses, pois a criança balbucia, faz com que as consequências disso também advenham mais tarde. Quer falemos da adaptação familiar, ou estimulação do desenvolvimento da comunicação da criança, qualquer que seja a opção dos pais (linguagem oral ou Língua Gestual). (Lima, Boechat, Tega *cit in* Silva, Kauchakje, Gesueli, 2003: 42)

### 2.1.2. Fatores sociais da perspetiva médico-pedagógica

Olhando numa primeira passagem para o termo “Surdez”, retiramos de imediato a característica mais evidente e tradicional que é uma perda, ou seja, a surdez remete-nos de imediato para a inexistência de um sentido.

A surdez pode ser de nascença, ou acontecer numa idade muito precoce e por isso chamamos a esses indivíduos surdos pré-linguais ou congénitos. O que significa que nunca ouviram a linguagem oral, logo não sabem o que é o som, pois nunca houve *experiência auditiva*. A surdez pode acontecer mais tarde, num determinado ponto das nossas vidas ou instalando-se progressivamente – surdez pós-lingual. Estes indivíduos tiveram algum ou bastante contacto com a linguagem oral, o que lhes poderá permitir algum tipo de facilidade em se adaptar à nova realidade. (Felizes, 2005: 180, 181)

Deste modo, é bastante comum considerar uma pessoa surda “*aquela cuja audição é tão falha (...) que não consegue entender, sem ou com a utilização de um aparelho auditivo, a fala através do ouvido*” (Friscina, 1974 *in* Kirk e Gallagher, 2000). Trata-se assim de uma conceção médico-pedagógica, que não deixa de ser

tradicionalista e de certo modo usual. Tal como nos relata Harlan Lane: *“Recently I asked a colleague (...) whether he thought that Deaf people have disability. “Of course they do,” he answered. “It’s common sense.””* (Lane in Bauman, 2008: 277) Para além de se referir à surdez como deficiência como sendo uma verdade do senso comum, que toda a gente sabe, podemos ainda retirar desta resposta a essência da conceção médico-pedagógica, a qual perspetiva a surdez como uma deficiência ou até doença e daí a ânsia do seu respetivo tratamento ou recuperação. Ou seja, trazer os Surdos para o mundo ouvinte, como se os estivessem a curar de uma incapacidade ou dificuldade intelectual que os afasta do padrão de normalidade existente, transferindo assim a Língua Gestual para um plano secundário. (Valente, Correia, Dias, 2005: 82)

Não deixa de ser curioso e representativo a perspetiva de Harlan Lane sobre os nossos padrões sociais de aceitação do que é diferente ou das “variações do normal” e como a fronteira para a deficiência é tão ténue como fácil de transpor.

*“(...) we accept differences in weight as normal, but gross obesity is a disability; we accept differences in skin color as normal variation, but we consider albinos to have a disability. Differing degrees of alcohol consumption are not a disability, but alcoholism is. We all learn at different rates – that’s normal human variation – but mental retardation<sup>2</sup> is a disability (...) Mood variation is normal, but we consider mania and depression as mental illnesses.”* (Lane in Bauman, 2008: 279)

A criança surda, muitas vezes, é desde muito cedo diagnosticada como diferente pelos especialistas que estão em contacto com ela desde o seu nascimento e que se propõem a tratá-la. Farão uma descrição dos fatores biológicos que a tornam

---

<sup>2</sup> *The term Intellectual Disability covers the same population of individuals who were diagnosed previously with Mental Retardation in number, kind, level, type, duration of disability (...) While Intellectual Disability is the preferred term, it takes time for language that is used in legislation, regulation, and even for the names of organizations, to change.* (American Association on Intellectual and Developmental Disabilities (2012). *FAQ on Intellectual Disability*. Acedido em 30/ 01/ 12, disponível em [http://www.aaid.org/content\\_104.cfm?navID=22](http://www.aaid.org/content_104.cfm?navID=22) )

diferente da maioria e as suas possíveis consequências no desenvolvimento e aprendizagens. (Lane, 1992: 37)

Tais diferenças poderiam ser esbatidas caso os respetivos especialistas mencionassem “o reverso da moeda”, contrapondo as dificuldades ou a não aquisição da linguagem oral à aquisição da Língua Gestual e ainda a perda auditiva ao *aumento da percepção visual*. Mas o que acontece é apenas a descrição das evidências biológicas na perspetiva ouvinte. (Lane, 1992: 38)

Então, o afastamento do padrão de normalidade, por vezes provocado por nós, leva também a um afastamento social. Segundo Santana, as tentativas médicas em curar o que é diferente, como se de uma doença ou deficiência se tratasse, de forma a normaliza-lo, permite que se pense que são estes processos de “normalização” que no fundo levam à criação de estereótipos sociais, entre o que é “normal”, e por isso aceitável, e o que é “desviante”, e por isso mal visto. *“Em outras palavras, a individualidade é vista como um desvio e, portanto, deve ser corrigida para adequar a pessoa ao que é considerado normal, evitando-se a discriminação.”* (Santana, 2007: 23)

O que vai ao encontro de Harlan Lane quando afirma que é a sociedade que no fundo provoca o sentimento de diferença e suas consequentes dificuldades, pois ao olharmos a surdez como uma “enfermidade”, vamos tratar os Surdos segundo os nossos padrões culturais de deficiência. Vamos tentar perceber a causa da mesma, verificar os tratamentos existentes, tudo no sentido de minimizar as desvantagens de algo que aos olhos da maioria é indesejável. (Lane, 1992: 33)

Transpõe-se assim de uma realidade médica para a realidade social, que não é muito mais favorável a quem apresenta características diferentes, pois conota quem está fora da “norma” de forma, geralmente, negativa, levando ao afastamento desses indivíduos da maioria social, criando preconceitos (negativos), que chegam, por vezes, à discriminação<sup>3</sup>. (Santana, 2007: 23)

---

<sup>3</sup> A discriminação é a manifestação comportamental do preconceito. (Neto *cit in* Ferreira, 2003:39)

## 2.2. A perspetiva sócio-antropológica

Skliar é um dos autores que refere uma perspetiva diferente da surdez, a sua conceção sócio-antropológica concebe a Surdez como uma característica cultural. (Skilar, 2001 *citado por* Afonso, 2008)

É uma perspetiva que se afasta da visão anterior, na qual o Surdo não sofre de qualquer tipo de doença ou deficiência, mas que pertence a uma comunidade específica, que de facto é minoritária, mas que não deixa de ter a sua própria cultura.

Considerada assim uma comunidade linguística, não só pelo facto de haver uma partilha da mesma língua, mas também por se poder identificar nessa língua um sistema complexo, com parâmetros próprios, como a configuração da mão, a localização, o movimento e a orientação das palmas das mãos, ou seja, estamos perante a um sistema independente da língua oral, mas que varia consoante o país a que pertencem, reveladora ainda de uma gramática específica. Assim como é considerada uma comunidade visual devido à produção e compreensão da língua se dar num sentido visuoespacial e não auditivo-oral como nos ouvintes. (Afonso, 2007: 51)

E garantir o acesso a esta é um dos principais objetivos desta perspetiva. Pois, como afirma Maria do Céu Gomes (2010: 14) *“Se for permitido aos surdos usar a sua própria língua, eles terão um desenvolvimento cognitivo igual ao dos ouvintes.”* O contrário terá repercussões negativas na construção de uma identidade surda, que é natural para quem nasce sem audição e, por isso, fazer com que os Surdos sejam *ouvintes que não ouvem*, não será mais do que realçar a única diferença que é a audição ou falta dela. (Valente, Correia, Dias, 2005: 84, 85)

*“(…) privar a criança surda do contacto com a língua gestual é simultaneamente privá-la de contactar com a cultura surda e com outras pessoas iguais a si. É (...) privá-la de construir uma identidade surda, que lhe permitirá a consciencialização e a aceitação da sua diferença.”* (Valente, Correia, Dias *in* Coelho, 2005: 85)



Se é a falta de linguagem que faz com que os ouvintes afastem os Surdos da sua humanidade, compreenda-se então a defesa da Língua Gestual, como um ato de defesa e afirmação dessa mesma humanidade, pois apesar de não ser oral, não deixa de ser linguagem. Então, a Língua Gestual é um dos elementos unificadores dos indivíduos Surdos numa comunidade própria, uma comunidade linguística e visual. (Santana, 2007: 32,33)

É a partir desta perspetiva que o Surdo será aos olhos da sociedade, não um ser portador de uma deficiência, mas portador de uma cultura diferente, tal como referem Padden e Humphries (2005: 161) sobre a conceção de “Cultura Surda”, *“It allows them (os Surdos) to think of themselves not as unfinished hearing people but as cultural and linguistics beings in a collective world with one another.”*

### 2.2.1. Identidade, Cultura e Comunidade Surda

É nesta encruzilhada de lutas sociais, teorias e perspetivas, em que toda a gente (ouvintes) opina e desencadeia acontecimentos sem sequer olhar o outro (Surdos) com compreensão e abertura durante séculos a fio, que surge uma cultura muito forte, unida, de certo modo fechada, no sentido de serem uma fortaleza protetora de quem tanto mal já lhes causou, ou seja, emerge um sentimento de pertença a uma comunidade própria. Como nos dizem Padden e Humphries:

*“The idea of culture offers the possibility of separation and inclusion at the same time. Culture provides a frame for Deaf people to separate themselves from an undefined group of those with hearing impairments, but at the same time, they are included in the world of human communities that share long histories, durable languages, and common social practices.”* (Padden & Humphries, 2005: 160)

O sentimento de pertença já existe, e em 1834 com a fundação da primeira organização social surda, *“Comité de Sourds-Muets”*, começa-se a traçar um rumo que

vai ao encontro do aparecimento de uma comunidade politicamente reconhecida. Com o desenvolvimento e transformação da estrutura desta primeira organização, alargaram-se também as suas funções políticas. Então, juntando o reconhecimento de características comuns que os indivíduos surdos partilham com uma voz política a falar em nome dos mesmos, dá-se de facto um surgimento de uma comunidade surda. (Campos, 2005: 67)

Contudo, é de salientar que estes acontecimentos foram anteriores ao Congresso de Milão (1880), o qual, como já foi referido, foi o causador de um retrocesso sobre aquilo que já se tinha conquistado. (Campos, 2005: 70) Foi mais um marco causador, daquilo que mais tarde se irá chamar, uma “aculturação forçada” por parte dos ouvintes, uma modificação dos padrões culturais surdos de modo a se aproximarem aos padrões culturais ouvintes. (Ferreira, 2003: 36).

Pode-se dizer que tal retrocesso teve vida durante bastantes anos, até que em 1965 com o *“Dictionary of American Sign Language”* de Stokoe que primeiro se ouve falar duma cultura surda. É a partir deste que começa a haver uma consciencialização sobre uma identidade surda e que os Surdos fazem parte de uma comunidade com características específicas, que levam a que tenham uma cultura própria. E não como até então eram vistos, como alguns indivíduos incapacitados ou mesmo deficientes e forçados a comunicar com uma língua que não lhes era natural.

É no apêndice desta obra, escrito pelo seu *“colaborador surdo Carl Cronenberg”*, que nos aparece a primeira descrição dos Surdos, utilizadores da *“American Sign Language”*, como um grupo de pessoas cultural e socialmente diferentes (Sacks, 2010: 119).

*“(…) it devoted a section to the description of the “social” and “cultural” characteristics of Deaf people who used American Sign Language. It was indeed unique to describe Deaf people as constituting a “cultural group”.*” (Padden in Adams, 2000: 343)

Tudo o que outrora fora instituído, pelo Congresso de Milão, começa a esvaecer e a década de 1970 é o despertar da *“oportunidade de o povo surdo se reconstituir.*

*O reconhecimento científico e jurídico das línguas gestuais constitui o impulso necessário para a recuperação da sua herança cultural e conquista da história futura.”*

(Campos, 2005: 72)

Logo, o facto de haver uma partilha do mesmo modo de comunicação e seu reconhecimento contribuiu para a união dessas pessoas enquanto comunidade cultural. Pois, tal como na comunicação oral, a língua tem um papel fundamental na influência cultural, ou seja, a língua (oral ou gestual) é cultura, assim como um facilitador dos intercâmbios culturais entre indivíduos culturalmente diferentes.

Para além da língua, a aceitação da Surdez como cultura implica também conhecer *“os seus valores, as formas de arte, as tradições, as organização interdependentes (...)”* caracterizadores da mesma e ainda de que forma esses indivíduos e o seu meio se relacionam e se influenciam. (Lane, 1992: 33)

Assim, tendo uma língua própria, equivalente às orais em termos de complexidade e dependência do país em questão, tendo uma história inerente a essa comunidade, vivências próprias de todo aquele que é Surdo, um olhar o mundo e realidade diferente do ouvinte – relação indivíduo-meio – evidentemente que existirá a construção de uma identidade surda, própria de uma cultura surda.

A construção de toda e qualquer identidade sempre foi influenciada pelo seu passado, logo a surda não será diferente. Se nos referirmos a um passado social ou histórico, a construção e vontade de afirmar uma identidade surda foi aumentando devido à constante repressão e inferiorização que os ouvintes sempre lhes impuseram. Daí, as constantes lutas travadas para se conseguir um lugar justo na sociedade, assim como um reconhecimento identitário e cultural surdo tão legítimo como o ouvinte. (Campos, 2005: 59)

Se nos referirmos a um passado pessoal e baseando-nos no texto de Pacheco e Caramelo, toda a construção identitária começa mesmo antes do nascimento, quando os pais idealizam o filho como um filho perfeito. Porém, quando esse ideal é

confrontado com uma realidade diferente dá-se um choque bastante grande e, em certos casos, bastante grave no seio familiar. É um choque que é denominado por Faber como “*a morte simbólica*” (Faber cit in Gallagher, 2000:11) do filho idealizado, o que leva de seguida a uma fase de luto e a sentimentos que costumam ser dificilmente ultrapassáveis. Esta situação experienciada pelos pais acabará por influenciar a própria criança. (Pacheco e Caramelo, 2005: 23,24)

*“A passagem da crença na criança ideal para a aceitação da criança real, passa, muitas vezes, e em maior ou menor grau, em função da distancia entre uma e outra, por processos de denegação e luto, que, não sendo ultrapassados põem em causa a capacidade de se reconhecer e de ser reconhecido como pessoa.”* (Pacheco e Caramelo cit in Coelho, 2005:23,24)

Com base nesta afirmação podemos dizer que a construção da identidade de qualquer pessoa, sendo ela surda ou ouvinte, estará influenciada desde muito cedo. Contudo, a da pessoa surda enfrentará um processo muito mais lento, longo e difícil, que não depende apenas do envolvimento familiar, mas também porque essa construção será feita através da comparação com o outro e terá lugar no seio de uma maioria diferente (ouvinte). Essa comparação será feita através das características que aproximam os indivíduos e fazem com que tenham um sentimento comum de pertença, ou então pelas características que afastam esses indivíduos afirmando assim a singularidade de cada um.

Então o outro faz parte da formação da nossa identidade pessoal, quer pela semelhança quer pela diferença, e tudo isso estará em risco se houver um afastamento entre o indivíduo e o meio que o envolve. É uma distância que é bastante visível, quer na educação, quer a nível profissional, cultural e mesmo no que respeita o acesso à informação mesmo quando parece que tais lacunas se estejam a esbater. O facto é que o acesso à informação televisiva está limitado a um certo número de programas e a nível cultural há uma “*relativa invisibilidade pública de criações artísticas (teatro,*

*poesia, música visual,...) próprias da cultura surda". (Pacheco e Caramelo in Coelho, 2005: 27)*

Então, tão importante como a luta para o reconhecimento deste grupo como uma comunidade culturalmente diferente, será a criação de oportunidades que possibilitem a igualdade de acesso aos bens sociais (educação e saúde por exemplo), o que implica um acesso às fontes de informação. (Duarte, Ricou, Nunes, 2005: 126)

O desenvolvimento pessoal de cada um vai ser influenciado pelas oportunidades dadas pela sociedade e vai influenciar a adaptação ou inadaptação à mesma. Daí a importância do reconhecimento da Língua Gestual para que surjam essas oportunidades e os Surdos se adaptem à sociedade de uma forma positiva e participante. (Duarte, Ricou, Nunes, 2005: 127)

Contudo, e segundo Kauchakje, para além do poder político, económico e ideológico existe um quarto poder, o poder social. E quem não o detém – grupos sociais minoritários – vê os seus direitos (educação, saúde, trabalho por exemplo) ameaçados, muitas vezes esquecidos, gerando assim desigualdades, exclusão e até discriminação. (Kauchakje *cit in* Silva, Kauchakje, Gesueli, 2003: 64, 68)

No caso específico dos Surdos, a falta de acesso à informação, é no fundo a razão que leva a que as injustiças sociais aconteçam. Quando se fala em igualdade de oportunidades, falamos intrinsecamente da importância da legitimação da Língua Gestual na sociedade e sua utilização. Pois, um grande problema é o facto de que *a aquisição de conhecimento está muito relacionada à capacidade de receber informação*, contudo, a transmissão da mesma é feita pela linguagem oral, pelo que os Surdos estarão privados de uma aquisição imediata. O que nos prova que a tal igualdade de oportunidades, que demanda o reconhecimento das diferentes *identidades, culturas ou necessidades específicas* e a aceitação da convivência das mesmas, seria um direito de qualquer cidadão, mas ainda não está assegurada. (Kauchakje *cit in* Silva, Kauchakje, Gesueli, 2003: 70, 91)

Esta problemática da presença (ou falta dela) da comunidade surda na sociedade em geral também vai interferir em todo o processo construtivo da identidade surda.

Chegamos então a um ponto em que a Teoria da Identidade Social de Tajfel está em evidência. No sentido em que as relações entre indivíduos podem ser perspectivadas tanto dentro do mesmo grupo - relações intragrupais, ou seja, todas as características comuns aos indivíduos pertencentes àquele determinado grupo, como acontece nos surdos e com isso afirmar a sua singularidade enquanto grupo, ou de grupo para grupo - relações intergrupais, onde se pode observar com grande ênfase a diferença entre indivíduos de grupos diferentes. (Pacheco e Caramelo, 2005: 28).

Este jogo de perspectivas transporta-nos par um domínio da cultura que destaca o conjunto de características comuns, mais especificamente marcadores culturais, entre sujeitos e/ ou grupos e por isso os põem em relação de proximidade, o que também pode ser denotado na comunidade surda. Deste modo, a cultura surda poderá ser entendida como conjunto de marcadores que os indivíduos surdos partilham, como a língua e o passado por exemplo e, logo será aquilo que os põe em relação uns com os outros e com a realidade que os rodeia. Demarcando-os de outros grupos, cuja realidade é outra e daí a partilha ser outra também. Há uma diferença cultural entre grupos, mas uma semelhança dentro de um mesmo (Pacheco e Caramelo, 2005: 30).

Logo, será impossível dissociar esse contacto e intercâmbio entre a pessoa e o seu meio da língua. Pois, é esta que nos permite *“a manipulação dos símbolos necessários à emergência de uma cultura e uma consciência identitária”*, ou seja, é através da língua que é possível um contacto e comunicação entre o indivíduo e a sua realidade. (Campos *in* Coelho, 2005: 60).

Há, portanto, um jogo de dependência entre a cultura e a língua, no sentido em que a cultura não deixa de ser uma forma de comunicação e esta, por sua vez, seja uma forma de expressão cultural. Acrescentando ainda o facto de que os intercâmbios culturais dão-se através da comunicação verbal ou não verbal. (Campos, 2005: 60, 61)

Assim sendo, a luta pelo reconhecimento da comunidade surda como detentora de uma cultura própria passará também pelo reconhecimento da Língua Gestual na sociedade ouvinte e estes *“mecanismos de defesa sabiamente accionados estavam longe de visar a rotura com a maioria”* (Campos *in* Coelho, 2005: 67), mas sim

fazer com que as diferentes culturas e comunidades possam viver em comunhão no mesmo espaço social. (Pacheco e Caramelo, 2005: 32)

Contudo, o facto de a maior parte dos Surdos serem filhos de pais ouvintes, leva a que se repense a transmissão cultural entre gerações. O facto de um Surdo nascer no seio de uma família ouvinte, pode levar a que a sua identidade não se desenvolva de forma “naturalmente surda” e aconteça quando em contacto com outros indivíduos Surdos. (Afonso, 2007: 55)

Confirmando aquilo que Kroeber nos diz acerca da herança social (e não a hereditariedade orgânica), em que uma transmissão dos “usos”, como lhe chama, não depende apenas daqueles que nos são familiares consanguíneos, mas também dos que não o são, que já estejam mortos, permaneçam vivos ou até sejam mais novos. Enfim, qualquer pessoa que direta ou indiretamente tenha feito parte da nossa vida em qualquer altura. Tal como acontece na transmissão de uma língua, ou seja, uma pessoa aprende determinada língua consoante o meio em que está inserida, independentemente da sua cultura de origem. A língua é então um fator não hereditário, mas sim uma herança social. (Kroeber, 1993: 36, 47)

Porém, as influências ouvintes, provenientes dos seus pais ou familiares, estarão presentes ao longo do desenvolvimento e crescimento da criança em causa, por este ser o meio envolvente com qual se dá o primeiro contacto. E que, portanto, para que a sua identidade surda se desenvolva (com outros Surdos) terá de haver *“uma ruptura simbólica com o contexto familiar, conduzindo assim a uma “orfandade cultural” que só encontra reparação no grupo de pares”*. (Afonso, 2007: 72)

Por consequência a isto, ou seja, a proveniência de cada um, e juntando a visão pessoal que cada Surdo tem de cultura, poderá haver diferentes rumos culturais, ou diferentes formas de os próprios Surdos olharem a sua identidade e cultura. (Afonso, 2007: 56,57)

*“- surdos que se incluem no bilinguismo e biculturalismo e que são membros da comunidade Surda;*

- indivíduos que são audiologicamente Surdos e que partilham a cultura Surda com a comunidade Surda, mas não participam na comunidade Surda;
- indivíduos Surdos que pertencem a grupos étnicos e que mantêm identificação com a comunidade Surda e com outras comunidades culturais.” (Reagan in Afonso, 2007: 56)

## 2.2.2. Marcadores culturais surdos

Existem vários e diferentes marcadores culturais que podemos identificar no mundo surdo, vão desde a língua às artes, às próprias noções de luta ou viver em grupo, são características próprias destes sujeitos que fazem com que pertençam a um grupo específico (e não a outro) e que por elas os podemos reconhecer. Portanto, podemos olhar os marcadores como aspetos caracterizadores, assim como fronteiras entre indivíduos e grupos de indivíduos, no sentido de pertença ou não pertença a um grupo. (Lopes, Maura Corcini , Veiga-Neto, Alfredo (2006). *Marcadores Culturais Surdos: quando eles se constituem no espaço escolar*. Revista Perspectiva. v.24. Nº 3. p.82. Acedido em 4/6/12, disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10541/10078> )

O que entra em concordância com as palavras de Coelho (2010: 21) em relação ao conceito de “marcadores culturais”, que estes são “*traços culturais relevantes (...) que contribuem para os processos de construção identitária destes, no seio de uma dada comunidade.*”

Continuando com Lopes e Neto, referimos que os marcadores por eles apontados, já o foram explorados anteriormente neste estudo e, cremos que, todos eles estejam interligados entre si, fazendo com que sejam aspetos caracterizadores de indivíduos pertencentes a uma comunidade específica.

Na nossa perspetiva esta cadeia de marcadores culturais surdos tem início com o próprio facto de determinados indivíduos partilharem a realidade de serem Surdos,



como dos diz Chiella, a “*aproximação começa pela marca corporal da surdez*”. (Chiella, 2007: 70) E, independentemente das diferentes perspetivas existentes sobre a Surdez (médico-pedagógica e sócio-antropológica) o facto é que, como nos diz Maura Corcini Lopes (2007: 16),

*“A surdez é um primeiro traço de identidade e não somente uma materialidade sobre a qual apenas discursos médicos se inscrevem. (...) Diferentes discursos criam distintos significados para a surdez, porém nenhum deles pode negar a materialidade presente no corpo.”*

Então, é a partir daqui que podemos ir referindo os restantes marcadores como, por exemplo, a partilha de um passado comum, que perspetiva a história da realidade surda ao longo dos séculos, acrescentando o facto de ser uma realidade bastante sofrida.

Este marcador histórico traz como imediata consequência, outra marca pela qual podemos caracterizar a comunidade surda, as lutas que desde sempre os Surdos tiveram pela frente. Podemos perspetivar este marcador como uma grande luta, que como nos mostra Coelho (2010: 78), se pôde ramificar em tantas outras como a luta *pelo direito de ser surdo*, pelos seus direitos como cidadãos, pelas oportunidades devidas, pela aceitação e por um lugar justo na sociedade e no mundo. São portanto lutas contra preconceitos e discriminação, que sempre fizeram esquecer os direitos destes indivíduos e ainda será uma luta pelo reconhecimento de um meio de comunicação que não o oral, isto é, a Língua Gestual.

É à volta deste marcador que se geram tantos outros. Antes de mais temos de referir que, para além de uma característica física e de um passado comum, é esta língua, que faz com que os Surdos se reúnam e aproximem, como é natural e como acontece com as línguas orais, e assim se criam laços, sentimentos de pertença a determinado grupo e comunidade. Daí, ser considerado “*um dos principais marcadores da cultura surda*” por Maria do Céu Gomes (2010: 45).

Tudo o que foi referido até agora leva a que estes indivíduos tenham uma conceptualização, uma visão do mundo própria do ser Surdo, o que poderá ser revelado nas artes produzidas pelos próprios. Se por arte entendermos a perspectiva do mundo vista através olhos de quem a cria, então a arte com autoria de pessoas surdas partilhará dessa mesma característica.

Tendo como exemplo a realidade americana, a literatura surda (americana) poderá ser considerada um marcador cultural bastante forte para esta comunidade no que se refere ao mundo das artes. Segundo Harlan Lane (1992:31), é uma área que no contexto americano começa a ser trabalhada desde muito cedo, como em contar as histórias dos desenhos ou filmes ou, mais tarde, com relatos de personalidades importantes surdas.

A literatura surda (americana) apresenta tantas formas como apresentaria a literatura da comunidade ouvinte, como por exemplo, histórias, lendas, romances, poesia, peças de teatro, anedotas, mas com a particularidade do tema ser centrado na própria história dos Surdos. Isto é, nas suas próprias experiências, logo, na opressão que os ouvintes fizeram os Surdos viver. Para além de ser uma forma de expressar as suas vivências, imaginação, criatividade e realidades, é com a literatura da Língua Gestual Americana (ASL – American Sign Language) que se dá a transmissão da sabedoria, valores e orgulho de geração em geração *reforçando deste modo os laços que unem a geração mais jovem*. (Lane, 1992: 30, 31)

Segundo Spencer existe um leque variado de narrativas surdas, para além das narrativas pedagógicas, que se referem a estratégias de ensino a Surdos, das políticas que se relacionam sobretudo com leis e das linguísticas, que *“apelam pela diferença e autenticidade”* da Língua Gestual, as narrativas de identidade e das artes (como literatura, teatro, anedotas, poesia) são as que se aproximam mais dos conceitos a trabalhar neste estudo. (Spencer in Perlin e Strobel (2006). *Fundamentos da Educação de Surdos*. Universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.34 Acedido em 1/8/2012, disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/86578979/13/AS-POLITICAS-DE-INCLUSAO-E-EXCLUSAO-SOCIAIS-E-EDUCACIONAIS>) Pois, as narrativas de identidade são aquelas que remetem para o reconhecimento do ser-se Surdo por parte dos próprios

sujeitos Surdos e as narrativas relacionadas com as artes são as que transportam em si valores culturais surdos. Como nos diz Spencer sobre estas narrativas:

*“...ênfatizam e celebram a beleza e a complexidade de nossa língua de sinais, pedem respeito a nossa diferença enquanto surdos, constroem relacionamentos sociais e nos defendem das ameaças à nossa identidade, transmitem valores culturais motivando a troca de experiências sobre o ser surdos, celebram o sucesso do surdo e do povo surdo”.* (Spencer in Perlin e Strobel (2006). *Fundamentos da Educação de Surdos*. Universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.34 Acedido em 1/8/2012, disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/86578979/13/AS-POLITICAS-DE-INCLUSAO-E-EXCLUSAO-SOCIAIS-E-EDUCACIONAIS>)

Portanto, podemos retirar das palavras de Lane, Perlin, Strobel e Spencer, que a literatura é um meio bastante importante no que toca a transmissão de valores culturais surdos, pode assim conter em si marcadores culturais surdos para que essa transmissão seja conseguida, celebrada e entendida por parte de quem lê.

Contudo, não queremos deixar a impressão que os marcadores culturais surdos referidos são homogêneos, aplicáveis de igual forma a todos aqueles que são surdos. Como também já foi referido, existem características que aproximam os indivíduos pela semelhança, porém nunca esquecendo que em cada um reside a diferença que os distingue uns dos outros. Diferenças pessoais, criadas pelas diferentes vivências, pelos diferentes contextos que ao longo dos anos envolveram cada um.

## PARTE II – Componente empírica

## **CAPÍTULO I – Construção do objeto de estudo**

As controvérsias que sempre existiram à volta do termo Surdez, mais especificamente à volta do que significa Cultura Surda foi o que realmente nos motivou para a escolha do tema e realização da presente pesquisa.

Tanto já se falou e se discutiu sobre a existência de uma cultura própria de quem é Surdo e do que isso significa, que achamos pertinente tentar perceber isso através de produções culturais de autores Surdos de áreas diferentes e tentar reconhecer nelas marcadores culturais surdos que possam lá estar inscritos.

A compreensão do conceito Surdez e Cultura Surda passa não só pelo conhecimento da sua história (mundial e nacional), num sentido de se estar familiarizado com o seu passado de forma a se conseguir compreender melhor o presente, mas também pela consciência de que existe uma perspetiva que vai além de um olhar médico que confina os surdos a um grupo de pessoas com um problema físico. Referimo-nos à perspetiva sócio-antropológica que nos remete para uma conceção cultural do povo Surdo, ou seja, que mesmo sendo através do traço físico que a surdez abarca, eles têm a sua própria história, eles desenvolveram uma língua própria e logo, uma perspetiva do mundo diferente da nossa, o que terá as suas repercussões na construção da sua identidade.

E como tal, queremos perceber se isto tudo é transmitido nas suas produções culturais através de algum marcador cultural específico.

### **1. Definição da pergunta de partida, questões de investigação e objetivos**

Debruçando-nos assim sobre aquilo que queremos conhecer, num sentido mais específico, os marcadores culturais surdos que poderão estar presentes em obras como os desenhos do Professor Goulão, o filme “Caçadores da Noite” de Zé Luís Rebel,

nas personagens da atriz Sofia Quintas e nos livros da escritora Marta Morgado. E de modo a guiar esta investigação num sentido o mais linear possível, visto a complexidade dos seus temas e daqueles que lhes estão subjacentes, pareceu-nos pertinente a formulação da seguinte questão de partida:

***- De que forma é que produtores surdos portugueses inscrevem nas suas produções marcadores culturais surdos?***

Será, portanto, um estudo que se posicionará na perspetiva de indivíduos-autores/produtores Surdos, no que respeita à presença de marcadores culturais surdos nas suas próprias obras e quais esses marcadores, daí que os principais objetivos desta investigação sejam:

- Reconhecer marcadores culturais surdos presentes em obras de autores/produtores Surdos portugueses;
- Analisar os marcadores culturais identificados;
- Reconhecer a existência de marcadores culturais idênticos em diferentes obras;
- Analisar as motivações e intencionalidades culturais dos autores/ produtores surdos;
- Conhecer a perspetiva dos próprios autores/ produtores em relação ao conceito de cultura surda.

Tendo optado por um estudo de natureza qualitativa decidimos não formular hipóteses mas antes assentar a pesquisa em questões de investigação que serão úteis para guiar o nosso trabalho.

Assim, de acordo com os objetivos formulamos as seguintes questões:

***- Que marcadores culturais específicos se encontram nas obras destes autores/produtores?***

***- Existem padrões comuns que podem ser interpretados como de pertença a uma cultura específica?***

- Os autores/ produtores tiveram, a priori, intencionalidade de transmitir valores culturais específicos da comunidade surda?

- Existe consciência por parte dos autores/ produtores dos marcadores culturais identificados?

- Qual o conceito de cultura surda por parte dos autores/ produtores? E quais os seus marcadores?

- Serão os marcadores culturais a prova, ou uma das provas, de que existe uma cultura surda?

## **2. Definição da amostra**

A necessidade da escolha de uma amostra, seja ela representativa de uma população ou não tendo essa possibilidade devido ao tipo de estudo que é, passa normalmente pela impossibilidade de se *“inquirir a totalidade dos membros do conjunto.”* (Pardal e Lopes, 2011: 54)

Sendo o nosso estudo de natureza qualitativa, e concordando com o que nos diz Ruquoy (1997: 103), a escolha da amostra não foi baseada de facto na sua representatividade numérica, mas sim pelo *seu carácter exemplar*, daí a diversidade dos sujeitos entrevistados ser bastante importante.

Neste sentido, e indo ao encontro daquilo que Coutinho (2011:90,91) refere sobre o processo de seleção da amostra, ou seja, a amostragem, podemos afirmar que nesta investigação esse processo é do tipo não probabilístico, pois não tem como objetivo principal caracterizar a população à qual os sujeitos pertencem. Assim sendo, dentro da amostragem não probabilística, ainda podemos optar pelo tipo criterial, pois

significa que “o investigador selecciona segmentos da população para o seu estudo segundo um critério pré-definido”, como no nosso caso é autores Surdos, em que a diversidade está presente nas diferentes áreas em que estes autores trabalham.

Posto isto, e de forma a dar resposta à nossa pesquisa, a escolha da amostra dentro da população Surda foi deveras importante, pois será a nossa maior fonte de informação, ou seja, é através desta que conseguiremos atingir os objetivos propostos.

Como tal optamos por um conjunto de indivíduos que são Surdos e também implicados em produções artísticas e culturais enquanto cineastas, pintores, escritores e atrizes.

Decidimos então escolher os presentes entrevistados pelo facto de trabalharem em áreas diversas, de forma a termos uma perspetiva cultural através de formas de arte diferentes. Ainda que a maior parte seja do Porto, o facto de serem de faixas etárias diferentes, pode-nos dar uma noção de realidades distintas, que se podem ter transformado com o tempo. Acrescento ainda o facto da escolha desta amostra se ter baseado no facto do trabalho destes produtores se ter evidenciado no seio das produções culturais surdas.

Teremos assim o pintor, cartoonista e professor Francisco Goulão, conhecido pelo trabalho que tem vindo a desenvolver durante a sua vida, tanto como Surdo, como professor e artista que é e cujos variadíssimos trabalhos não são referentes apenas à questão da surdez, embora sejam esses que levaremos em conta para este estudo. Sabemos que o professor Francisco Goulão é “*Surdo profundo e de nascença, tem 61 anos e é professor de Surdos há mais de 34 anos. Licenciado pela Universidade de Lisboa, actualmente professor no Instituto António Cândido (...) estabelecimento escolar, estatal e especializado na área da surdez.*” (Goulão, Francisco (1998). *Francisco Goulão Professor Surdo Portugal*. Acedido em 10.1.2013, disponível em: <http://profsurdogoulao.no.sapo.pt/>)

Também foi possível contactar com produtor e realizador Zé Luís Rebel de 29 anos que vai ganhando terreno com as suas produções como por exemplo “Caçadores da noite” e mais recentemente “Ketchup”. Zé Luís é licenciado em Tecnologias da Comunicação Multimédia pelo ISMAI e ainda é o responsável pela criação do estúdio



GestoFilmes em setembro de 2011, com a intenção de intervir em áreas como desenvolvimento de projetos, tratamento de vídeos, captação e divulgação, desenvolvimento de cartazes, posters, imagens publicitárias e panfletos, produção de vídeos/ filmes institucionais, curtas ou longas metragens e documentários, design, seleção de personagens e cenários, argumento, diálogo e guião e, por fim, fotografia em cena. Um leque de áreas bastante vasto, mas que todas elas apontam para um objetivo principal, a comunicação e como se trata de um criador Surdo, o projeto é pioneiro por isso mesmo, por *“pensar na comunicação com genéricos que transmitem olhares, expressões, interpretações, símbolos, códigos, signos, desenhos, onomatopeia, legendagem, Língua Gestual Portuguesa e internacional.”* (Rebel, Zé Luís (2011). *GestoFilmes*. Acedido em 14.1.2013, disponível em: <http://www.facebook.com/pages/GestoFilmes/251503401547918?sk=info>)

Conseguimos ainda entrar em contacto com a docente de LGP e atriz Sofia Quintas, que para além de ensinar meninos Surdos na Escola Augusto Lessa, e ter terminado licenciatura em LGP pela ESE de Coimbra há três anos, é também atriz do Grupo de Teatro de Surdos do Porto, na Associação de Surdos do Porto, há vários anos, tendo já marcado presença em peças como *“Quase Nada”*.

Por fim, a nossa última entrevistada é a escritora Marta Morgado, que também é ilustradora e professora de Surdos, especializada em LGP no ensino pré escolar, nos 1º e 2º ciclos do Ensino Básico no Instituto Jacob Rodrigues Pereira da Casa Pia de Lisboa. Marta Morgado tem como obras já editadas *“Mamadu” de 2007*, *“Sou Asas” de 2009* e a mais recente *“Luanda, Lua” de 2012*. Está também envolvida no projeto *“A turma de Jacob”*, que acompanha os alunos Surdos dos 4 anos do 1º ciclo, segundo o programa curricular de LGP.

### 3. Metodologia da investigação

De acordo com o que nos propomos estudar, o método que nos parece mais adequado será o método intensivo. É este que nos permitirá uma compreensão bastante completa do objeto de estudo, ou seja, possibilita-nos percecioná-lo na sua globalidade, através de uma análise intensiva, quer *“em amplitude como em profundidade, e utilizando todas as técnicas disponíveis, de uma amostra particular (...) (ou no máximo, de um certo número de unidades de amostragem) (...)”*. (Greenwood in Almeida e Pinto, 1975: 87)

Podemos, através das palavras de Greenwood, evidenciar algumas das características do método intensivo, que, por outras palavras, permite-nos um entendimento profundo e global do que nos propomos estudar, tendo como amostra um número bastante reduzido de elementos, o que nos permite uma maior proximidade com os mesmos, de forma a tentar saber como percecionam a realidade em causa. Ou seja, o aspeto pessoal está bastante presente neste método, pois existe uma relação de maior proximidade entre entrevistador – entrevistado (do que nos estudos quantitativos), como também iremos ver a relação que os entrevistados têm relativamente ao tema a abordar, mais especificamente que sentido ou sentidos lhe dão.

Deste modo, podemos retirar ainda outro aspeto presente neste método que é a não generalização dos resultados, como afirma Bisquerra (1989: 257) *“Estúdios intensivos en pequeña escala. – Se trata de estúdios en pequeña escala que solo se representan a sí mismos.”*

Optamos ainda por uma abordagem qualitativa pois permite-nos dar valor àquilo que diariamente nos costuma passar ao lado, “pormenores” como gestos, piadas, participantes de uma conversa, objetos, podem ajudar-nos a compreender melhor aquilo que andamos à procura nesta investigação. O aspeto descritivo desta abordagem, leva-nos a que as informações conseguidas sejam as palavras, o discurso ou mesmo imagens do sujeito entrevistado e portanto a análise informativa nunca poderia ser reduzida, ela tem de ser analisada como um todo, pois é na sua totalidade

que poderá estar a “mais valia” desta investigação. É uma abordagem que exige assim *“que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo.”* (Bodgan e Biklen, 1994: 48,49)

Como nos diz Deslauriers, uma investigação qualitativa pode ser considerada uma técnica interpretativa que foca mais a sua atenção no significado do fenómeno que se investiga do que na sua frequência, logo a nossa atenção estar direccionada para todo o discurso que o sujeito entrevistado nos possa fornecer. (Deslauriers *cit in* Guerra, 2006: 11)

O que vai aproximar-nos do “paradigma interpretativo” de Erikson sobre a investigação qualitativa, no sentido em que este está relacionado com o significado que o próprio autor ou mesmo aqueles que interagem com ele dão às ações. (Erikson *cit in* Lessard-Hébert, 1990: 39) Pois, é a partir da interpretação dos sujeitos, ou seja, do significado que eles dão às ações que iremos construir o conhecimento, tanto a nível de indivíduo, como a nível de indivíduo que pertence a determinado grupo.

É um paradigma que nos permite ainda ter uma percepção mais imediata do fenómeno a estudar, dado que os significados variam consoante os grupos a que pertencem os indivíduos, pois terão dinâmicas e interações diferentes e nunca esquecendo também que tais significados estão constantemente a ser reconstruídos. Assim como poderemos ter uma visão mais afastada do contexto social, posto que, como nos diz Erikson,

*“Os significados possuem uma história, isto é, que eles podem estar ligados, na origem, a uma cultura mais vasta do que aquela do meio imediato; esta cultura é definida (...) como uma aprendizagem de normas que guiam as percepções, as convicções, as acções e a avaliação das acções dos outros.”* (Erikson *cit in* Lessard-Hébert, 1990: 42)

É portanto um paradigma (interpretativo) que espelha em muito a essência desta investigação (qualitativa), nomeadamente no que respeita a compreensão de um dado fenómeno a partir daqueles que pertencem a um grupo específico, os Surdos.

Concluimos a partir daqui que o presente estudo é uma investigação que, de facto, passa por uma descrição, um relato, mas que também vai além disso mesmo (“paradigma interpretativo”), e, por isso, achamos ser o estudo de caso a metodologia mais apropriada ao que nos propomos. (Bell, 1997: 23)

Um estudo de caso significa que o investigador pode investir o seu tempo de pesquisa em identificar e compreender não um caso com um elemento em concreto, mas também uma determinada situação ou ainda, como acontecerá no nosso estudo, um caso constituído por mais do que um elemento. E pelo facto de cada “organização” a estudar, neste caso a comunidade surda, apresentar características singulares, muito próprias, foi indispensável, e de certo modo obrigatório para uma boa compreensão, a identificação de tais características, assim como elas podem influenciar a tal construção identitária (surda). (idem)

O que de imediato nos transporta para o que Lüdke e André (1986: 17) referem como aspetos únicos daquilo que se estuda. No sentido em que, a área de estudo envolvida (surdez) na investigação poderá já ter sido motivo de outras tantas e por motivos semelhantes, ou seja, iríamos pecar pela similaridade do já existente. Contudo, o segredo do interesse, segundo estes autores e opinião que partilhamos, *“incide naquilo que ele tem de único, de particular(...)”*. Portanto, *“quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso.”*

Estes autores referem ainda uma série de características, perfeitamente aplicáveis àquilo que pretendemos com a utilização desta metodologia, sendo elas o facto do estudo de caso visar uma descoberta, pois mesmo havendo um ponto de partida, como o quadro teórico, esse não será mais do que isso mesmo, um pressuposto inicial que nos levará à descoberta de algo novo, que poderá ser acrescentado ao já existente. A interpretação em contexto será outro aspeto a ter em conta, pois refere-se à importância do contexto (como ações ou perceções envolvidas

em que o produz) em que o objeto de estudo é produzido e que será tomado em conta nesta metodologia. Tal como o será o facto de se procurar aqui um retrato completo e profundo de determinada realidade, ou seja, há uma relação com o que já foi referido sobre o método intensivo e abordagem qualitativa, em que se tem de ter em conta as várias dimensões que o objeto de estudo pode apresentar, o que nos leva a olhar para ele como um todo. A variedade de fontes de informação remete-nos para as diferentes hipóteses de recolha de dados, podendo assim cruzá-los com o fim de descobrir “*novos dados, afastar suposições ou levantar hipóteses alternativas*”. Um estudo de caso procura ainda representar diferentes pontos de vista ou opiniões sobre uma mesma realidade e a sua recolha ajudará o investigador (e futuros leitores) a formar as suas próprias conclusões. Por fim, esta metodologia permite-nos uma recolha de dados informativos de diferentes formas, como “*dramatizações, desenhos, fotografias, colagens*”, assim como nos possibilita ter relatos escritos num estilo mais informal ou narrativo, ou seja, é mais acessível, pois faz com que haja uma comunicação “*direta, clara e bem articulada do caso e num estilo que se aproxime da experiência pessoal do leitor.*” (Lüdke e André, 1986: 18,19,20)

Acrescentamos ainda que não é de todo nossa intenção, nem a metodologia a adotar nos permitiria, generalizar qualquer conclusão que retiremos no final de todo o processo de investigação. Pois, tanto a seleção da amostra, que nos remete para a explicação e interpretação de situações particulares, como a limitação do objeto de estudo a uma determinada área não nos permitem fazer generalizações quanto às conclusões da investigação, logo uma das características desta metodologia é ser não generalista. (Bell, 1997: 24)

Esta investigação enveredou pelo estudo de caso, mas em certos aspetos aproxima-se do estilo etnográfico, no sentido em que o público alvo deste estudo é de facto um grupo, que é minoritário no seio desta sociedade ouvinte. Pois, o que de facto se pretende é aprofundar conhecimentos sobre um grupo, os Surdos, e mais especificamente sobre um aspecto cultural referente ao mesmo, ou seja, os marcadores culturais que poderão estar presentes nas obras de produtores culturais Surdos portugueses e como afirmam Bodgan e Biklen “*a tentativa de descrição da*

*cultura ou de determinados aspectos dela designa-se por etnografia.”* (Bodgan e Biklen, 1994: 57)

## **4.Técnicas de recolha de dados**

Tendo em conta o tipo de estudo escolhido a técnica que achamos ser a mais indicada para a recolha de dados será a entrevista. Pois, tanto nos permite ir adaptando a mesma ao longo de todo o contacto com o entrevistado, como também nos permite um contacto próximo com o sujeito, no sentido em que poderemos obter informação não só pelo conteúdo do seu discurso (gestual), mas também pelas emoções que podem mostrar durante a mesma, que muitas vezes não são perceptíveis na escrita. (Bell, 1997: 118)

Tal como nos afirma Quivy e Campenhoudt (1998: 192), é com a entrevista que se dá uma *verdadeira troca*, em que o sujeito *“exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas reacções”*.

Ruquoy (1997: 86) complementa a vantagem da entrevista se poder basear numa relação direta entre o sujeito e o entrevistador com uma outra, que é o facto de em determinadas situações ambos os intervenientes, por motivos diversos, não poderem estar juntos para a realizar. O que não é impedimento para esta técnica, ou seja, a entrevista poderá ser realizada a longa distância (via telefone ou e-mail por exemplo), embora faça com que a relação entre os intervenientes tome um carácter indireto, o facto é que a realização da mesma não estará em causa.

Por diversas razões a entrevista parece-nos o meio mais útil à recolha informativa para esta investigação. E dentro do leque dos tipos de entrevista existente, que vai desde a entrevista totalmente formalizada até à informal, o modelo mais adequado parece-nos a entrevista semidiretiva ou semidirigida referida por Quivy e Campenhoudt (1998: 192), a qual se encontra a um nível intermédio em termos de abertura/ fechamento das questões ou tópicos a tratar. É um tipo de entrevista em

que o principal objetivo vai ao encontro do nosso, que é *“receber informação por parte do entrevistado”*, portanto, utilizando-o, será a melhor forma de isso acontecer.

A origem deste tipo de entrevista, segundo Ruquoy (1997:92,93), é Carl Rogers, que a denominava entrevista terapêutica, pois utilizava-a em psicoterapias para que os seus pacientes se conseguissem exprimir e libertar melhor dos obstáculos que os impediam de ver a realidade através do seu próprio discurso e com a orientação do terapeuta. Reportando esta realidade para a investigação, o que muda é o objetivo da entrevista, que em termos terapêuticos era libertar o indivíduo dos seus próprios entraves e logo atingir uma mudança pessoal e o seu impulsionador, que é o sujeito. Em termos de investigação, o desejo de conhecimento é o que impulsiona a sua realização, a qual é (apenas) iniciada pelo investigador.

Logo, ele terá a possibilidade de conduzir a entrevista com o apoio de *perguntas-guia*, embora não esteja condicionado pela ordem ou formulação previamente pensada. Como nos dizem Quivy e Campenhoudt (1998: 193) *“deixará andar” o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier*” ou como refere Ruquoy (1997:87) o sujeito tem a possibilidade de estruturar *“o seu pensamento em torno do objecto perspectivado.”* Situação em que apenas teremos de estar atentos em redirecionar a entrevista para os nossos objetivos sempre que necessário.

Assim como nos sugerem Bodgan e Biklen (1994: 135), uma das vantagens que uma entrevista nos pode apresentar será a abertura dos tópicos inscritos na mesma, fazendo com que o entrevistador não esteja preso àquilo que concebeu previamente, assim como permite ao sujeito entrevistado *“a oportunidade de moldar o seu conteúdo.”*

É este o cariz da entrevista qualitativa, ou seja, a possibilidade de moldagem, adaptação e aperfeiçoamento da mesma conforme o contacto entre os intervenientes da *“conversa”*, tal como o desenrolar da mesma.

Ao que Lüdke e André (1986: 34) acrescentam que, para além do carácter adaptativo desta técnica, o facto de permitir correções e esclarecimentos durante a mesma, acrescenta-lhe um cariz muito mais eficaz e ainda afirmam que uma das

grandes vantagens da entrevista, se bem aplicada, será a *“captação imediata e corrente da informação desejada com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”* ao contrário de outras técnicas de recolha de dados.

Num trabalho de investigação como este não nos podemos esquecer que o entrevistado é a nossa fonte informativa mais valiosa, portanto, e para a concretização dos nossos objetivos será da maior importância respeitá-lo ouvindo-o, pois muitas vezes também se escapam pormenores que para nós (entrevistadores) poderão ser irrelevantes, mas que para o entrevistado poderão ser da maior importância. Temos de ter sempre em conta que estaremos em contacto com uma realidade que não a nossa e se a queremos conhecer e compreender, só será possível e fará sentido se pudermos *“ouvir”* o outro. O que nos reporta para os chamados *“informadores privilegiados”*, isto é, o entrevistador terá obviamente o poder de direccionar a entrevista, mas no fundo serão os entrevistados os controladores da mesma, por estar neles a informação que queremos saber e daí a adquirirem tal estatuto. (Guerra, 2006:18)

Assim sendo, Lüdke e André (1986: 34) manifestam-se sobre esta técnica de recolha de dados afirmando que se *“houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.”*

## **5. Instrumentos**

Os instrumentos utilizados em todo o processo de investigação foram escolhidos com grande cuidado para que a pesquisa se desenvolvesse da forma mais assertiva e íntegra possível.

A escolha de um método intensivo, de uma abordagem qualitativa e respetiva metodologia de estudo de caso, foram as opções que desde início mostraram ser aquelas que realmente se enquadravam ao tipo de estudo que pretendíamos. Ou seja, seria e é através destas que conseguimos dar resposta aos nossos objetivos,



compreendendo a realidade em causa no seu todo, e também saber que sentido os indivíduos selecionados dão a essa mesma realidade.

Deste modo, a recolha de dados através de entrevistas seria indispensável. A entrevista escolhida é de tipo semiestruturado, pois é o que nos vai permitir uma aproximação mais informal com os sujeitos, que serão as nossas fontes de informação, e assim ter acesso às suas opiniões ou perspetivas pessoais, não os “forçando” a responder a perguntas fechadas, mas sim abrir-lhes o caminho para poderem falar daquilo que lhes é mais importante, e consequentemente será o mais importante para nós também. Claro que sempre que necessário serão orientados de volta para as linhas temáticas previamente pensadas pelo entrevistador.

Todas as dimensões utilizadas foram, no fundo, uma forma de termos uma perceção mais global dos entrevistados, conhecê-los melhor e tentar perceber de que forma as suas “vidas” até ao dia de hoje, que são produtores Surdos, influenciaram na produção das suas obras. Este é o facto de apenas ter sido utilizado um guião de entrevista, ou seja, apesar de serem produtores de diferentes áreas, o nosso objetivo é o mesmo para todos. Apenas tivemos de alterar algumas questões para a Sofia Quintas visto esta ser atriz, aquela que interpreta as peças, o que para nós não deixa de ser um trabalho de produção artística.

Assim sendo, a entrevista utilizada é constituída por cinco dimensões, sendo a primeira relacionada com o processo criativo dos produtores, para que percebamos o caminho que percorreram desde o surgimento da vontade de criar, passando pelas obras em si e sua divulgação até a perspetivas futuras sobre as produções em geral. Em segundo lugar temos a dimensão referente à cultura surda, pela qual tentaremos entender o que cada um pensa sobre o assunto, em terceiro o ambiente ou fatores sociais vivenciados que possam ter influenciado o facto de se terem tornado criadores Surdos. A dimensão quatro tem que ver com a realidade escolar, por também pensarmos ter sido um possível potenciador da criatividade dos autores, que os levou ao gosto pela arte que fazem. E, por fim, temos a identificação pessoal e familiar dos entrevistados, tentando assim conhecê-los melhor e perceber um pouco da sua história pessoal.

## Quadro 1 – Dimensões

Dimensões
Processo criativo dos produtores
Cultura Surda
Fatores Sociais
Realidade escolar
Identificação Pessoal

## 6.Procedimentos de recolha de dados

Estando delineada a estrutura da entrevista, assim como a escolha da amostra, passamos de seguida ao contacto feito com os elementos da mesma.

O primeiro contacto foi feito via e-mail, com uma breve explicação do que se pretendia com o estudo e logo com as entrevistas e também explicitando alguns aspetos como a presença de intérprete e revelação da identidade, o qual foi positivamente atendido por todos os autores/produtores culturais.

O professor Francisco Goulão disponibilizou-se desde logo a cooperar/ajudar connosco, embora por razões de saúde estivesse impedido de sair de casa e, por isso, a entrevista realizou-se via *Messenger* e, por questões de horários, teve de ser dividida em quatro sessões, nos dias 25 de outubro, 6 de novembro, 4 e 11 de dezembro de 2012 .

O produtor/ realizador Zé Luís Rebel também atendeu de imediato o pedido de participação nesta investigação, disponibilizando-se prontamente à marcação da entrevista. Com a necessidade de uma intérprete, foi preciso conciliar os horários dos três para a sua realização, que ocorreu num centro comercial, no dia 21 de novembro de 2012, em apenas uma sessão.

Sofia Quintas, jovem atriz, também se disponibilizou a ajudar neste estudo. A entrevista foi realizada numa única sessão, no dia 7 de fevereiro de 2013, num centro comercial, na qual esteve presente uma intérprete.

Por fim, foi-nos possível entrevistar a escritora Marta Morgado, no dia 22 de fevereiro de 2013. O facto de ser de Lisboa, e pela incompatibilidade de horários, que nos impossibilitou um encontro pessoal, levou-nos a que a entrevista só fosse possível via *Skype*. Estando Marta Morgado acompanhada (pessoalmente) de uma intérprete, esta comunicava connosco pelo *Skype* e fazia o trabalho de interpretação para a escritora e desta para nós.

Em todos os casos, no momento da primeira entrevista, pedimos novamente autorização para revelarmos a identidade de cada um, que foi aceite sem qualquer reserva, tendo preenchido o pedido de consentimento informado.

Deste modo e após a realização das mesmas, passamos para a análise dos dados recolhidos, de forma a dar resposta às questões de investigação previamente formuladas.

## **7. Métodos e técnicas de tratamento de dados**

*“It is necessary to do detailed, intensive, microscopic examination of the data in order to bring out the amazing complexity of what lies in, behind, and beyond those data.”*  
(Strauss, 1987: 10)

Para o tratamento dos dados recolhidos, optamos pela análise de conteúdo intensiva pelo facto de estar a ser trabalhado um método intensivo e uma abordagem qualitativa e porque a informação a retirar dessa recolha será a fonte a utilizar para responder às questões a que nos propomos. Assim como nos permite uma análise de informação *“e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e*

*complexidade (...)* como analisar ideologias, representações ou mesmo produções culturais e artísticas. (Quivy e Campenhoudt, 1998: 227, 230)

Baseamo-nos ainda nas palavras de Bardin (1994: 9), no que respeita a análise de conteúdo, pelo facto de expressarem aquilo que pretendemos com a utilização da mesma. Diz-nos então que a análise de conteúdo é um instrumento de recolha de informação que *“absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido em qualquer mensagem.”*

Pois, é da análise e interpretação do discurso dos sujeitos entrevistados que iremos retirar a informação necessária de forma a dar resposta àquilo que nos propomos, tendo em conta também a nossa pretensão, em ter o cuidado, de não cair em interpretações espontâneas e instintivas do discurso em análise. O que vai ao encontro do que Bardin (1994: 28) refere como o *“dizer não “à leitura simples do real””*, que por si só já poderá conter alguma informação, mas que se for feita em profundidade poderá ser muito mais enriquecedora para a investigação.

Então como se trata, no fundo, de uma interpretação coerente do conteúdo do discurso em causa, não podemos por de parte aquela que, segundo Bardin (1994: 38, 39), é a verdadeira intenção desta técnica de recolha de dados, que é a inferência, ou seja, o processo dedutivo que nos levará à interpretação lógica do conteúdo discursivo e ainda nos ajudará a descobrir tanto as causas como as consequências de determinado enunciado. O que não é mais do que aquilo que pretendemos com o presente estudo, ou seja, tentar descobrir, a partir de indicadores que poderão estar inscritos no discurso de autores Surdos, de que forma as suas produções acarretam em si marcadores culturais surdos.

Tudo isto está intimamente relacionado com a descoberta do que Bardin e outros autores franceses denominam como *“condições de produção”*, estas são o objeto da análise de conteúdo e é a partir destas que poderemos iniciar o processo inferencial do conteúdo discursivo das entrevistas a tratar, nunca esquecendo que *“a leitura efectuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é, ou não é*

*unicamente, uma “leitura à letra”, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em um segundo plano.”* (Bardin, 1994: 40, 41)

Especificamente no nosso caso, as condições de produção têm que ver com o emissor, pois iremos conhecê-lo melhor através do que nos dirá, ou seja, através da sua mensagem. A qual não será mais do que o foco principal da nossa análise, ou por outras palavras, a mensagem será o elemento essencial, sem o qual não existiria, todo este processo de análise de conteúdo. Neste ponto, reteremos a nossa atenção no código da mensagem, que nos revelará aspetos de um foro mais formal e descritivo daquilo que foi dito, mas ainda mais na sua significação, a parte da mensagem que está mais relacionada com o conteúdo, com os temas ou assuntos inscritos na mesma. (Bardin, 1994: 134, 135)

Neste sentido, e dentro do leque das técnicas utilizadas pela análise de conteúdo que Bardin (1994: 155, 156) propõe iremos optar pela análise de avaliação, em que se irá perceber a posição do sujeito no que refere ao objeto de estudo (no seu próprio discurso), quer através das suas opiniões ou descrições (referidas também como atitudes), isto é, tenta-se perceber a direção e a intensidade da opinião do sujeito entrevistado. Sendo a direção *“o sentido da opinião segundo um par bi-polar,”* que normalmente balança entre uma opinião mais favorável ou positiva e o seu oposto, mas que porventura se poderá encontrar num estado intermédio, a ambivalência e a intensidade o marcador da *“força ou grau de convicção expressa.”*

Outra técnica nos chamou a atenção para a análise de conteúdo que é a análise de enunciação, em que o foco estará no conteúdo do discurso, o qual poderá ser olhado através do elemento palavra ou frase, sendo estes o produto de um processo e não simplesmente um dado paralisado. Bardin (1994: 170, 175) afirma que o *“discurso não é um produto acabado mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições”* e dá-nos o exemplo das entrevistas, durante as quais os sujeitos são espontâneos, mas ao mesmo tempo influenciados pela situação em si. Principalmente nas entrevistas que não são diretivas, o que requer uma atenção redobrada ao fator *“lógica (intrínseca) do discurso”*, que se refere ao arranjo e à dinâmica do discurso, ou seja, às relações entre

as proposições (afirmações, declarações) ao longo da entrevista, visto que uma entrevista, como a nossa, semi-diretiva, prevê alguma autonomia do entrevistado.

Como nos diz Guerra (2006: 69) sobre esta técnica de tratamento de dados *a análise de conteúdo pretende descrever as situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito*, o que nos leva a referir o processo de transcrição das entrevistas, para que não houvesse engano na informação conseguida.

O facto de três entrevistas terem sido realizadas com a presença de intérprete, em tempo real, fez com que a estrutura do discurso anotado fosse, em grande parte, igual à estrutura da LGP, o que nos levou a um ajustamento, apenas, estrutural das entrevistas para a estrutura da Língua Portuguesa. O mesmo sucedeu com a entrevista realizada via internet, em que o discurso foi escrito pelo entrevistado.

## **CAPÍTULO II – Apresentação e discussão dos resultados**

### **1. Definição de categorias**

Para a análise dos dados recolhidos nesta investigação tomamos um rumo categorial que nos facilitou a compreensão dos discursos conseguidos. Optamos deste modo por um formato em grelha, que nos permitiu uma distribuição das citações dos entrevistados pelas categorias e suas subcategorias, nunca perdendo de vista a essência do conteúdo das suas respostas, levando assim a uma leitura sintética e essencial.

Com isto, conseguimos ter a perceção não só do ponto de vista de cada entrevistado enquanto indivíduo (experiências de vida pessoais), mas também de cada indivíduo como sendo Surdo, ou seja, pertencente à comunidade surda. São as suas experiências, as suas perspetivas, no fundo, os seus percursos pessoais e profissionais que dão forma a este estudo.

A análise categorial permite-nos comparar esses percursos, essas experiências, que embora em áreas diferentes, não deixam de ter em comum o facto de serem produções culturais surdas e assim perceber que marcadores poderemos encontrar lá inscritos.

Para uma melhor perceção do que pretendemos com as categorias escolhidas e suas subcategorias, apresentamos um quadro que contém cada uma com uma breve explicação:





<p><b>C. Fatores Sociais:</b></p> <p>Vivências que possam ter tido e que os possam ter influenciado em se tornarem criadores.</p> <p><b>D. Escola:</b></p> <p>Refere-se à realidade escolar vivenciada por cada um.</p>	<p>influências que as obras já conhecidas anteriormente possam ter tido nas suas próprias produções.</p> <p><b>B3. Relação entre a sua produção e a cultura surda:</b> contribuição das suas obras para a afirmação de uma cultura surda.</p> <p><b>B4. Representação de cultura surda:</b> a forma como cada um perspectiva a cultura surda.</p> <p><b>B5. Manifestação de cultura surda:</b> saber como é que esta cultura se pode manifestar.</p> <p><b>B6. Representação do que é ser Surdo:</b> refere-se à forma como cada entrevistado vê o “ser-se Surdo”, as diferenças na forma de olhar o mundo.</p> <p><b>B7. Representação da realidade surda:</b> refere-se à perspectiva que cada um tem sobre a sua realidade (surda).</p> <p><b>C1. Influência da sociedade na produção:</b> refere-se a algum tipo de influência que a sociedade possa ter exercido sobre o entrevistado e que o tenha levado à produção artística.</p> <p><b>C2. Circulo de amigos:</b> refere-se aos amigos que faziam parte da sua vida.</p> <p><b>D1. Frequência em Jardim de Infância ou escola, regular ou unidade especial:</b> saber como foi o início do percurso escolar de cada um.</p> <p><b>D2. Frequência em atividade extra curricular:</b> refere-se à possibilidade de frequência em atividades para além das disciplinas curriculares.</p> <p><b>D3. Professores Surdos ou ouvintes:</b> refere-se ao tipo de realidade presenciada em sala de aula, relativamente ao professor.</p> <p><b>D4. Relação aluno – professores:</b> que tipo de relação havia entre o professor e os entrevistados.</p> <p><b>D5. Influência dos professores/ escola na formação pessoal e/ ou profissional:</b> saber se algum professor, ou mesmo a própria instituição que frequentaram, teve algum tipo de influência</p>
---	---

<p><b>E. Identificação pessoal:</b></p> <p>Perceber de onde vieram e conhece-los melhor através alguns episódios das suas histórias pessoais.</p>	<p>das suas opções futuras quer a nível de crescimento pessoal ou profissional.</p> <p><b>E1. Surdez pré ou pós- lingual:</b> saber quando se soube da surdez de cada entrevistado.</p> <p><b>E2. Contacto precoce com gestos ou LGP:</b> refere-se ao tipo de contacto que os familiares com quem viviam lhes proporcionaram com os gestos e/ ou LGP.</p> <p><b>E3. Histórias contadas na infância:</b> refere-se ao facto se lhes eram contadas algum tipo de histórias infantis durante a sua infância.</p> <p><b>E4: Utilização de memórias pessoais para as produções:</b> refere-se ao facto de recorrerem às suas próprias memórias para as suas produções artísticas.</p>
---	---

Apresentadas todas as categorias e subcategorias utilizadas na análise dos dados recolhidos num quadro geral, passaremos de seguida a uma análise específica de cada uma, tendo em conta o discurso dos entrevistados sobre as mesmas.

## 2. Análise categorial dos discursos

### 2.1. Processo Criativo

A primeira categoria a termos em conta na análise categorial relaciona-se com o processo criativo de cada um dos entrevistados, por outras palavras, esta categoria refere-se a todo o caminho percorrido pelos mesmos desde o seu início, até às suas perspetivas futuras. Para entendermos melhor o percurso no seu todo organizamos as seguintes subcategorias:

### Quadro 3 – Categorias analíticas: Processo Criativo

<u>Categoria</u>	<u>Subcategoria</u>
Processo Criativo	<b>Início do processo criativo</b>
	<b>Motivação para a produção</b>
	<b>Intencionalidade para produção</b>
	<b>Temáticas</b>
	<b>Representação da realidade surda nas obras</b>
	<b>Público-alvo</b>
	<b>Transmissão de alguma mensagem</b>
	<b>Processo de divulgação das obras</b>
	<b>Razões para haver poucos produtores</b>
	<b>Futuro das produções surdas</b>
	<b>Projetos futuros</b>

A atenção nesta categoria está em percebermos as motivações de cada entrevistado para um primeiro interesse e envolvimento na respectiva área, passando ainda pela essência das suas obras e trabalhos, ou seja, conhecer as suas intencionalidades, temáticas, público, mensagens transmitidas, a sua realidade como pessoas surdas presente nas suas obras, a divulgação das mesmas, conhecer a sua realidade enquanto produtores/ criadores e como prevêm o futuro da sua arte.

Por ser uma categoria bastante vasta, passaremos à análise de cada subcategoria, tendo como primeira o *início do processo criativo*, em que os entrevistados nos contam como surgiu o interesse pela “sua” arte, visto que são os quatro de áreas diferentes.

Deste modo, pudemos constatar que o interesse dos sujeitos começou a ser explorado desde criança, com a exceção de um dos sujeitos que se deparou com o gosto pela arte mais tarde.

No caso de Zé Luís Rebel, ficamos a saber que o seu gosto pelo cinema e pela captação de imagens teve o seu início quando ficou surdo (2 anos) e com uma influência familiar, aquando as suas férias escolares, pois ficava na casa dos avós, ele revela-nos que: “(...) foi basicamente uma influência familiar, com o avô, não só a ver filmes, mas para estar atento, a captar o interesse das coisas.”

Na mesma linha das influências, embora não familiares, o Professor Goulão, afirma-nos que o seu gosto pelo desenho é a sua “(...) vocação desde criança.” E que nasceu quando começou a copiar desenhos de revistas e

*“(...) também postais, que uma professora suíça do colégio privado e especial para crianças surdas em Lisboa me dava. (...) Foi ela que me influenciou nos primeiros passos.”* Professor Goulão

Também Sofia Quintas, que embora tenho começado a sentir interesse pelo teatro mais tarde, foi influenciada por alguém, neste caso por um formador da Associação de Surdos do Porto:

*“Não foi ideia da minha parte, foi um profissional da área. Na Associação de Surdos do Porto, num curso, havia uma disciplina ligada ao teatro. Havia uma turma que estava a ter aula e eu fiquei curiosa espreitei, gostei do que vi.”* Sofia Quintas

Marta Morgado, revela-nos o seu gosto precoce pela escrita, afirmando que tudo surgiu *“Naturalmente. Desde sempre gostei de escrever, mas os livros era um sonho, pois não havia livros ligados a crianças surdas.”*

Daqui podemos inferir que os entrevistados Zé Luís Rebel, Professor Goulão e Sofia Quintas remetem as suas memórias dum início precoce deste gosto pela arte a alguém presente na sua infância ou mais tarde em certo ponto de sua vida, assim como Zé Luís Rebel, Professor Goulão e Marta Morgado nos revela que desde cedo se sentiram atraídos pelas respetivas formas de arte (cinema, desenho e escrita).

Já mais próximos daquilo que são as obras ou trabalhos produzidos pelos sujeitos, tivemos em conta a *motivação para a produção*, ou seja, sabemos das suas influências mais remotas que de certa forma cativaram um gosto intrínseco pela arte que representam neste estudo, agora pretendemos saber o que os levou a serem produtores/ criadores culturais.

Verificamos nesta subcategoria que dois deles tiveram uma força motivadora direcionada para a colmatação de uma falta de material relacionada com a surdez.

Zé Luís Rebel mostra-nos deste modo a sua preocupação em “(...) *colmatar a falta de comunicação (...) falta de informação, necessidade e compreensão(...)*”, da mesma forma que Marta Morgado nos reafirma o facto de não haver muitos livros para crianças surdas, o que a fez querer ainda mais ser escritora: “...*não havia livros ligados a crianças surdas.*”

Relativamente ao Professor Goulão, o que o motivou a desenhar as suas histórias, foi uma questão profissional, ou seja, “*Depois do ano 2003 resolvi fazer histórias, por ser o ano do encerramento de escola especial no António Cândido. (...) Fiquei sem alunos (...).*”

Já a Sofia Quintas decidiu partir para o teatro com um episódio que se passou na Associação de Surdos do Porto, quando ficou curiosa e espreitou a aula no mesmo local:

*“O formador não estava a conseguir fazer passar a mensagem do que pretendia dos alunos e eu através de uma pequena dramatização passei a mensagem do professor. Assim o formador quando viu a minha predisposição para o teatro pôs a hipótese de criar um curso de teatro para quem quisesse participar.”* Sofia Quintas

A subcategoria seguinte, *intencionalidade para a produção*, pode ser cruzada com a anterior no sentido de após sabermos o que os motivou, o que os levou a se tornarem produtores de facto, saber a intenção, o objetivo das suas obras/ trabalhos.

Neste ponto pudemos constatar que a totalidade dos entrevistados têm em vista as comunidades surda e ouvinte nas suas produções no sentido de as ligar através do cinema, como é no caso de Zé Luís Rebel, tal como nos diz o próprio:

*“Quero fazer a ponte entre o mundo Surdo e o ouvinte através de legendas, LGP, expressões. (...) o objetivo não é ter presente a pessoa surda, o objetivo é ter presente os gestos e a língua gestual e*

*juntamente a pessoa surda. Sim, o objetivo é criar pontes de comunicação, de cultura, identidades, línguas e expressões.” Zé Luís Rebel*

O Professor Goulão também nos afirma que as suas criações são: *“(...) para sensibilizar os ouvintes. (...) Para ver as histórias que sou capaz de fazer, histórias para surdos (risos). Também para aprender os gestos.”*

Assim como a intenção de Marta Morgado com os seus livros será *“mostrar a realidade, mas disfarça-la um pouco com as histórias.”*

Numa mesma linha, mas querendo ainda assim reforçar a sua intenção para com a comunidade surda, Sofia Quintas revela-nos que nas peças em que entrou o objetivo era: *“(...) mostrar aos Surdos que os Surdos também conseguem fazer teatro.”*

Cruzando estas informações com a subcategoria *público alvo*, temos a confirmação de que as intenções das obras criadas pelos sujeitos e aquelas em que participaram, como no caso de Sofia Quintas, são dirigidas para ambas as comunidades, pois os quatro revelam-nos que o seu público alvo é “geral”, pelo que podemos concluir que se trata das comunidades surda e ouvinte, assim como não têm limite de idade.

Existe portanto uma tentativa de ligar os dois mundos através da arte, pô-los em sintonia no que toca o assunto surdez. Ora para mostrar aos próprios surdos e ouvintes que os Surdos são capazes de fazer arte, ora para criar mais pontes de comunicação entre os dois e ainda mostrar a realidade surda de uma forma suavizada em contos infantis.

Podemos ainda constatar este facto através das *temáticas* presentes nas obras. No caso de Zé Luís Rebel, ele informa-nos que *“Não há um tema específico, o objetivo é ter presente a pessoa Surda.”* Que também é o caso do Professor Goulão, isto é, ter presente nas suas histórias pessoas surdas, embora este especifique as suas histórias enumerando-as:

*“Vou escrever os nomes das histórias que estão nos sites: “Branca e o gato”, “As lições do surdo Toni”, “Jardim de Infância”, “A Branca e*

*o Lobo Mau”, “A Branca e o professor surdo”, “A viagem”, “A vida dos surdos”, “Porto”, “Descobrir Portugal” e “Branca e os 7 surdos”.*

Professor Goulão

Nas peças em que Sofia Quintas participou, a que nos mostra com mais evidência esta “junção” das duas comunidades é a última peça em que participa: *“Esta última estava ligada a Eugénio de Andrade. A nossa ideia tinha que ver com o dia a dia da vida.”* Sofia refere-se a ela, como aquela que foi mais trabalhosa, mas também a mais importante, não desmerecendo as outras: *“Foi o “top” da minha vida, foi diferente de todas, embora todas tenham sido importantes.”* Isto porque, segundo a sua descrição foi uma peça bastante rica e enriquecedora para ela enquanto atriz: *“Teve poesia, música, pessoas Surdas e ouvintes, houve uma troca de experiências muito importante com os ouvintes, pois eram profissionais.”*

Já nos três livros de Marta Morgado, podemos dividir as temáticas em dois sentidos, aquele que retrata a realidade surda e outro que tem como objetivo mostrar uma realidade mas que não especificamente surda.

Vejamos que em *“Mamadu”*, a história gira em torno da realidade africana, em *“que não havia uma escola para Surdos e com o livro ajudar a criar uma”*, em *“Sou Asas”* mostrar que *“há muitas crianças que estão no meio ouvinte e quando vão para a escola de Surdos a realidade muda. Às vezes chegam lá sem saber LGP e as outras crianças afastam-se e o que quero mostrar é que não se deve fazer isso.”*

Temos, portanto, duas histórias que embora sejam diferentes no enredo, nos mostram dois exemplos de duas realidades especificamente surdas, retratam dois exemplos da realidade que duas crianças experienciaram.

Em *“Luanda, Lua”* a autora pretende *“mostrar à sociedade portuguesa que este tipo de famílias existe.”* (Referindo-se às “famílias arco-íris”.) História que não deixa de tocar nos dois mundos, mas que em termos temáticos envereda o seu objetivo para outro campo.

Neste seguimento, a subcategoria referente à *representação da realidade surda nas obras* revela-nos o que os autores pensam das suas obras relativamente ao facto

destas conterem em si características representativas da sua realidade enquanto pessoas surdas, ao qual a maioria, com a exceção de Sofia Quintas, respondeu positivamente, embora com algumas “estratégias” diferentes.

Em relação a Zé Luís Rebel, e como já nos referiu na subcategoria anterior, *intencionalidade para a produção*, “ (...) o objetivo não é ter presente a pessoa surda, o objetivo é ter presente os gestos e a língua gestual e juntamente a pessoa surda.” Portanto, a realidade surda está presente na sua produção não pelo simples facto de participarem pessoas surdas, mas mais do que isso, é um conjunto de elementos como os gestos, a língua gestual e as pessoas surdas, que faz com que isso aconteça.

A representação da realidade surda na obra do Professor Goulão também passa pela utilização da língua gestual, mas também vai mais além, pois tanto retrata “a vida dos surdos”, “A vida dos surdos”, “A branca e o professor surdo”, como representa para ele um meio de divulgação da sua própria vida, tanto como artista, como professor e educador de crianças surdas: “Sim, transmitir sobre mim na cultura surda. É para divulgar a minha vida artística e também profissional, como professor e educador, a crianças surdas.”

Nas produções de Marta Morgado, como já foi referido anteriormente, pela breve síntese das temáticas, temos perfeitamente retratada a realidade surda nos livros “Mamadu” e “Sou Asas”, com exceção de “Luanda, Lua”: “Sim. O terceiro não é bem.”

A resposta de Sofia Quintas, reflete bastante o tipo de público a atingir, ou seja, Surdos e ouvintes, pois “Não utilizamos LGP, só mímica e as pessoas viam e percebiam a ideia. O objetivo era que toda a gente percebesse, pois com LGP os ouvintes não iriam perceber.”

No que concerne as respostas à *transmissão de alguma mensagem*, não constatamos nenhuma específica em relação ao filme “Caçadores da Noite” de Zé Luís Rebel, mas sim de uma forma geral em relação às suas produções e mesmo à sua produtora, ou seja, Zé Luís Rebel, quando nos descreve em que consiste a “GestoFilmes” e respetivas produções mostra-nos que quer transmitir a todos o seu trabalho enquanto produtor surdo, tal como a escolha do próprio nome da produtora, já tem em si uma conotação referente à produção cultural surda.



Para o Professor Goulão os seus trabalhos *“Têm um fim didático e cultural.”*, Sofia Quintas, diz-nos que todas as peças têm mensagens e relativamente à peça que foi mais importante para ela, *“(…) estava ligada a Eugénio de Andrade. A nossa ideia tinha que ver com o dia a dia da vida.”*

No caso de Marta Morgado ficamos a saber que as suas mensagens se direcionam aos Surdos e aos ouvintes: *“Aos Surdos para se sentirem identificados. Aos ouvintes para aprenderem, o “Sou Asas” é mais direcionada para os ouvintes.”*

Não se insistiu muito nesta subcategoria por julgarmos estar de certa forma interligada com outras anteriores como a *Temáticas*, quando os autores descrevem um tanto as suas produções e a *Intencionalidade para a produção*, quando conseguimos perceber a força por detrás da produção em si.

Tocando agora num assunto mais prático relativamente ao material em si, inquirimos sobre o *processo de divulgação das obras*, o qual pareceu ser mais difícil para Marta Morgado, por se tratar de um tipo material que para ser lançado ao público requeria um tipo de serviço mais dispendioso:

*“A Surduniverso é uma editora pequenina especializada em Surdez. No início só a comunidade surda é que os conhecia, tentamos divulgar, mas como é uma editora pequenina foi mais difícil. A divulgação foi difícil por causa do lucro, saía-nos muito caro. Agora já se vê mais na FNAC, mas mesmo assim ainda é uma divulgação fraquinha.”* Marta Morgado

Em relação a Zé Luís Rebel, este usufruiu bastante dos benefícios da internet, principalmente das redes sociais, pelo facto de ser um meio mais rápido e acessível: *“O facebook é um meio fácil para a divulgação(…) como é um meio fácil para a divulgação, achei melhor começar por aí e aproveitar a oportunidade.”*

Tal como o jovem produtor, o Professor Goulão utiliza bastante este tipo de meio, pois revela-nos que *“Tenho sites pessoais com histórias, tenho blogue, tenho facebook, tenho uma página da arte surda no facebook”*, mas não acaba por aqui, pois a

divulgação do trabalho deste criador passa também por jornais, televisão e convites para desenhar: *“(...) também já fui entrevistado pelos jornais e também pela RTP e outros... Também já fui convidado por outros como “kabaret” e “cinanima” para desenhar e aceitei tudo para divulgar.”*

No caso de Sofia Quintas e por ser atriz, a questão foi feita de maneira diferente, ou seja, como ela é criadora, mas no sentido de criar personagens, ou mesmo criar formas de interpretação, questionamo-la relativamente ao caminho até conseguir pisar os palcos, ao seu processo de divulgação enquanto atriz, ao qual ela nos respondeu que *“Não tive barreiras, porque fui incluída nesse projeto para surdos. Se não tivesse o João como encenador teria muitas barreiras. Como a ideia surgiu na Associação de Surdos do Porto foi mais fácil.”*

No sentido de perceber esta realidade de produtores surdos e como nos foi difícil encontrar sujeitos que fossem autores de produções culturais surdas, achamos pertinente juntar a subcategoria *Razões para haver poucos produtores surdos*, a qual foi respondida maioritariamente pela mesma razão, falta de investimento cultural.

Zé Luís Rebel diz-nos: *“Não sei bem...são muitos fatores, é a vontade, é o dinheiro. (...) Portugal não dá muita oportunidade ao cinema.”*

O Professor Goulão afirma que:

*“Os editores só se interessam em receber lucros, só se pensam de convidar os “vips” sem cultura, lançar livros de pessoas conhecidas e mediáticas. Só pensam em convidar os “pimbas(...)Em Portugal há bons artistas portugueses, genuinamente culturais como eu.”*

Professor Goulão

E no mesmo alinhamento segue a opinião de Marta Morgado, considerando ainda o facto de os Surdos que o fazem fazerem-no em associações ou escolas:

*“Há poucos... em Portugal investe-se pouco na área da cultura. No geral acho que os Surdos têm jeito para o teatro, poesia, escrever, mas os Surdos que o fazem, fazem-no dentro duma associação ou*

*escola e acabam por não se profissionalizar e os que o fazem têm muitas barreiras.”* Marta Morgado

Já Sofia Quintas remete a questão para o facto de ter existido pouco acompanhamento de intérpretes aos Surdos, o que poderia levar ao afastamento destes do ensino:

*“Porque havia poucos intérpretes antes, agora há mais. As mentalidades estão-se a abrir. Também porque os Surdos não iam para o Ensino Superior. A ideia dos Surdos era, primeiro pensavam “Será que há intérpretes?”, “Será que os professores nos vão aceitar?”. Se quisermos mesmo ir para a Universidade e tirar um curso temos de lutar.”* Sofia Quintas

Com este leque de razões apresentadas pelos entrevistados, julgámos ser interessante perceber as suas perspetivas de cada um em relação ao *Futuro das produções surdas*, pelo duma maneira geral conseguimos perceber que o futuro não será muito positivo e baseado na esperança de melhoras.

No caso de Zé Luís Rebel, ele espera *“(…) receber mais apoios, que haja mais interesse. Desde que haja compreensão, respeito e inclusão social.”*

O Professor Goulão também confessa que *“Gostaria que aparecessem mais...”* (refere-se às produções surdas), mas que tem dúvidas quanto a um futuro positivo *“por causa da crise.”*

Marta Morgado dá-nos a sua opinião referindo-se às diferenças notadas com o passar do tempo em relação a este assunto:

*“Antigamente havia apoio, divulgação, mas era mais dentro da comunidade surda, agora com os cortes que há... Antes os Surdos frequentavam mais as associações, agora a sociedade mudou, os Surdos não procuram tanto os grupos de Surdos. Por outro lado, a*

*nível da multimédia, há mais surdos que começam a fazer mais na área.” Marta Morgado*

E Sofia Quintas vê o futuro do projeto de teatro em que está envolvida a ter continuidade:

*“Eu vou pedir ao João que continue com estes projetos ou até mesmo eu continuarei com eles. (...) Há muitos Surdos que não percebem bem o que é fazer teatro, pois para mim não pode ser feito “mais ou menos”, tem de se trabalhar bastante e fazer muito treino expressivo.” Sofia Quintas*

Esta questão sobre o futuro das produções culturais surdas, remeteram-nos para uma perspetiva mais pessoal que vai ter como foco os *projetos futuros* de cada um, e cada um vê-se no futuro a fazer aquilo que gosta dentro da sua área.

Temos o exemplo de Zé Luís Rebel que nos revela que:

*“Ainda neste momento estou na produção de 2 documentários e 3 curtas.(...) Quanto a outros, não tenho data definida, ainda não foi decidido, é para concorrer a festivais, normalmente demora mais tempo.” Zé Luís Rebel*

A este respeito o Professor Goulão confessa que:

*“O meu maior sonho é lançar uma exposição sobre Espinho (...).E igualmente lançar um livro tipo álbum com desenhos completos, incluindo histórias e com uma autobiografia, mas em Portugal é difícil.” Professor Goulão*

Sofia Quintas como já referiu espera que o presente encenador continue com o projeto e que caso contrário continua ela com ele e acrescenta que: *“Para já tenho outro trabalho, mas se deixar de ter, se calhar, vou focar-me mais no teatro.”*

E como seria de esperar Marta Morgado espera:

*“(…) continuar a escrever, tenho algumas histórias na cabeça, mas agora só quando as coisas melhorarem. “A turma de Jacob” é um grande projeto, pois envolve quatro anos escolares e agora prevê-se mais uns quatro de projeto.”* Marta Morgado

## 2.2. Cultura Surda

A segunda dimensão a tratar relaciona-se com a questão cultural da surdez, numa perspetiva pessoal, no sentido de tentarmos perceber como este fenómeno, “cultura surda”, é visto pelos olhos de cada um e como está presente nas suas vidas e trabalhos. Deste modo, tivemos em conta as seguintes subcategorias:

**Quadro 4 – Categorias analíticas: Cultura Surda**

<u>Categoria</u>	<u>Subcategoria</u>
<b>Cultura Surda</b>	<b>Conhecimento anterior de produções surdas e ouvintes</b>
	<b>Influências das produções</b>
	<b>Relação entre a sua produção e a realidade surda</b>
	<b>Representação de cultura surda</b>
	<b>Manifestação da cultura surda</b>
	<b>Representação do que é ser Surdo</b>
	<b>Representação da realidade surda</b>

O discurso dos entrevistados quanto ao *conhecimento anterior de produções surdas e ouvintes* mostra-nos que todos eles, cada um na sua área, tiveram contacto com ambos os tipos de produções.

Zé Luís Rebel diz-nos que o acesso às produções surdas não foi possível, mas que teve conhecimento delas: *“Não tive acesso mas tive conhecimento sim, produções fora*

*de Portugal, E.U.A, Inglaterra, França, etc.” E que relativamente às produções ouvintes, sim, teve acesso: “E víamos Tom and Jerry, O Facho e a Flecha, Tarzan (a preto e branco) e BBC vida selvagem, tudo gravado pelo meu avô para VHS(...).” E ainda refere alguns realizadores que tem em boa conta: “(...) Spielberg (...) Stanley Kubrick, David Lynch, Alfred Hitchcock (...).”*

No caso do Professor Goulão, refere-se a um grupo, que expõe os seus trabalhos numa rede social, embora não seja qualquer pessoa que possa ter acesso: *“Sim há um grupo que se chama arte silenciosa, mas só mostra os trabalhos e é um grupo fechado no facebook.”* Quanto a produções ouvintes, o Professor enumera algumas que eram do seu agrado: *revistas de “far west” e desenhos animados (Mickey) e filmes como “Charlotte”, “Tintin”.*

No que respeita a produções culturais surdas relacionadas com o teatro, Sofia Quintas é bastante específica ao dizer que sim, que conhece apenas uma: *“Teatro Surdo conheço a Emmanuelle Laborit.”* E que relativamente ao teatro ouvinte, que assistiu a peças, mas que não lhe faziam muito sentido por não perceber o que se falava: *“Também conheço o teatro ouvinte, mas não percebia nada do que diziam.”*

Por fim, o conhecimento prévio de obras escritas por Surdos que Marta Morgado tem também não é muito vasto, pois nomeou apenas um: *“Conheço o “LEO”. É difícil... é possível que haja mais ilustradores do que escritores surdos.”* Visto o mundo da “literatura ouvinte” ser tão vasto e estar presente na vida de todos nós desde cedo e desde sempre, direcionamos a nossa questão sobre o conhecimento prévio de produções ouvintes sobre surdez, ao qual ela nos diz que: *“Sim, estrangeiras. Tenho vários livros, fiz uma pesquisa sobre livros infantis sobre Surdos e a maior parte está direccionada para os aparelhos. Sempre que viajo tento sempre procurar.”*

Podemos deparar do discurso dos sujeitos, que apesar de todos eles terem conhecimento de produções culturais surdas, estas são num número ainda bastante reduzido, talvez por não haver ou por serem difíceis de encontrar. O facto é que em qualquer das quatro áreas a que os entrevistados pertencem, o acesso às produções surdas é bastante limitado, comparado com a oferta de produções ouvintes que os rodeiam.

A partir deste ponto, quisemos saber se algum deste conhecimento teve, de alguma forma, influência nos nossos entrevistados, pelo que considerámos analisar a seguinte subcategoria *Influências das produções*.

Excetuando Zé Luís Rebel, que nos conta que foi influenciado por produtores ouvintes: *“O primeiro que me influenciou foi o Spielberg (...). Posso citar que as minhas influências evoluíram ainda mais com Stanley Kubrick, David Lynch, Alfred Hitchcock (...).”* E Sofia Quintas que foi influenciada pelas peças ouvintes que assistiu, mas num sentido mais prático, *“As peças de teatro com ouvintes que vi ensinaram-me muita coisa, que levei para o meu trabalho.”*, pois sabemos que não as conseguia entender. Constatamos que, pelo discurso anterior de Marta Morgado, as influências que teve para escrever residem na realidade que a rodeia e o Professor Goulão diz-nos que não teve grandes influências do que já conhecia para produzir os seus trabalhos: *“Mais ou menos. (...) Prefiro fazer individualmente para me promover como artista surdo.”*

Temos, portanto, um leque diversificado de respostas, que nos leva a depreender que cada pessoa manuseia aquilo que apreende do meio que a rodeia de formas bastante particulares e próprias.

Quisemos então saber da existência de alguma *relação entre a sua produção e a cultura surda*, no sentido das produções fazerem de algum modo parte desta cultura, pelo que todas as respostas começaram pela mesma palavra *“Sim.”*

Zé Luís Rebel responde sucintamente: *“Sim, porque participam pessoas surdas.”*, informação que podemos interligar ao facto de ele querer também ter presente nos seus trabalhos, gestos e LGP.

O Professor Goulão direcionou esta questão num sentido mais exemplar, ao qual nos diz: *“Sim. Gosto de dar aos alunos e aos professores, para saberem e transmitirem o meu modelo a outros, como professor e artista na cultura minha surda.”*

Sofia Quintas revela-nos a sua opinião, que vai num sentido mais identitário da surdez: *“Sim, por causa da identidade e da cultura, a expressão facial, o movimento do corpo, a LGP.”*

E Marta Morgado demonstra-nos que esta relação existe, principalmente através do seu projeto “A turma de Jacob”: *“Sim. “A turma de Jacob” especialmente. Fala dos intérpretes, da sensibilização, segue o programa de LGP, a história.”*

Julgamos desta forma que, de uma maneira ou de outra, todos sentem que o que fazem faz parte ou contribui para a existência ou até afirmação da cultura surda.

No mesmo alinhamento da subcategoria anterior, e falando assim das suas obras ou trabalhos em sintonia com a cultura surda, questionamos os sujeitos acerca do que significa para eles esse conceito e assim demos origem à subcategoria *Representação de cultura surda*.

Em todos os entrevistados deparámo-nos com a mesma situação inicial, uma certa dificuldade em explicitar as suas ideias, com a exceção do Professor Goulão, que direcionou a questão num sentido diferente dos restantes, simplesmente nos disse: *“É muito importante para sensibilizar.”*

Ao passo que os outros tentaram por palavras suas explicitar o que entendiam por cultura surda.

Zé Luís Rebel diz-nos: *“Eu sou Surdo, logo estou inserido nela. É difícil explicar.(...) na comunidade surda é mais visual. As “campainhas luminosas”, as legendas dos filmes, mas o nome gestual é o que mais se destaca.”*

Sofia Quintas, segue o mesmo tipo de raciocínio, tentando enumerar algumas características que a surdez envolve, mas mais físicas: *“É quase como um encontro em que olhamos para outra pessoa e há ali uma química. Cultura como comunidade, o nosso toque é diferente dos ouvintes, o olhar também.”*

E Marta Morgado conta-nos que: *“É difícil de responder. As pessoas perguntam isso muitas vezes... Não sei... cultura é comunidade, língua, maneira de viver, é o dia a dia. É difícil dizer assim.”*

Sendo os nossos entrevistados criadores de arte, dentro de uma comunidade específica achamos curioso saber do conhecimento de cada um de outras *manifestações de cultura surda*. Foi uma questão que surgiu após a primeira entrevista ser realizada, não obtivemos assim a resposta de Zé Luís Rebel.



E todos enumeraram várias e diversas criações em que a cultura surda se manifesta. O Professor Goulão fala-nos de *“poesia, teatro gestual, também fiz 6 peças teatrais gestuais na escola onde trabalho, também há vídeo sobre mim, chama-se “Memórias Gestuais”, foi realizado por um surdo (refere-se a Zé Luís Rebel) e já foi divulgado na internet e também nas escolas.”*

Sofia Quintas enumera as mesmas áreas que o Professor Goulão, referindo também e curiosamente o nosso entrevistado realizador/ produtor: *“Há muitas pessoas Surdas ligadas à pintura, outras à dramatização de poemas, outras contam muito bem anedotas, no caso do Zé Luís Rebel a área da multimédia.”*

Marta Morgado, para além de referir as mesmas áreas artísticas, revela-nos um pouco do que se passa em outros países relativamente à arte surda:

*“Filmes, teatro, poesia, pintura, fotografia, contar histórias, anedotas. Nos outros países como E.U.A., Brasil, França..., fazem muitos eventos, festivais que mostram a cultura surda, aqui fazem pouco. Há 2 anos fui ao Brasil a um festival de cultura surda e havia muito teatro, muitas pinturas, poesias, filmes e fotografia também.”*

Marta Morgado

Ao longo do discurso dos nossos entrevistados, conseguimos recolher algumas informações extra, que nos proporcionaram a realização de mais duas subcategorias. Como tal não obtivemos respostas de todos os sujeitos nas subcategorias *Representação do que é ser surdo e representação da realidade surda*

Quando à primeira conseguimos obter informações de Zé Luís Rebel e Sofia Quintas que nos descrevem como os sentidos dos surdos são diferentes e os fazem ser diferentes.

Zé Luís Rebel fala-nos do olhar: *“os olhos como a minha audição e foi a partir daquele momento que entendi o mundo de outra forma”*

Tal como Sofia Quintas, acrescentando esta um outro sentido: *“(…) o nosso toque é diferente dos ouvintes, o olhar também.”*

No que respeita a *representação da realidade surda*, conseguimos informações de Zé Luís Rebel, quando nos descreve a realidade da sétima arte com que se deparou:

*“Porque que não há actores surdos? Porque não há legendas em filmes nacionais? Porque é que não há Língua Gestual nos filmes? Porque é que não abordam um contexto social que fala um pouco das pessoas surdas(...)?”* Zé Luís Rebel

Também Sofia Quintas nos conta um pouco da sua perspetiva relativamente à questão dos Surdos frequentarem o Ensino Superior: *“...os Surdos não iam para o Ensino Superior. A ideia dos Surdos era, primeiro pensavam “Será que há intérpretes?”, “Será que os professores nos vão aceitar?”*

E ainda Marta Morgado refere a mudança que houve quanto à frequência ou adesão dos Surdos às Associações: *“Antes os Surdos frequentavam mais as associações, agora a sociedade mudou, os Surdos não procuram tanto os grupos de Surdos.”*

### 2.3. Fatores Sociais

A presente categoria foi pensada em conhecermos um pouco da realidade dos entrevistados, no sentido de haver algum episódio que os tenha marcado e influenciado nas escolhas que fizeram em serem produtores. Pensamos assim em duas subcategorias:

#### **Quadro 5 – Categorias analíticas: Fatores Sociais**

<u>Categoria</u>	<u>Subcategoria</u>
<b>Fatores Sociais</b>	<b>Influência da sociedade na produção</b>
	<b>Círculo de amigos</b>

Relativamente à primeira subcategoria obtivemos informações de Zé Luís Rebel, embora já as tenha referido em categorias anteriores:

*“Influenciou, porque há barreiras na comunicação. De certa forma influenciou a produção, mas foi basicamente uma influência familiar, com o avô, não só a ver filmes, mas para estar atento, a captar o interesse das coisas.” Zé Luís Rebel*

Ficamos a saber também um pouco sobre o grupo de amigos numa determinada época da sua vida que ajudou ao seu interesse na construção de personagens:

*“Mas depois o interesse foi para fora das aulas, conheci muita gente que não pensei sequer alguma vez conhecer, uma gente diferente, mais artística, mais poética e mais ligada à natureza, às coisas, formas e artes. Foi aí que me comecei a interessar mais nas personagens.” Zé Luís Rebel*

Resolvemos não insistir nesta categoria com os restantes entrevistados pelo facto de durante o seu discurso relativo a outras categorias nos terem dado informações sobre as influências da sociedade e podemos concluir que, no fundo, as motivações para a produção, as intenções e mesmo as temáticas e a representação da realidade surda nas obras podem ser consideradas fruto de uma influência da sociedade maioritariamente ouvinte. Daí a necessidade que estes produtores sentem em transmitir e mostrar algo da parte da “comunidade surda”.

## 2.4. Escola

Na presente dimensão *Escola*, consideram-se as experiências que cada sujeito vivenciou durante o período escolar que frequentou, da mesma forma que se considera se este tempo e seus intervenientes (a própria escola e/ ou os respetivos professores) tiveram alguma influência na sua formação pessoal e/ ou profissional, de forma que organizamos as seguintes subcategorias:

**Quadro 6 – Categorias analíticas: Escola**

<u>Categoria</u>	<u>Subcategoria</u>
<b>Escola</b>	<b>Frequência em Jardim de Infância ou escola, regular ou unidade especial</b>
	<b>Frequência em atividade extra curricular</b>
	<b>Professores Surdos ou ouvintes</b>
	<b>Relação aluno – professores</b>
	<b>Influência dos professores/ escola na formação pessoal e/ ou profissional</b>

Começamos assim por saber se os nossos entrevistados frequentaram algum tipo de instituição escolar, o que nos fez recorrer à subcategoria *Frequência em Jardim de Infância ou escola, regular ou unidade especial*.

Ficamos a saber que Zé Luís Rebel frequentou desde cedo os dois tipos de ensino: “*Antes dos 2 anos (quando lhe detetaram a surdez) regular a partir daí frequentou a APECDA.*” (Associação de Pais para a Educação de Crianças Deficientes Auditivas) E após isto, sabemos que frequentou a Escola de Paranhos, assim como a Escola Artística de Soares dos Reis e a Escola Infante D. Henrique.

O Professor Goulão frequentou uma escola especializada: “*Era o colégio de São Francisco de Sales, privado e especializado para crianças surdas, da pré-infância até à 4ª classe (actual 4ºano).*”

Sofia Quintas conta-nos o seu percurso escolar até à sua profissionalização:

*“Eu fui para a pré no Instituto Araújo Porto, com ensino oralista, os gestos acompanhavam o Português, não era LGP. Entrei aos 4 anos (...)Saí aos 14 anos (...)Depois fui para Paranhos do 5º ao 9º, do 10º ao 12º na escola do Infante D. Henrique onde fiz um curso de informática, depois realizei o curso de formadora de LGP na Associação de Surdos do Porto, há três anos acabei a licenciatura em LGP na ESE de Coimbra.” Sofia Quintas*

Assim como Marta Morgado:

*“O médico disse para estar só com ouvintes, mas a minha mãe preferia que eu estivesse com os meus iguais. Como o ensino surdo não era muito bom fizemos pela metade, ou seja, de manhã ia para a escola ouvinte e à tarde para a escola de Surdos. Isto no primeiro ciclo, a partir do 5º ano até ao 9º frequentei sempre a escola de Surdos. No Ensino Secundário estive numa turma integrada e na minha licenciatura e mestrado sempre em turmas ouvintes.” Marta Morgado*

Inquirimos ainda os nossos entrevistados relativamente à *Frequência em atividades extra curricular*, mas só o Professor Goulão teve uma atividade que possa ter incitado o seu gosto pelo desenho: *“Sim, fazíamos trabalhos manuais e desenho.”*

Zé Luís Rebel diz-nos que: *“Foi escuteiro. (...) Fazia teatros nas épocas normais para isso, Natal...”*.

Sofia Quintas: *“Ensinavam-nos a fazer ponto de cruz, a escrever à máquina e desenho, tipo Educação Visual.”*

E Marta Morgado que acabou por nunca ter este tipo de atividades por falta de tempo e se desenhava ou escrevia era a nível individual, não em escola:

*“Não tive muito tempo para isso, quando era pequena as escolas acabavam por volta das 18/19h. Os meus pais em casa ajudavam-*

*me com os estudos, pois o ensino surdo não era muito bom. Mas sempre gostei muito de desenhar e escrever.”* Marta Morgado

Tendo todos frequentado quer um ensino regular ou especializado, julgámos importante saber se tiveram *Professores Surdos ou ouvintes* para entendermos melhor as suas experiências dentro de sala de aula. Concluímos com esta subcategoria que todos tiveram sempre professores ouvintes (a maior parte das vezes) e quando falamos em “professores Surdos” não referem professores, mas intérpretes e no caso de Marta Morgado formadores Surdos: *“Só professores ouvintes, não havia professores Surdos. Só quando acabei o 12º ano é que começaram a aparecer formadores Surdos.”*

Acrescentamos ainda que o facto de que, quando havia intérpretes, a sua presença era inconstante, pois numa escola tinham, noutra já não havia ou ora só os havia na faculdade. Como exemplifica Zé Luís Rebel com a sua experiência:

*“A maior parte eram ouvintes. Só quando fui para a escola de Paranhos é que tive intérprete. (...) andei na Soares dos Reis (...) não tinham intérprete e mudei para a Escola Infante D. Henrique que já tinha. Mas professores foram sempre ouvintes.”* Zé Luís Rebel

Assim como Sofia Quintas: *“Sempre tive professores ouvintes, só na faculdade é que tive intérprete.”*

A exceção desta irregularidade na presença de intérpretes é o Professor Goulão que nunca os teve, sempre teve professores ouvintes: *“Não, só professores ouvintes, porque não havia professores surdos, nem LGP. Entrei em 1956 a 1964.”*

A partir destas duas últimas subcategorias, formamos a última desta dimensão *Escola*, pois a frequência dos nossos entrevistados ora em escolas de ensino regular ora de ensino especializado, tendo no seu percurso escolar maioritariamente professores ouvintes e em alguns anos (escolares) e em algumas instituições a presença de intérpretes, quisemos perceber se houve algum tipo de *Influência dos professores/ escola na formação pessoal e/ ou profissional*.

Apenas Sofia Quintas nos afirmou que não houve nenhuma influência por parte da escola ou dos professores: *“Não influenciou porque éramos muitos Surdos.”*

No caso de Zé Luís Rebel houve influência, mas ele refere-se ao caso específico da aprendizagem da Língua Gestual: *“Agora preferia professores Surdos, pois para aprender LGP era importante aprender desde pequeno para ser fluente.”*

O Professor Goulão também confirma as influências quer dos professores, dos trabalhos escolares e da própria instituição:

*“Sim, são especializados na área da surdez, a maioria eram professores de Casa Pia de Lisboa.” (...) “Sim, fazíamos trabalhos manuais e desenho.” (...) “Sim, foram os primeiros passos artísticos que me foram influenciados pela querida arte. Adoro muito a animação, não havia televisão (risos), só revistas de “far west” e desenhos animados (Mickey) e filmes como “Charlotte”, “Tintin”.”*

Professor Goulão

Embora por ter tido uma experiência negativa, Marta Morgado recorda-se e conta-nos exatamente em que ponto do seu percurso ela foi influenciada:

*“Sim, aos 9 anos foi quando percebi que os professores na escola ouvinte se esforçavam, puxavam por nós e na escola de Surdos os professores não faziam nada, iam conversar uns com os outros, tratavam-nos como anormais, deficientes, chamavam-nos de “burros”. Foi aí que decidi que no futuro queria ser professora, para mostrar que nós também somos capazes.”* Marta Morgado

## 2.5. Identificação pessoal

A última dimensão em análise neste estudo é a *Identificação Pessoal* dos nossos entrevistados, no sentido de os tentarmos conhecer um pouco melhor, pelo que organizamos algumas subcategorias como:

### Quadro 7 – Categorias analíticas: Identificação pessoal

<u>Categoria</u>	<u>Subcategoria</u>
<b>Identificação pessoal</b>	<b>Surdez pré ou pós lingual</b>
	<b>Contacto precoce com gestos ou LGP</b>
	<b>Histórias contadas na infância</b>
	<b>Utilização de memórias pessoais para as produções</b>

Com isto ficamos a saber que o Professor Goulão é Surdo de nascença, embora não tenhamos a informação em que idade foi descoberto, assim como Sofia Quintas, embora esta tenha sido descoberta aos 2 anos, tal como Zé Luís Rebel e Marta Morgado.

Conseguimos ainda informações sobre um *contacto precoce com gestos ou LGP* de Sofia Quintas e Marta Morgado.

Sofia Quintas conta-nos um episódio que aconteceu em casa relativamente à oralização e gestualização:

*“O meu pai tentava com que eu oralizasse em casa, até que aos 15 anos fizemos uma reunião familiar sobre esse problema. Pois se na escola eu oralizava e gestualizava, porquê não o fazer em casa? Disse aos meus pais, se eu faço um esforço para oralizar porque é que vocês não fazem um esforço para gestualizar? Aí eles perceberam que estavam errados e começaram a mudar um pouco.”*

Sofia Quintas



Marta Morgado nunca foi proibida de gestualizar pelos pais: *“Sim, nunca me proibiram. Sempre comuniquei com Surdos na escola, inventávamos gestos e os meus pais nunca me proibiram, pois perceberam que era mais feliz com os Surdos.”*

Relativamente à subcategoria *histórias contadas na infância*, conseguimos informação do Professor Goulão: *“Sim, mais ou menos. Na maioria eram histórias muito conhecidas e mediáticas como “Capuchinho” e outras. Também na casa os meus pais contavam quando eu ia dormir, com leitura labial.”*

Sofia Quintas não teve a mesma experiência:

*“Não, quem me dera. Lá no colégio como era oralista eu lia e sempre que lia um texto, conseguia ler, mas não conseguia perceber as ideias da frase. Então em casa pedia ao meu pai que me ajudasse a perceber essas histórias.”* Sofia Quintas

À Marta Morgado também lhe eram contadas histórias, oralmente: *“A minha mãe contava oralmente, mas devagar, pois conseguia ouvir um bocadinho.”*

### 3. Síntese e discussão dos resultados

Chegados a este ponto do estudo, em que os dados já foram recolhidos e analisados, passaremos à apresentação sintetizada dos resultados conseguidos através das quatro entrevistas, dando especial atenção aos pontos mais relevantes para o estudo.

Para melhor apresentar a sintetização dos resultados faremos a exposição destes através das ideias-chave de cada categoria:

Deste modo, em relação à categoria *Processo Criativo* concluímos que:

- interesse pela arte desde criança, com exceção de Sofia Quintas que foi mais tarde, mas com influência de alguém presente nalgum momento da sua vida;
- há um interesse comum em ligar as comunidades surda e ouvinte, no sentido de colmatar falhas na comunicação, mostrar a realidade surda, assim como mostrar aos Surdos e ouvintes o que os Surdos são capazes de fazer;
- nas produções dos entrevistados Professor Goulão e Marta Morgado podemos deparar com vidas e experiências de Surdos, e de uma forma geral, ou seja, em todas as produções de todos os entrevistados, estão presentes pessoas surdas, gestos e LGP;
- com exceção de Zé Luís Rebel, há uma transmissão de mensagens através das produções, isto é, mensagens com fins didáticos, culturais e sociais (ora para os ouvintes aprenderem algo, ora para os Surdos se identificarem);
- com exceção de Marta Morgado, as barreiras encontradas na divulgação das obras foram facilmente ultrapassadas pelas vantagens que a internet proporciona nesse sentido;
- existência de poucos produtores Surdos pelo pouco investimento cultural que existe, pelo pouco acompanhamento aos Surdos durante o percurso escolar/ académico e ainda no seu recolhimento às Associações e escolas onde se produz arte;
- perspectivas futuras positivas, desejo de continuação do que fazem, pelo que já têm projetos futuros em mente.

Relativamente à segunda categoria *Cultura Surda* conseguimos destacar que:

- conhecimento de produções culturais anteriores maioritariamente ouvinte, são raras as alusões a produções culturais surdas, apenas a um grupo de arte surda (mas que é um grupo “restrito” no facebook), a “LÉO” de Yeves Lapah e Emmanuelle Laborit;
- influências das produções são de origens diferentes, a de Zé Luís Rebel e Sofia Quintas tiveram influências ouvintes, Marta Morgado a sua realidade e o Professor Goulão não teve grandes influências, ou seja, de um modo geral houve poucas influências das produções já conhecidas nas dos entrevistados;
- todos consideram as suas produções e participações (teatro) parte da cultura surda, tanto pela participação de pessoas surdas, como pelo exemplo próprio do produtor enquanto professor e artista, pela identidade, cultura, expressão facial, movimentos corporal, LGP e sensibilização através das produções;
- dificuldade em explicitar o que entendem por cultura surda, referem-se à comunidade, à língua, à forma de viver, ao toque e olhar que são diferentes, ao nome gestual e às campainhas luminosas;
- conhecimento geral de outras manifestações de cultura surda para além da sua própria área.

No que respeita a terceira categoria, *Fatores Sociais*, pudemos inferir que:

- a sociedade teve o seu papel influenciador nas produções dos entrevistados, assim como também teve o grupo de amigos de Zé Luís Rebel (em determinada época da sua vida), que o influenciaram na construção de personagens.

No que concerne a categoria *Escola*, conseguimos confirmar que:

- todos frequentaram escolas especializadas nalgum momento do seu percurso escolar, embora que com a sua progressão a maior parte sentiu dificuldades em encontrar acompanhamento em LGP no ensino regular e especializado;
- frequência em atividades extra curriculares foram pouco ou nada relacionadas com o que fazem agora;
- acompanhamento nas aulas só com professores ouvintes, há referência da presença de intérpretes e formadores surdos, mas com muito pouca regularidade;
- as influências dos professores e escola onde estiveram foram sentidas com maior relevância no Professor Goulão, pois foi através dos seus professores e escola que deu os primeiros passos na sua área artística e Marta Morgado por se ter apercebido que não queria que os Surdos fossem tratados como ela foi pelos professores.

Por fim, na quinta categoria, *Identificação Pessoal*, destacamos sucintamente que:

- a surdez dos entrevistados foi detetada aos 2 anos;
- que houve um contacto precoce com gestos e LGP por parte de dois dos entrevistados;
- as histórias contadas na infância foram pouco frequentes.

Sendo a essência deste estudo reconhecer marcadores culturais que produtores Surdos inscrevem nas suas produções, é do nosso interesse ouvir o que os próprios têm a dizer sobre o assunto.

Pretendemos, portanto, analisar esse fenômeno em diferentes áreas artísticas, cinema, pintura, teatro e literatura, e através dos próprios produtores, ficando assim a conhecer quatro visões sobre o mesmo assunto.

Visões essas que, vindas de áreas distintas, de artistas de idades diferentes, oriundos de realidades diversas, nos poderiam mostrar um leque de perspectivas diferentes entre eles. Porém, o que constatamos é que o facto de serem Surdos os aproxima num aspeto geral, que é a necessidade de se fazer uma ponte de ligação entre a comunidade surda e a ouvinte. Num sentido de identificação para a comunidade surda, ora por aquilo que a obra “conta” e representa, ora pelo exemplo do próprio produtor ser Surdo, e num sentido de consciencialização e aprendizagem para a comunidade ouvinte. Conseguimos esta constatação através do discurso dos entrevistados que nos relatam o seu percurso desde os primeiros sinais do seu gosto pela sua arte até agora que são profissionais da área. E com as suas motivações, intenções e produções nos revelam marcadores culturais comuns nas suas produções, pois mesmo sendo artistas de áreas diferentes não deixam de ter em comum o facto de serem Surdos.

Desta forma, foi-nos possível verificar os objetivos formulados no início da pesquisa, assim como dar resposta às questões de investigação. Pelo que podemos identificar marcadores culturais comuns nas diferentes produções como a presença de pessoas surdas, assim como suas vidas e experiências, e logo a utilização de LGP, gestos, expressões faciais e movimentos corporais. E considerar estes marcadores como características das suas obras, que por sua vez são consideradas pelos próprios como parte integrante da cultura surda, pois revelam tanto uma cultura como identidade específica, embora sejam termos que não foram muito aprofundados neste ponto da investigação. – Primeira e segunda pergunta de investigação.

A partir destas informações podemos referir que todos os marcadores identificados têm como base o primeiro marcador cultural referido anteriormente neste estudo, ou seja, a própria surdez. É daqui que parte toda a motivação para a produção, assim como a forma como estes artistas a representam e a produzem.

Nesta linha de pensamento colocamos a questão de investigação relacionada com a intencionalidade dos produtores em transmitir algum tipo de valores culturais e que podemos dizer desde logo que sim, há intencionalidade. Primeiramente no sentido de se conseguir denotar um interesse comum a todos em ligar as comunidades surda e ouvinte, tentando colmatar falhas de comunicação entre as duas, mostrando a realidade surda pela arte produzida por um Surdo, permitindo assim abrir dois caminhos. Um mais direcionado à comunidade surda que envolve um sentido de identificação às histórias, aos retratos, às personagens, aos produtores por serem Surdos e com isto terem noção de que é possível fazerem arte. E outro mais direcionado aos ouvintes, um caminho de consciencialização, de aprendizagem sobre esta comunidade através dos exemplos dados pelos próprios produtores enquanto profissionais e artistas Surdos, como através das suas produções.

Deste modo, pelo facto de terem sido revelados através do discurso dos produtores, faz-nos concluir que há consciência por parte dos próprios da utilização dos marcadores acima identificados, mais do que consciência, constatamos que os marcadores referidos são características essenciais das respetivas produções. – Quarta pergunta de investigação

Relativamente ao conceito que cada um tem de cultura surda, pouco se ficou a saber, pois denotou-se uma dificuldade geral em explicitarem o que entendem por isso mesmo, pelo que referenciaram o conceito referindo algumas características dessa cultura, isto é, referem-se à comunidade em si, à forma de viver, à língua, ao toque e olhar que são diferentes dos dos ouvintes, houve uma referência à utilização de campainhas luminosas e o facto de terem o nome gestual. – Quinta pergunta de investigação

Por fim, ainda conseguimos obter informações sobre o facto dos marcadores culturais serem a prova, ou uma das provas de que existe uma cultura surda. – Sexta pergunta de investigação

Neste ponto, dividimos a resposta em duas perspetivas, a dos entrevistados e a nossa, embora ambas estejam de acordo, ou seja, pelo que nos revelaram, os

produtores concordam, sem exceção, que as suas produções e os marcadores nelas inscritos fazem parte e provam a existência de uma cultura específica.

Embora os entrevistados não tenham conseguido explicitar concretamente o que entendem por cultura surda, nós conseguimos entender esta representação de uma cultura através de marcadores culturais pelo facto de estes serem o reflexo de todo o meio envolvente destes entrevistados. Queremos com isto dizer que todo o seu passado (antes de se tornarem produtores), ou seja, as suas histórias, experiências pessoais enquanto Surdos teve um papel crucial na escolha profissional e artística de cada um. Encontrando assim um caminho para a adaptação ao meio que os envolve e um papel, um lugar nesta sociedade que é maioritariamente ouvinte, mostrando assim a sua diferença para com ouvintes, logo revelando aspetos comuns entre eles que são Surdos, embora nunca esquecendo a individualidade de cada um.

Então, estamos presente produtores e produções em que as influências Surdas e ouvintes estão presentes (interculturalismo), independentemente se essas influências se dão pela proximidade ou afastamento de uma comunidade ou outra, elas estão lá.

Tais produções não deixam ainda de ser uma forma de luta pelo reconhecimento da sua arte, tendo ou não um cariz didático e cultural, um marcador cultural que concluímos existir após a reflexão sobre as informações obtidas através do discurso dos entrevistados.

Podemos ainda retirar desse discurso mais conclusões, para além daquelas que nos permitiram dar resposta às questões de investigação previamente formuladas, e que nos possibilitam ter uma noção mais abrangente da realidade de cada um enquanto indivíduos Surdos e produtores Surdos:

- A existência de poucos produtores Surdos é a consequência da existência de poucos investimentos culturais, pode também estar relacionada com o pouco acompanhamento na formação académica, provocando algum receio em arriscar por parte dos Surdos e assim levá-los a criar apenas em Associações ou escolas. Barreiras que os nossos entrevistados vão ultrapassando, exemplo são as suas produções já

estarem divulgadas. Outro processo em que, no geral, não sentiram grande dificuldade pelo facto de o terem feito pela internet, o que não comportou custos, ou porque, no caso de Sofia, foi incluída num projeto de teatro. O único senão é o caso de Marta Morgado, que requer uma divulgação diferente, a editora onde trabalha é pequena, pelo que restringe a divulgação dos seus livros. Concluimos ainda neste ponto que todos têm em comum as suas perspetivas futuras, ou seja, todos têm projetos na área, pelo que se prevê a continuação das suas produções;

- A existência de poucos produtores Surdos não é uma realidade apenas do nosso país, pelo que as alusões a produtores Surdos nacionais e/ou internacionais foram poucas, ao contrário do conhecimento de produções culturais ouvintes, que por serem em maior número podem ser a razão por Zé Luís Rebel e Sofia Quintas terem sido influenciadas por algumas. Já as influências do Professor Goulão e Marta Morgado provêm de outras fontes, tal como a realidade surda em si;

- As experiências a nível escolar e académico foram idênticas, mesmo com a diferença de idades e de instituições em causa, pelo facto de todos terem, em certo ponto do percurso escolar e académico, frequentado escolas especializadas e regulares, nas quais sentiram dificuldades em terem acesso a LGP, ora por terem tido apenas professores ouvintes, ora pela presença de intérpretes ou formadores Surdos nas aulas ser incerta e insuficiente, no sentido de não os terem permanentemente. O que nos remete de imediato ao que foi dito anteriormente sobre a importância de uma educação intercultural de preferência sistémica e, neste caso, não só mas principalmente, haver uma noção deste tipo de educação por parte dos professores, pois foram sempre professores ouvintes que acompanharam os estudos dos quatro entrevistados.





## Considerações Finais

Ao longo de toda a investigação e à medida que nos íamos embrenhando na leitura de textos, pretendendo fundamentar de forma legítima a nossa investigação, clarificando conceitos gerais, para que pudéssemos aprofundar conhecimentos e entender melhor a “Surdez”, com tudo que esta poderá envolver, história, perspectivas conceptuais, cultura, identidade, marcadores culturais, apercebemo-nos de várias questões. Como o facto de uma “língua falada com as mãos” sempre ter existido, tal como pessoas com problemas auditivos sempre terem comunicado assim e as tentativas de mudar isso terem sido um erro cometido por quem não viveu essa realidade. Estas razões levaram ao afastamento deste grupo de pessoas que partilham uma característica comum, a Surdez, da sociedade ouvinte e fez com que se tornassem muito próximos entre si.

No que respeita à questão educativa, apercebemo-nos de que, quando se utilizam abordagens inadequadas, afastadas de uma educação intercultural, pela falta de preparação profissional, ou mesmo “predisposição a”, há uma contribuição para a segregação, neste caso, dos Surdos.

Portanto, temos de partir do princípio que querer que Surdos se comportem como ouvintes é querer equiparar e igualar Surdos a ouvintes naquilo que exatamente diferem, isto é, a audição ou falta dela. Esta atitude pode causar danos emocionais e conseqüentemente sociais. Socialmente falando, querer “aculturar”, ou mais especificamente “ouvintizar” os Surdos é como se lhes pedíssemos que fossem outras pessoas, que se afastassem de quem realmente são, se desviassem da sua cultura e identidade e vivessem como outras pessoas. Certamente que do ponto de vista cultural impossível, pois apesar de se tratar de uma comunidade que vive num determinado país, podendo ser influenciada por isso, trata-se também de uma comunidade que vai além das fronteiras físicas, territoriais, pelo simples facto de

pertencer ao um grande grupo que é as comunidades surdas espalhadas pelo país e países.

A partir daqui, podemos afirmar que independentemente da aceitação da diversidade ou diferença cultural entre sociedades ou entre cada um de nós, arriscamo-nos a afirmar que é necessária a consciência da existência duma comunidade que nos apresenta características próprias e únicas e que, em termos culturais, pode ser produtora de marcadores que nos indiquem exatamente isso. Ou seja, produções culturais que espelhem vivências, realidades influenciadas ou não pela comunidade ouvinte, por esta ser maioritária, mas que não deixarão de ser marcadores culturais surdos.

Sendo este o nosso objetivo principal, identificar marcadores culturais surdos através de produções culturais surdas, sentimos a necessidade de conhecer a perspetiva da realidade surda através dos próprios Surdos e também perceber como artistas/ produtores Surdos inscrevem nas suas criações tais marcadores. Foi-nos possível aliar estes dois aspetos e conseguir dar voz a quatro produtores Surdos.

Com isto, a nossa investigação permitiu-nos concluir que todas as formas de arte utilizadas pelos nossos entrevistados são frutos da característica que todos partilham - a surdez - e que esta é a sua maior influência e motivação. Para além duma vocação que possa existir dentro de cada um, constatamos que os nossos entrevistados se tornaram artistas/ produtores que nunca deixam de parte o fator "Surdez" nas suas produções. Daí concluirmos que querem com elas mostrar a presença cultural surda na sociedade, tanto pelo facto de produzirem sendo Surdos, como pelo conteúdo das suas criações, dotando as produções com um carácter comunicacional e reflexivo. Comunicacional, pois exprimem mensagens desde o momento da sua criação, no momento de produção até ao momento em que são apreciados pelo público e a partir daqui, se tornarem produções reflexivas por terem a capacidade de deixar o público a pensar na mensagem nelas contida.

Ao terminar a análise dos dados recolhidos, este trabalho permitiu-nos indagar sobre outros aspetos que vão além dos objetivos inicialmente propostos, como o facto de existirem poucos produtores surdos e a pouca divulgação pública daqueles que já

existem. É uma realidade que nos preocupa e nos deixa a refletir sobre as possíveis razões de tal suceder. Preocupa-nos no sentido de divulgação, de conhecimento público, não só pela produção em si, mas por aquilo que ela representa no seu todo, isto é, a representação de uma comunidade. São criações de autoria surda que nos levam ao rompimento de preconceitos quanto à incapacidade ou à capacidade inferior dos Surdos conseguirem fazer o mesmo que os ouvintes, principalmente no que respeita a produções artísticas. Eles mostram-nos a sua aptidão natural para a arte, aliando-a à questão de serem Surdos e, por isso, enriquecerem as suas produções com aspetos reais da sua comunidade como a LGP, gestos, personagens surdas, histórias que relatam experiências.

As suas produções ainda assim não olvidam o lado “ouvinte”, pois todas elas são perfeitamente compreensíveis pelos ouvintes, elas proporcionam um diálogo entre comunidades, ao passo que o contrário não acontece na maioria das vezes. Não vemos uma preocupação em traduzir / interpretar filmes, peças, livros para LGP. Note-se que referimos apenas estas áreas para manter uma comparação às áreas artísticas em causa nesta investigação e não estender a lista, por exemplo, ao foco de maior informação e entretenimento que temos diariamente, a televisão.

Conclusivamente e, ainda no mesmo alinhamento, inquieta-nos de que a arte sendo uma forma de expressão de um tempo, de realidades, experiências, de pontos de vista pessoais e, neste caso, ser um espelho de uma comunidade, que, com a pouca divulgação, ocasione um conhecimento reduzido por parte da sociedade em geral que, por sua vez, acaba por negligenciar o “Surdo”. Esta é uma nova questão que poderia ser o ponto de partida a outro tipo de investigação como o acesso destes cidadãos à informação, a serviços públicos (como saúde, educação), a uma participação política e social ativa e possíveis soluções.

No entanto, outras questões, a partir dos testemunhos dos entrevistados e sua análise, poderiam surgir, como a questão de existirem poucos produtores Surdos. Verificámos, pelo que nos disseram em entrevista os produtores, que os investimentos nas áreas culturais são mínimos, mas será que não poderemos levar esta situação por outro caminho? Terão os Surdos, de um modo geral, interesse pelas produções surdas

já existentes, interesse por arte, que papel atribuem às formas artísticas que conhecem, será que têm interesse em produzirem eles próprios, ou deixam-se ultrapassar pelos obstáculos que a sociedade impõe, em vez de serem eles a ultrapassar os mesmos, que soluções poderiam sugerir?

Acreditamos que a presente investigação não é um estudo fechado, mas uma porta aberta ao surgimento de novas reflexões, abrindo assim novos caminhos para futuras pesquisas. Somos apologistas que “O estudante *sente* a angústia de uma falta inominável que ele gostaria de preencher também por meio de seus estudos.” (Souza,2007:180). Por isso, a continuação de aspetos específicos deste trabalho assume-se, também, como um desafio futuro.

## Bibliografia

ADAMS, Maurianne, BLUMENFELD, Warren, CASTAÑEDA, Rosie *et al* (ed.) (2000). *Readings for Diversity and Social Justice, An Anthology on Racism, Antisemitism, Sexism, Heterosexism, Ableism, and Classism*. New York: Routledge

AFONSO, Carlos (2007). *Reflexões Sobre a Surdez*. VNG: Edições Gailivro

ALMEIDA, João Ferreira, PINTO, José Madureira (1975). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença

BARDIN, Laurence (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

BAUMAN, H-Dirksen (ed.) (2008). *Open Your Eyes, Deaf Studies Talking*. Minnesota: University of Minnesota Press

BELL, Judith (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva

BISQUERRA, Rafael (1989). *Metodos de Investigacion Educativa: Guia Pratica*. Barcelona: Ediciones CEAC

BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora

CABRAL, Eduardo (2005). "Dar ouvidos aos Surdos, velhos olhares e novas formas de os escutar". in Orquídea Coelho (coord.). *Perscrutar e Escutar a Surdez*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 37 - 57

CAMPOS, Maria José Guerra (2005). "A emergência do Povo Surdo". in Orquídea Coelho (coord.). *Perscrutar e Escutar a Surdez*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 59 - 74

CARVALHO, Paulo Vaz (2007). *História dos Surdos no Mundo. História dos Surdos em Portugal*. Lisboa: Surd'Universo

COCHITO, Maria (2004), "Cooperação e Aprendizagem", Porto: ACIME

COELHO, Orquídea (2010). "Introdução". in Orquídea Coelho (org). *Um Copo Vazio Está Cheio de Ar, Assim é a Surdez*. Porto: Legis Editora, 19 - 22

COSTA, M<sup>a</sup> Emília (1991). *Contextos Sociais de Vida e Desenvolvimento da Identidade*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica

COUTINHO, Clara Pereira (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas : teoria e prática*. Coimbra: Almedina

CUCHE, Denys (1999). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. SP: EDUSC

DUARTE, Ivone, RICOU, Miguel e NUNES, Rui (2005). "A surdez e a autonomia pessoal". in Orquídea Coelho (coord.). *Perscrutar e Escutar a Surdez*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 125 - 138

FELIZES, Raquel (2005). "Considerações sobre a construção de significados pela pessoa surda na ausência de um sistema linguístico estruturado". in Orquídea Coelho (coord.). *Perscrutar e Escutar a Surdez*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 177 - 185

FERREIRA, Manuela (2003). *Educação Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta

GALLAGHER, James, KIRK, Samuel (1996). *Educação da criança excepcional*. São Paulo: Editora Manuel Martins

GOMES, Maria, CABRAL, Eduardo, COELHO, Orquídea (2006). "Diferentes somos todos. A educação dos surdos como mediação cultural". In Rosa Bizarro (org.). *Como*

*abordar...a escola e a diversidade cultural, Multiculturalismo, Interculturalismo e Educação.* Porto: Areal Editores, 46 - 57

GOMES, Maria do Céu (2010). *Lugares e Representação do Outro, A surdez como diferença.* Porto: CIEE/ Livpsic

GUARINELLO, Ana Cristina (2007). *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos.* Editora Summus

GUERRA, Isabel Carvalho (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo, Sentidos e formas de uso.* Cascais: Príncipia Editora Lda.

KROEBER, Alfred Louis (1993). *A Natureza da Cultura.* Lisboa: Edições 70

LOPES, Maura Corcini (2007). *Surdez & Educação.* Belo Horizonte: Autêntica

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli (1986). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.* São Paulo: EPU

MELO, António, MORENO, Cláudia *et al* (s/d). *A criança deficiente auditiva situação educacional em Portugal.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

PACHECO, Natércia e CAMELO, João (2005). "Os poderes instituintes de uma cultura surda", in Orquídea Coelho (coord.). *Perscrutar e Escutar a Surdez.* Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 21 - 35

PADDEN, Carol, HUMPHRIES, Tom (2005). *Inside Deaf Culture.* Cambridge: Harvard University Press

PARDAL, Luís, LOPES, Eugénia Soares (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social.* Porto: Areal Editores

PERES, Américo Nunes (1999). *Educação Intercultural: Utopia ou Realidade?.* Porto: Profedições

QUADROS, Ronice Müller (org.) (2006). *Estudos Surdos I.* Petrópolis: Editora Arara Azul



QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van (1998). *Manual de Investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva

RUQUOY, Danielle (1997). "Situação da entrevista e estratégia do entrevistador". in Albarello, Luc et al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 84-116

SACKS, Oliver (2010). *Vendo vozes. Uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia de Bolso

SANTANA, Ana Paula (2007). *Surdez e Linguagem, Aspectos e implicações neurolingüísticas*. São Paulo: Plexus Editora

SILVA, Ivani, KAUCHAKJE, Samira, GESUELI, Zilda (2003). *Cidadania, Surdez e Linguagem, Desafios e realidades*. São Paulo: Plexus Editora

SOUZA, Regina, SILVESTRE, Núria (2007). *Educação de Surdos*". São Paulo: Summus

STACH, Brad (2003). *Comprehensive Dictionary of Audiology Illustrated*. NY: Thomson, Delmar Learning, 2<sup>nd</sup> Edition

STRAUSS, Anselm (1987). *Qualitative Analysis for Social Scientists*. Cambridge: Cambridge University Press

VALENTE, Ana, CORREIA, Maria João e DIAS, Rui (2005). "Surdez: duas realidades interpretativas", in Orquídea Coelho (coord.). *Perscrutar e Escutar a Surdez*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 81 – 90

VIEIRA, Ricardo (1999). *Histórias de Vida e Identidades, Professores e Interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento

VIEIRA, Ricardo (1999). *Ser Igual, Ser Diferente, Encruzilhadas da Identidade*. (s/l) Profedições

## Webgrafia

Afonso, C. (2008). *Formação de professores para a educação bilingue dos surdos*. Saber (e) Educar. Nº 13. p. 159-169. Acedido em 23/01/12, disponível em:

<http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/163>

Afonso, C. e Cavalcanti, J. (2006). *Do desconhecimento do Outro à interculturalidade: a vida (re)escrita no processo de formação profissional*. Caderno de estudos. Nº 4. p. 9-21. Acedido em 23/01/12, disponível em:

<http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/50>

American Association on Intellectual and Developmental Disabilities (2012). *FAQ on Intellectual Disability*. Acedido em 30/ 01/ 12, disponível em

[http://www.aaidd.org/content\\_104.cfm?navID=22](http://www.aaidd.org/content_104.cfm?navID=22)

Chalow, Thea (s/d). *Hearing Loss Education Center*. Acedido em 07/ 02/ 12, disponível em:

<http://www.hearinglosseeducation.com/Hearing/how-hearing-works.asp>

\_\_\_\_\_. *Audição*. Acedido em 07/ 02/ 12, disponível em:

<http://www.prof2000.pt/users/mrsd/8ano/Audicao.htm#b1>

Goulão, Francisco (1998). *Francisco Goulão Professor Surdo Portugal*. Acedido em 10.1.2013, disponível em: <http://profsurdogoulao.no.sapo.pt/>)

Lopes, Maura Corcini , Veiga-Neto, Alfredo (2006). *Marcadores Culturais Surdos: quando eles se constituem no espaço escolar*. Revista Perspectiva. v.24. Nº 3. p.81-100.

Acedido em 4/6/12, disponível em:

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10541/10078>

Rebel, Zé Luís (2011). *GestoFilmes*. Acedido em 14/1/2013, disponível em:

<http://www.facebook.com/pages/GestoFilmes/251503401547918?sk=info>

Rebel, Zé Luís (2012). *Zé Luís Rebel*. Acedido em: 27/3/2013, disponível em:

<http://www.facebook.com/zeluisrebel?fref=ts>

Spencer in Perlin e Strobel (2006). *Fundamentos da Educação de Surdos*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.34 Acedido em 1/8/2012, disponível em:

<http://pt.scribd.com/doc/86578979/13/AS-POLITICAS-DE-INCLUSAO-E-EXCLUSAO-SOCIAIS-E-EDUCACIONAIS>

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**Marcadores culturais específicos**  
**presentes em produções culturais surdas**

Anexos

Candidata: **Andreia Filipa de Sousa Pereira**  
Sob Orientação do **Professor Doutor Carlos Manuel Peixoto Afonso**

**Porto, abril, 2013**

# Índice

Anexo I – Guião de entrevista a Zé Luís Rebel, Professor Francisco Goulão e Marta Morgado

Anexo II – Guião de entrevista a Sofia Quintas

Anexo III – Entrevista a Zé Luís Rebel

Anexo IV – Entrevista ao Professor Francisco Goulão

Anexo V – Entrevista a Sofia Quintas

Anexo VI – Entrevista a Marta Morgado

Anexo VII – Grelha de análise

Anexo VIII – Imagens de produções culturais dos entrevistados

Anexo I  
 Guião de Entrevista a Zé Luís Rebel,  
 Professor Francisco Goulão e Marta Morgado

Dimensões	Questões
A – Processo Criativo	<p>A1 – Quando e como surgiu a ideia de começar a escrever/desenhar?</p> <p>A2 – Qual ou quais as motivações que levaram à criação das histórias?</p> <p>A3 – Quando pensa em criar, fá-lo com alguma intencionalidade? Ou é um processo natural?</p> <p>A4 – Qual ou quais os assuntos/ temáticas predominantes nas suas histórias?</p> <p>A5 – Esses assuntos são algo de caracterizador da realidade surda? Em que sentido?</p> <p>A6 – Qual o seu público alvo?</p> <p>A7 – O que pretende proporcionar aos leitores/espectadores das suas histórias, momentos de lazer, aprendizagem, transmitir alguma mensagem especial?</p> <p>A8 – Como foi o processo até chegar à divulgação das suas obras? Sentiu mais obstáculos pelo facto de ser Surdo/a?</p> <p>A9 – Porque é que existem poucos produtores Surdos?</p> <p>A10 – Na sua opinião, o que seria necessário para haver mais?</p> <p>A11 – Como perspetiva o futuro das produções surdas?</p>
B – Cultura Surda	<p>B1 – Antes de se tornar autor/a teve acesso a produções culturais surdas? E ouvintes?</p> <p>B2 – Essas produções influenciaram as suas próprias produções?</p>

	<p>B3 – Sente que as suas obras fazem parte ou contribuem para a afirmação da cultura surda? Como? (Através dos temas, personagens...)</p> <p>B4 – Acha que só o Surdo é que consegue entender realmente a sua obra?</p> <p>B5 – Acha que ao traduzir as suas histórias se perde algum tipo de significado do gesto? Porquê?</p> <p>B6 – Acha que um leitor conseguiria ficar a saber que era surdo/a apenas com a leitura da sua obra? Porquê?</p> <p>B7 – De que forma é que a Cultura Surda se consegue manifestar?</p> <p>B8 – O que representa para si o conceito de Cultura Surda?</p>
C – Fatores sociais	<p>C1 – Os seus amigos ou alguma associação de Surdos contribuíram para a sua formação identitária? De que forma? Alteraram alguns valores ou atitudes que já tinha ou fez com que outros surgissem?</p> <p>C2 – E que papel tiveram na sua formação profissional?</p> <p>C3 – Como foi construído o seu círculo de amigos? Escola, casa, alguma associação?</p> <p>C4 – Costuma frequentar alguma associação de Surdos? Quando começou e porquê?</p> <p>C5 – O facto de viver numa sociedade maioritariamente ouvinte influenciou a sua construção identitária? De que forma? A sua maneira de agir, de pensar, de perspetivar a realidade?</p> <p>C6 – E relativamente à sua formação enquanto autor?</p>
D - Escola	<p>D1 – Frequentou o jardim de infância ou escola? Regular ou alguma unidade especial? Em que idade entrou?</p> <p>D2 – Como foi o seu contacto com essa instituição? Como se sentiu?</p>

	<p>D3 – Frequentava algum tipo de atividade extra curricular? Teatro, pintura...?</p> <p>D4 – Os seus professores eram Surdos ou ouvintes?</p> <p>D5 – Qual era a sua relação com os professores Surdos e com os ouvintes?</p> <p>D6 – Acha que o facto de ter tido professores Surdos ou ouvintes influenciou o seu percurso escolar e a sua perspetiva se ser-se Surdo/a? De que forma?</p> <p>D7 – O facto de ter frequentado a escola teve algum impacto na sua formação identitária e/ ou profissional? Valores, ideais, atitudes...?</p>
<p>E – Identificação Pessoal</p>	<p>E1 – É Surdo/a de nascença? Ou em que idade ficou Surdo/a?</p> <p>E2 – Quando e onde nasceu?</p> <p>E3 – Os seus pais proporcionaram-lhe um contacto precoce com a surdez, com a língua gestual ou com simples gestos, com outros Surdos? Quando e como aconteceu?</p> <p>E4 – Quando era criança contavam-lhe histórias? Lembra-se de algumas?</p> <p>E5 – O que sentia/ achava das mesmas?</p> <p>E6 – Utiliza as memórias da sua vida pessoal para as suas produções?</p>



## Anexo II

### Guião de Entrevista a Sofia Quintas

Dimensões	Questões
A – Processo Criativo	<p>A1 – Quando e como surgiu a ideia de ser atriz?</p> <p>A2 – Qual ou quais as motivações que levaram a esse gosto?</p> <p>A3 – Quando pensa em criar uma personagem para alguma peça, fá-lo com alguma intencionalidade? Ou é um processo natural?</p> <p>A4 – Qual ou quais os assuntos/ temáticas predominantes das histórias que participou?</p> <p>A5 – Esses assuntos são algo de caracterizador da realidade surda? Em que sentido?</p> <p>A6 – Qual o público alvo das peças?</p> <p>A7 – O que é pretendido proporcionar aos espectadores das peças, momentos de lazer, aprendizagem, transmitir alguma mensagem especial?</p> <p>A8 – Como foi o processo até conseguir pisar os palcos, sentiu mais obstáculos pelo facto de ser Surdo/a?</p> <p>A9 – Porque é que existem poucos produtores Surdos?</p> <p>A10 – Na sua opinião, o que seria necessário para haver mais?</p> <p>A11 – Como perspectiva o futuro das produções surdas?</p>
B – Cultura Surda	<p>B1 – Antes de se tornar atriz teve acesso a produções culturais surdas? E ouvintes?</p> <p>B2 – Essas produções influenciaram o facto de querer ser atriz?</p> <p>B3 – Sente que o seu papel como atriz fazer parte ou</p>

	<p>contribui para a afirmação da cultura surda? Como? (Através dos temas, personagens...)</p> <p>B4 – Acha que só o Surdo é que consegue entender realmente em palco?</p> <p>B6 – Acha que um leitor conseguiria ficar a saber que era surda apenas ao vê-la a atuar? Porquê?</p> <p>B7 – De que forma é que a Cultura Surda se consegue manifestar? (De uma forma geral)</p> <p>B8 – O que representa para si o conceito de Cultura Surda?</p>
<p>C – Fatores sociais</p>	<p>C1 – Os seus amigos ou alguma associação de Surdos contribuíram para a sua formação identitária? De que forma? Alteraram alguns valores ou atitudes que já tinha ou fez com que outros surgissem?</p> <p>C2 – E que papel tiveram na sua formação profissional?</p> <p>C3 – Como foi construído o seu círculo de amigos? Escola, casa, alguma associação?</p> <p>C4 – Costuma frequentar alguma associação de Surdos? Quando começou e porquê?</p> <p>C5 – O facto de viver numa sociedade maioritariamente ouvinte influenciou a sua construção identitária? De que forma? A sua maneira de agir, de pensar, de perspetivar a realidade</p> <p>C6 – E quanto à sua formação enquanto atriz?</p>
<p>D - Escola</p>	<p>D1 – Frequentou o jardim de infância ou escola? Regular ou alguma unidade especial? Em que idade entrou?</p> <p>D2 – Como foi o seu contacto com essa instituição? Como se sentiu?</p> <p>D3 – Frequentava algum tipo de atividade extra curricular? Teatro, pintura...?</p> <p>D4 – Os seus professores eram Surdos ou ouvintes?</p>

	<p>D5 – Qual era a sua relação com os professores Surdos e com os ouvintes?</p> <p>D6 – Acha que o facto de ter tido professores Surdos ou ouvintes influenciou o seu percurso escolar e a sua perspetiva se ser-se Surdo/a? De que forma?</p> <p>D7 – O facto de ter frequentado a escola teve algum impacto na sua formação identitária e/ ou profissional? Valores, ideais, atitudes...?</p>
<p>E – Identificação Pessoal</p>	<p>E1 – É Surdo/a de nascença? Ou em que idade ficou Surdo/a?</p> <p>E2 – Quando e onde nasceu?</p> <p>E3 – Os seus pais proporcionaram-lhe um contacto precoce com a surdez, com a língua gestual ou com simples gestos, com outros Surdos? Quando e como aconteceu?</p> <p>E4 – Quando era criança contavam-lhe histórias? Lembre-se de algumas?</p> <p>E5 – O que sentia/ achava das mesmas?</p> <p>E6 – Utiliza as memórias da sua vida pessoal para se inspirar na construção de algumas personagens?</p>

## Anexo III

### Entrevista a Zé Luís Rebel

Transcrição da entrevista realizada com Zé Luís Rebel  
em 21/11/2012 que teve lugar num centro comercial

**A1 :** Como surgiu a ideia de começar a produzir?

**Zé Luís Rebel:** O interesse surgiu quando fiquei surdo, a partir dos 2 anos, quando fiquei surdo, as coisas tornaram diferentes para mim porque já não ouvia e a única forma de eu poder ouvir é através dos olhos, os olhos como a minha audição e foi a partir daquele momento que entendi o mundo de outra forma. Quis fazer algum, só que não sabia e estava a aprender para chegar até a ideia de criar esta forma de manifestação cultural.

**A1:** Há muito tempo?

**Zé Luís Rebel:** Começou a haver mais tendências nas férias grandes como o verão e o natal, em que eu ficava em casa dos meus avós enquanto os meus pais estavam a trabalhar, como eram férias e não havia aulas (escola), eu ficava a guarda dos meus avós e foi com os vídeos VHS que eu e o meu avô víamos juntos, não o meu pai. Só o meu avô. E víamos Tom and Jerry, O Facho e a Flecha, Tarzan (a preto e branco) e BBC vida selvagem, tudo gravado pelo meu avô para VHS, para eu ficar quieto e não fazer asneiras, pronto.

**A2:** Quais as motivações que levaram à produção das histórias?

**Zé Luís Rebel:** A criação da página “GESTOFILMES” foi mais para colmatar a falta de comunicação. Porque que não há actores surdos? Porque não há legendas em filmes nacionais? Porque é que não há Língua Gestual nos filmes? Porque é que não abordam um contexto social que fala um pouco das pessoas surdas, já que elas fazem parte da sociedade desde os primórdios? Entre muitos obstáculos e barreiras de comunicação, falta de informação, necessidade e compreensão, entre muitas coisas.

**A4:** Quais os temas predominantes nas suas histórias?

**Zé Luís Rebel:** Eu crio há pouco tempo. Até agora só filmava por experiência. Não há um tema específico, o objetivo é ter presente a pessoa Surda. Quero fazer a ponte entre o mundo Surdo e o ouvinte através de legendas, LGP, expressões. Já tinha muitas ideias, perspetivas e já cheguei a conclusões mas como ainda não tinha material para poder transmitir as ideias ou que naquelas alturas eu estava numa fase de conhecimento e aprendizagem na diferença de dois mundos, ouvinte e surdo, devido a isto, deu um tempão para eu perceber qual a perspetiva. Só em 12 de Setembro de 2011 é que decidi fundar o estúdio GestoFilmes numa página do facebook. A descrição está no link: <http://www.facebook.com/pages/GestoFilmes/251503401547918>, o objetivo não é ter presente a pessoa surda, o objetivo é ter presente os gestos e a língua gestual e juntamente a pessoa surda. Sim, o objetivo é criar pontes de comunicação, de cultura, identidades, línguas e expressões.

**A8:** Como foi o processo até chegar à divulgação?

**Zé Luís Rebel:** O facebook é um meio fácil para a divulgação, daqui a um tempo vai aparecer um filme novo que o publicarei na internet. Uns estão na internet, outros depois vejo como farei. Como tinha dito numa questão anterior, demorei um tempão até chegar a uma ideia, não em sites, mas num site específico que me ajudaria a dar melhor relevo, passei pelo facebook e como é um meio fácil para a divulgação, achei melhor começar por aí e aproveitar a oportunidade. Ainda neste momento estou na produção de 2 documentários e 3 curtas. Publicarei um dos filmes na internet e partilharei depois pelo facebook. Quanto a outros, não tenho data definida, ainda não foi decidido, é para concorrer a festivais, normalmente demora mais tempo.

**A9:** Porque é que existem poucos produtores Surdos?

**Zé Luís Rebel:** Agora há mais pessoas que realizam filmes para Surdos, em Lisboa, para já são 4, em Lisboa. Aqui no Porto, há 2, incluído eu. Estava a dizer que agora há mais atividade do que havia antes porque antes havia apenas um ou dois a fazer vídeos caseiros/amadores e não filmes para o cinema, há uma diferença. Desde que eu comecei a experimentar realizar filmes, alguns aproveitaram também a mesma ideia e passado uns anos, quando no ano passado criei a GestoFilmes, sim, começou a aumentar o interesse e eles aproveitaram. Para já, aqui em Portugal há uns 7 que

realizam filmes, cada um com a sua maneira. No futuro decerto vai aumentar para 8 ou 9 ou 10, incluído uma menina ainda em fase de experimentação e aprendizagem. De todos, eu sou o único que tem licenciatura ligada com a área de cinema. E penso que os novos 8, 9 e 10, incluído a menina, vão ter curso de cinema quando entrarem na faculdade. Espero que sim.

**A9:** Mas porque é que há poucos?

**Zé Luís Rebel:** Não sei bem...são muitos fatores, é a vontade, é o dinheiro. Portugal não dá muita oportunidade ao cinema. Parece-me que dá mais ao teatro, mas é porque Portugal ainda está na evolução e como somos um país forte em peças de teatro de natureza “Gil Vicente”.

**P:** Dá mais oportunidade ao teatro Surdo?

**Zé Luís Rebel:** A participação das pessoas surdas no teatro está em todo o lado. Globalidade. Falo em Portugal. As pessoas surdas participam em teatros só com surdos, mas há pessoas surdas que participam em teatro só com ouvintes e também há pessoas surdas que participam em teatro com pessoas ouvintes e surdas. Depende. É para promover a cultura, a sensibilização e é um feito único que dá mais importância no que toca a pontes de comunicação entre ouvintes e surdos. É isto. Outra coisa, no que eu estava a dizer, é que eu, mesmo eu, escrevo guião, argumentos e diálogos, e com isto, eu selecciono actores surdos que têm experiência com teatro, é isto que estava a dizer. Actores surdos com experiência em teatro ou actores surdos que não são experientes, tanto faz, desde que interpreta bem o papel que lhe vou dar e também desde que é ideal para o papel, depende do papel e do personagem com a sua história. Eu procuro os actores e vou reunir-me com eles e depois dou-lhes o papel que eles vão interpretar. É isto que eu estava a dizer.

**A11:** Como perspectiva o futuro das produções?

**Zé Luís Rebel:** Não tenho uma bola de cristal para saber...(Risos) Mas espero receber mais apoios, que haja mais interesse. Desde que haja compreensão, respeito e inclusão social. (Responde à A10)

**P:** Mais apoio da parte dos ouvintes?

**Zé Luís Rebel:** Também, mas também de empresas privadas. Por exemplo o ICA (Instituto do Cinema e do Audiovisual), se entregar um projeto e se eles gostarem ajudam na divulgação, mas é preciso ter sorte. É como jogar no euromilhões. Também podemos arranjar parcerias com ouvintes e depois começamos a trabalhar juntos, com ou sem financiamento, depende do objetivo e da metodologia.

**B1:** Antes de ser produtor teve acesso a produções culturais surdas?

**Zé Luís Rebel:** Não, só o GESTOFILMES. Não tive acesso mas tive conhecimento sim, produções fora de Portugal. E.U.A, Inglaterra, França, etc.

**B1:** E ouvintes?

**Zé Luís Rebel:** Sim, cinema no geral, fotografia...

**B2:** Essas produções influenciaram as suas próprias produções?

**Zé Luís Rebel:** Eu quero destacar-me por mim mesmo e não copiar. Como é normal, vi muitos filmes durante a minha infância até a idade adulta, influenciaram-me, no que toca a planos, enquadramentos, expressões, formas, ideias, houve muitas influências sim. O primeiro que me influenciou foi o Spielberg, depois começaram a aparecer outros que eu fui pesquisando na internet e fiquei a saber muito sobre eles e sobre cinema. Posso citar que as minhas influências evoluíram ainda mais com Stanley Kubrick, David Lynch, Alfred Hitchcock, dos maiores mestres do cinema que há, foi a partir daí que eu comecei a ter ideias e certas influências ajudaram-me a criar uma perspetiva única que penso assinar para GestoFilmes a partir de futuras produções... vamos ver no que dá.

**B3:** Acha que os seus filmes contribuem para a afirmação da cultura surda?

**Zé Luís Rebel:** Sim, porque participam pessoas surdas. Um dia pode vir a ter um maior destaque.

**B4:** Acha que só o Surdo consegue entender realmente o seu filme “Caçadores da noite”?

**Zé Luís Rebel:** Eles (surdos) percebem, mas muitos é mais no sentido de “É fixe!”, até gostaram. Mas um ouvinte de Lisboa fez uma crítica construtiva. Na crítica ele mostrou a sua perspetiva e avaliou entre 0 a 10 e deu a classificação de 7. Eu coloquei o meu filme na página “portugalfantástico” e foi aí que me deram uma crítica positiva.

**B8:** O que representa para si o conceito de Cultura Surda?

**Zé Luís Rebel:** Eu sou Surdo, logo estou inserido nela. É difícil explicar. Na comunidade ouvinte as pessoas conversam, na comunidade surda é mais visual. As “campainhas luminosas”, as legendas dos filmes, mas o nome gestual é o que mais se destaca.

**E1:** É Surdo de nascença?

**Zé Luís Rebel:** Não.

**E1:** Em que idade ficou Surdo?

**Zé Luís Rebel:** Aos 2 anos.

**D1:** Frequentou o jardim de infância ou escola, regular ou alguma unidade especial?

**Zé Luís Rebel:** Antes dos 2 anos regular a partir daí frequentou a APECDA.

**D3:** Frequentou alguma atividade extra curricular?

**Zé Luís Rebel:** Foi escuteiro. O melhor tempo dele foi quando foi explorador. Estava na idade das brincadeiras, tinha coragem para tudo.

**D3:** Mas e na escola?

**Zé Luís Rebel:** Fazia teatros nas épocas normais para isso, Natal...

**D4:** E os professores eram Surdos ou ouvintes?

**R:** A maior parte eram ouvintes. Só quando fui para a escola de Paranhos é que tive intérprete. Também andei na Soares dos Reis até ao 10º ano, mas não tinham intérprete e mudei para a Escola Infante D. Henrique que já tinha. Mas professores



foram sempre ouvintes. Na Soares dos Reis, eu estava numa idade demasiado rebelde e não tinha ideia de concluir o curso. Para começar, infelizmente, não me aceitaram para o curso de cine-video por ser surdo e depois tiveram que me forçar a decidir escolher outro e escolhi equipamento. Mas depois o interesse foi para fora das aulas, conheci muita gente que não pensei sequer alguma vez conhecer, uma gente diferente, mais artística, mais poética e mais ligada à natureza, às coisas, formas e artes. Foi aí que me comecei a interessar mais nas personagens. Estou a tentar criar personagens para os meus filmes que fiquem para a memória e cenários também.

**D6:** Teria beneficiado se fossem Surdos?

**Zé Luís Rebel:** Agora preferia professores Surdos, pois para aprender LGP era importante aprender desde pequeno para ser fluente.

**C5:** O facto de viver numa sociedade maioritariamente ouvinte influenciou o seu gosto pelos filmes?

**Zé Luís Rebel:** Influenciou, porque há barreiras na comunicação. De certa forma influenciou a produção, mas foi basicamente uma influência familiar, com o avô, não só a ver filmes, mas para estar atento, a captar o interesse das coisas. Há uma história onde o meu avô faz parte e é a seguinte: “Numa bela tarde de sol que virou em chuva, o avô, José Teixeira, juntara as peças de um imenso puzzle e Cecília Silva, a avó, fizera um lanche para três. De um momento para outro, foi aquele, o momento que percebi uma coisa, correu nas minhas veias, lá porque a vida é tão real e bela, é surpreendente com a gente e com as coisas, ela, a vida, e ele, o momento, só acontecem uma vez, todos os dias são outros, no que toca a sentir que o meu avô completara o puzzle e a minha avó apresentasse o lanche. Já não é aquele momento que ele ainda juntara as peças e ela fizera o lanche, o tempo deslocou e o espaço modificou. Então realizar um filme pareceu-me uma boa ideia: um cenário que divide dois espaços, duas mesas, duas pessoas, um puzzle inacabado, óculos, pão, queijo, fiambre, leite, sumo e fruta.

A cada momento que a avó pousara o pão em cima da toalha na mesa, neste instante preciso momento, do outro lado, o avô colocara a peça dentro do quadro que completa o puzzle... decidi ser realizador de cinema e fazer qualquer coisa com isto”.

## Anexo VI

### Entrevista ao Professor Francisco Goulão

Transcrição da entrevista realizada com o Professor Francisco Goulão em 25/10/2012, 6/11/2012, 4/12/2012 e 11/12/2012 via *Messenger*

**25 de outubro de 2012**

**Andreia:** Bom dia professor Goulão, como está?

**Professor Goulão:** Olá viva! Bom dia! Sim tudo bem, ainda estou sob junta médica, há quase de um ano.

**Andreia:** Desejo-lhe as melhoras rápidas.

**Professor Goulão:** Muito obrigado pelas melhoras.

**Andreia:** Aproveito também para lhe agradecer a ajuda no meu estudo.

**Professor Goulão:** Ok!

**Andreia:** Será que posso utilizar o seu nome neste estudo? Como expliquei no pedido de consentimento só o farei se o autorizar.

**Professor Goulão:** Pode utilizar à vontade. Tenho sites, blogue e também facebook. Pode copiar comentários e imprimir fotos ...

**A1:** Então quando é que surgiu esta vontade de desenhar?

**Professor Goulão:** É a minha vocação desde criança.

**A1:** Em criança em que se inspirava para desenhar?

**Professor Goulão:** Foram as revistas de desenhos animados de que gosto que comecei a copiar para desenhar. E também postais, que uma professora suíça do colégio privado e especial para crianças surdas em Lisboa me dava, era amiga do proprietário do colégio. Foi ela que me influenciou nos primeiros passos. Era o colégio de São Francisco de Sales, privado e especializado para crianças surdas, da pré-infância até à 4ª classe (actual 4º ano).

**D1:** E frequentou desde que idade?

**Professor Goulão:** 5 a 13.

**D4:** Acompanhado de professores surdos? Ou também havia professores ouvintes?

**Professor Goulão:** Não, só professores ouvintes, porque não havia professores surdos, nem LGP. Entrei em 1956 a 1964.

**D5:** Como era a sua relação com os professores ouvintes?

**Professor Goulão:** Normal. Eles tinham amor à camisola para trabalhar, se fosse agora seria diferente. Ensinavam muito bem oralmente, pois era proibido fazer gestos.

**Andreia:** O facto de ter tido só professores surdos influenciou a sua formação identitária, como surdo?

**Professor Goulão:** Não, só professores ouvintes, nunca os professores surdos me ensinaram. Só os colegas surdos adultos, mais velhos, ensinaram-me os primeiros gestos.

**D6:** Erro meu, desculpe, vou reformular: o facto de ter tido só professores ouvintes influenciou a sua formação identitária?

**Professor Goulão:** Sim, são especializados na área da surdez, a maioria eram professores de casa pia de Lisboa.

**D6:** E influenciaram a sua formação profissional também?

**Professor Goulão:** Sim, fazíamos trabalhos manuais e desenho.

**D7:** Então foi na escola que começou esse gosto, com influência da sua professora suíça e dos trabalhos manuais e desenhos?

**Professor Goulão:** Sim, foram os primeiros passos artísticos que me foram influenciados pela querida arte. Adoro muito a animação, não havia televisão (risos), só revistas de “far west” e desenhos animados (Mickey) e filmes como “Charlotte”, “Tintin”. Por curiosidade onde moro atualmente, em Espinho, vai haver um festival famoso de animação-cinanima, é um dos melhores do mundo.

(INTERRUPÇÃO, questões de horário)

**6 de novembro de 2012**

**Andreia:** Bom dia professor! Será que tem um tempinho? Se estiver ocupado falamos outro dia

**Professor Goulão:** Olá viva! Pode ser agora. Bom dia grande Filipa.

**A1 (confirmação):** Obrigado! Na última conversa falamos sobre a influência que escola teve no seu gosto pelo desenho.

**Professor Goulão:** Sim, foi o meu primeiro passo para ser artista, quando andava no colégio para surdos.

**A2:** Agora gostaria de saber qual ou quais as motivações que levaram à criação das suas histórias.

**Professor Goulão:** Depois do ano 2003 resolvi fazer histórias, por ser o ano do encerramento de escola especial no António Cândido. Fiquei sem alunos surdos e eles foram transferidos para as escolas normais com turmas especiais, como no Covelo, Bom Sucesso e outros. Que tristeza!!! Fiz 10 histórias em banda desenhada, mas ainda ensinava os surdos que dormiam e comiam no centro, após as aulas lá fora ensinava.

**A3:** Quando pensa em criar as histórias, fá-lo com alguma intencionalidade? Ou é um processo natural?

**Professor Goulão:** Parece que foi intencional ou pode ser processo natural. Foram feitas e desenhadas por mim numa salinha sem alunos.

**A3:** Intencionalidade, no sentido de transmitir alguma mensagem?

**Professor Goulão:** Mais ou menos, também a maioria das histórias foram influenciadas pelo meu teatro gestual para crianças surdas, onde sou autor, encenador e ator. Fiz 6 peças de teatrais para surdos no centro, que saudades!!!

**A4:** Quais são os assuntos predominantes nas suas histórias de banda desenhada e nas peças?

**Professor Goulão:** Uma sobre descobrir Portugal, com cultura sobre Portugal, outra sobre Porto cultural, também sobre histórias conhecidas como Branca de Neve e Capuchinho Vermelho. Transformei 2 histórias para: A Branca e o Lobo Mau e Branca e os 7 surdos. Outras sobre surdos, sobre gato e sobre o Natal. Vou escrever os nomes das histórias que estão nos sites: “Branca e o gato”, “As lições do surdo Toni”, “Jardim de Infância”, “A Branca e o Lobo Mau”, “A Branca e o professor surdo”, “A viagem”, “A vida dos surdos”, “Porto”, “Descobrir Portugal” e “Branca e os 7 surdos”.

**A5:** Considera essas histórias caracterizadoras da realidade surda?

**Professor Goulão:** Sim, com língua gestual portuguesa e também para sensibilizar os ouvintes. Foram muito reconhecidas no mundo da internet e também divulgadas nos colóquios sobre arte surda, fiz as palestras sobre arte surda.

**A5:** Quando diz sensibilizar os ouvintes, em que aspeto quer sensibilizá-los?

**Professor Goulão:** Para ver as histórias que sou capaz de fazer, histórias para surdos (risos). Também para aprender os gestos.

**A6:** Qual o seu público alvo?

**Professor Goulão:** Geral.

**A7:** O que pretende proporcionar aos leitores/ espectadores das suas histórias, momentos de lazer, aprendizagem, transmitir alguma mensagem especial (para além da sensibilização)?

**Professor Goulão:** Têm um fim didático e cultural. Foram divulgadas nas aulas das escolas de referência para surdos em todo o país. Depois da conclusão das 10 histórias comecei a fazer os desenhos temáticos e também com língua gestual portuguesa.

**A5 (confirmação):** Para além da língua gestual, as histórias têm mais algum aspeto característico da realidade surda?

**Professor Goulão:** Quanto a realidade surda, sim, tem a vida dos surdos, “A vida dos surdos”, “A branca e o professor surdo”.

**A8:** Como foi o processo até à divulgação das histórias?

**Professor Goulão:** Para sensibilizar, com investigação cultural e didáctica e também incluir no currículo escolar.

**A8:** Sentiu algum tipo de obstáculo para conseguir divulgar as histórias?

**Professor Goulão:** Não, foram muito elogiadas, mas em Portugal culturalmente é que estamos num país atrasado, que tristeza!!!

**Andreia:** Concordo.

**Professor Goulão:** Agora em Portugal a tendência é para impedir o desenvolvimento cultural, só politiquices sujas e só se pensam para ganhar dinheiro. Nunca ganhei dinheiro nos trabalhos das histórias e nos desenhos temáticos, só o ordenado do emprego e mais nada. Se fosse receber o dinheiro das histórias agora e o IRS levaria tudo, que tristeza!!!

**A9:** Porque é que acha que existem poucos produtores Surdos?

**Professor Goulão:** Não sei, porque estou mal informado, estamos num país de isolamentos (risos).

**A10:** Na sua opinião, o que seria necessário para haver mais?

**Professor Goulão:** Poderia haver mais. Sou muito crítico sobre o adormecimento da educação especial em Portugal, fui vítima por causa disto. Desde 2003 que não trabalho na escola especial e só bastava ensinar os surdos que dormem no centro até agora, que tristeza!!!

**A11:** Como perspectiva o futuro das produções surdas?

**Professor Goulão:** Gostaria que aparecessem mais... Agora estou a desenhar sobre temas com língua gestual. No setembro passado a junta de freguesia de Espinho montou um painel gigantesco sobre Espinho onde sou autor na alameda 8.

**Andreia/ A9:** Parabéns professor! Fico contente!

**Professor Goulão:** Muito obrigado! É uma exposição urbana, já foi retirado e guardou-se na junta. O meu maior sonho é lançar uma exposição sobre Espinho e também temáticas sobre Espinho em Espinho. E igualmente lançar um livro tipo álbum com desenhos completos, incluindo histórias e com uma autobiografia, mas em Portugal é difícil. Os editores só se interessam em receber lucros, só se pensam de convidar os “vips” sem cultura, lançar livros de pessoas conhecidas e mediáticas. Só pensam em convidar os “pimbas” como “Tonis Carreiras” para captar mais público atrasado mentalmente (risos). Em Portugal há bons artistas portugueses, genuinamente culturais como eu.

**A11:** Nisso concordo totalmente. Então acha que o futuro das produções culturais surdas não é muito positivo?

**Professor Goulão:** Duvido por causa da crise.

**B1:** Antes de se tornar autor teve acesso a produções culturais surdas?

**Professor Goulão:** Não, só na escola onde trabalho, mas já dei muitas palestras fora da minha escola. Quanto a produções culturais, ainda não sei nada. Tenho sites pessoais com histórias, tenho blogue, tenho facebook, tenho uma página da arte

surda no facebook, também já fui entrevistado pelos jornais e também pela RTP e outros...

**Andreia:** Por isso seria imprescindível para o meu estudo. Muito obrigado pela sua disponibilidade e ajuda! Será que poderíamos continuar outro dia?

**Professor Goulão:** Ok. Também já fui convidado por outros como “kabaret” e “cinanima” para desenhar e aceitei tudo para divulgar. Estou orgulhoso! Muito bom dia e um grande beijinho.

**Andreia:** Acredito que sim! Bom dia para o professor também! Beijinho e obrigado!

**Professor Goulão:** Peço que vá ver o meu facebook e o blogue. No Google: francisco goulão a clicar nas imagens. Um grande beijinho.

**Andreia:** O blogue já conhecia, vou ver no facebook!

**Professor Goulão:** Francisco Goulão. Se tem facebook peço que me convide como amigo e agradeço. Um grande beijinho.

**Andreia:** Claro que sim.

**Professor Goulão:** Também nos sites pessoais, basta entrar no google e escrever os nomes das histórias com francisco Goulão.

**Andreia:** Já enviei o pedido de amizade do facebook (Filipa Pereira).

#### **4 de dezembro de 2012**

**Andreia:** Bom dia professor! Tem um tempinho?

**Professor Goulão:** Olá viva grande Filipa, bom dia, pode ser agora. Mas primeiramente peço muita desculpa por não ter atendido por causa da exposição. Quanto à exposição foi um grande êxito!

**Andreia:** Não faz mal, eu compreendo. Eu acompanhei pelo facebook, muitos parabéns!

**Professor Goulão:** Ok, boa Filipa! Muito obrigado!

**B1 (confirmar):** O professor antes de ser autor teve acesso a obras de outros autores Surdos?



**Professor Goulão:** Sim há um grupo que se chama arte silenciosa, mas só mostrar os trabalhos e é um grupo fechado no facebook. Quanto às minhas exposições anteriores só colectivamente e na maioria com ouvintes. Houve uma exposição europeia dos deficientes há anos e fui um dos expositores.

**B2:** Essas produções influenciaram as suas próprias produções?

**Professor Goulão:** Mais ou menos. Quanto à minha última exposição foi para sensibilizar as pessoas que conhecem a minha pessoa com deficiência, mas como igualdade e sem discriminação. Prefiro de fazer individualmente para me promover como artista surdo. No próximo ano vai haver mais exposições. Estou a sonhar em lançar um livro tipo álbum com todos os desenhos da minha vida artística.

**Andreia:** Espero que concretize esse sonho.

**Professor Goulão:** Muito obrigado! Quanto à minha exposição em Espinho, a junta paga tudo, incluindo os quadros, com cedência gratuita.

**B3:** Sente que as suas obras fazem parte ou contribuem para a afirmação da cultura surda?

**Professor Goulão:** Sim. Também dei palestras sobre arte surda, mas exclusivamente sobre mim e que foram igualmente grandes êxitos. Gosto de dar aos alunos e aos professores, para saberem e transmitirem o meu modelo a outros, como professor e artista na cultura minha surda.

**B3:** Como fazem parte da cultura surda? Através de personagens, temas?

**Professor Goulão:** Completamente sobre mim, desde a infância até agora, também as histórias em banda desenhada. Há uns anos dei uma palestra a crianças da Escola Básica 1 sobre Porto. Expliquei tudo com power point básico, professor surdo e artista surdo. No ano passado dei 3 palestras sobre arte surda. 1- Junta de Freguesia de Santa Marinha em Gaia; 2- Escola Secundária António Sérgio em Gaia; 3 - Escola Artística e Secundária Soares dos Reis no Porto.

**A5/7:** Tenta transmitir algum aspeto da cultura surda através das suas obras?

**Professor Goulão:** Sim, transmitir sobre mim na cultura surda. É para divulgar a minha vida artística e também profissional, como professor e educador, a crianças surdas. Se fosse agora seria pior.

**B4:** Acha que só o Surdo é que consegue entender realmente a sua obra?

**Professor Goulão:** Sim, é para divulgar e para sensibilizar atualmente as crianças surdas com o meu modelo. Pois estou preocupado com o futuro das novas crianças surdas, porque a educação está a desaparecer. Ainda não ensinei e trabalhei desde 2003 por causa do encerramento da escola especial, que tristeza! Resolvi começar desenhar os temáticos e outros desenhos, incluindo histórias, outras aguarelas e desenho a lápis desde 2003 até agora. Desde novembro do ano passado, até agora, que comecei a desenhar no escritório da minha casa por doença, dantes desenhava na salinha do lar desde 2003 até 2011.

**B8:** O que representa para si o conceito de Cultura Surda?

**Professor Goulão:** É muito importante para sensibilizar. Também com muita curiosidade das outras pessoas que visitam a exposição e também na comunicação social e nas escolas que dei palestras. Agora já sou colunista do jornal regionalista "Defesa de Espinho" envio os desenhos temáticos sobre espinho. Houve muitas encomendas a pedir para fazer os desenhos, mas sem compensações financeiras, desenhar até morrer. Estou muito cansado por ter dores nos ossos. Foram grandes os meus 35 anos como professor surdo a ensinar a crianças surdas com suor e sacrifício. Se fosse agora e seria diferente.

**Andreia:** São muitos anos de trabalho, agora tem de se recuperar para continuar, força!

**Professor Goulão:** Sim, para continuar a desenhar até morrer, como vício.

**B7:** De uma forma geral, como acha que a cultura surda se manifesta? (Para além dos seus quadros.)

**Professor Goulão:** Sim, a cultura surda manifesta-se como tendência para ser capaz de ter a igualdade com a sociedade geral. Desenhos temáticos, com língua gestual portuguesa é um projecto meu actual. Acho que o meu trabalho é único e original.

**B7:** A cultura surda manifesta-se noutras artes, como cinema, literatura?

**Professor Goulão:** Sim também há poesia, teatro gestual, também fiz 6 peças teatrais gestuais na escola onde trabalho, também há vídeo sobre mim, chama-se "Memórias

Gestuais", foi realizado por um surdo e já foi divulgado na internet e também nas escolas.

**E6:** Utiliza as memórias da sua vida pessoal para as suas produções?

**Professor Goulão:** Sim, mas profissionalmente, com quadros e falei sobre arte. Já viu o video? É do vimeo, "Memórias Gestuais".

**Andreia:** Penso que não

**Professor Goulão:** Agora tenho que sair para almoçar

**Andreia:** Vou ver. Sim sim, eu também. Muito obrigado.

**Professor Goulão:** Amanhã à mesma hora. Vá ao google e escreva "Memorias Gestuais – vimeo".

**Andreia:** Sim, vou ver.

**Professor Goulão:** Pode gravar o vídeo para pôr no seu trabalho. Até amanhã, um grande beijinho!

**Andreia:** Até amanhã, obrigado!

## **11 de dezembro de 2012**

**Andreia:** Bom dia professor! Como está? Melhor espero.

**Professor Goulão:** Olá viva Filipa, bom dia! Eu na mesma, com o braço paralisado. Pode fazer a entrevista, estou a escrever com a mão esquerda e a teclar com um dedo.

**Andreia:** Ok, só faltam umas perguntinhas mais.

**Professor Goulão:** Ok Filipa!

**E4:** Quando era criança contavam-lhe histórias? Lembra-se de alguma?

**Professor Goulão:** Sim, mais ou menos. Na maioria eram histórias muito conhecidas e mediáticas como "Capuchinho" e outras. Também na casa os meus pais contavam quando eu ia dormir, com leitura labial. Via muitos filmes, como "Charlotte" e outros na sala do colégio, no projector de filmes, pois não havia tv. Também lia muito, os livros animados de Mickey, que começava a copiar para desenhar como primeiro passo, sou artista desde 5 anos. Adoro ler os livros animados, até agora, Mafalda, Tintin, etc... Também nos jornais com cartoons políticos, agora já sou colunista do

jornal regionalista de Espinho "Defesa de Espinho", envio desenhos temáticos semanalmente ou quinzenalmente.

**E6 (confirmar):** Utiliza as memórias da sua vida pessoal para as suas produções?

**Professor Goulão:** Sim, foram na maioria influenciadas pelo teatro gestual onde sou autor, também estudava sobre "Capuchinho Vermelho" para transformar e passar a ser "A Branca e o Lobo Mau" e a "Branca de Neve e os 7 anões" transformei para "Branca e os 7 surdos", outras estudava sobre Portugal e Porto. E outra vi na tv as "Lições de Tonecas" transformei para "As lições do surdo Toni".

**E6:** Alguma influência da sua infância?

**Professor Goulão:** Sim, a vida dos surdos, mas só com personagens surdas. Também dei palestras sobre arte surda, sobre a minha infância. Já viu o vídeo? E as histórias?

**A2:** Sim, sim. E o que o motivou a ser autor de teatro?

**Professor Goulão:** Podem incluir no seu trabalho. Quanto o teatro, porque fui influenciado pelo actor e autor surdo Serafim Morais há muitos anos, na associação portuguesa de surdos de Lisboa. Tenho 6 peças teatrais com LGP, na escola do Porto onde trabalho. Também já fiz marionetas e fantoches para alunos surdos.

**A4:** Quais as temáticas das suas peças?

**Professor Goulão:** Vida quotidiana e também sobre natal. 6: 1- Barbearia de Belém; 2- Porto 200; 2-Viagem; 3-Jardim de Infância; 4- As lições do surdo Toni; 5- A vida dos surdos.

**A3:** Escreveu-as com alguma intencionalidade? Transmitir alguma mensagem?

**Professor Goulão:** Mais ou menos.

**A7:** O que pretendia proporcionar aos espectadores? Momentos de aprendizagem, lazer?

**Professor Goulão:** Também para pais de alunos surdos e para sensibilizar. Repetir: 6: 1-A viagem; 2-Porto 2001; 3-Jardim de Infância; 4-Barbearia de Belém; 5-As lições do Tonecas; 6-A vida dos surdos. Pretendo tudo, para aprender, lazer e outros. O principal é para sensibilizar as pessoas que assistem os meus teatros, como igualdade.

**Andreia:** Conhece mais algum produtor surdo de teatro?

**Professor Goulão:** Ainda não sei. Para já deixei a vida associativa, mas penso que há. Na maioria os ouvintes fazem produções e mais ainda estou mal informado sobre a sociedade surda.

**Andreia:** Muito bem professor, penso que esteja tudo. Agora vou analisar a entrevista. Se precisar de mais alguma coisa posso contacta-lo?

**Professor Goulão:** Ok boa Filipa. Ok às suas ordens.

**Andreia:** Muito obrigado pela ajuda! Mantereí o contacto e continuarei a acompanhar o seu trabalho.

**Professor Goulão:** Quanto aos produtores e acho que há surdos que fazem. Muito bom dia e um grande beijinho.

**Andreia:** Beijinho e as melhoras rápidas!

**Professor Goulão:** Muito obrigado pelas melhoras. Um grande beijinho!

## Anexo V

### Entrevista a Sofia Quintas

Transcrição da entrevista realizada com Sofia Quintas

em 7/2/2013 num centro comercial

**A1:** Quando surgiu a ideia de ser atriz?

**Sofia:** Não foi ideia da minha parte, foi um profissional da área. Na Associação de Surdos do Porto, num curso, havia uma disciplina ligada ao teatro. Havia uma turma que estava a ter aula e eu fiquei curiosa espreitei, gostei do que vi. O formador não estava a conseguir fazer passar a mensagem do que pretendia dos alunos e eu através de uma pequena dramatização passei a mensagem do professor. Assim o formador quando viu a minha predisposição para o teatro pôs a hipótese de criar um curso de teatro para quem quisesse participar. E assim começou um projeto de teatro para Surdos.

Diana: A Sofia convidou-me no terceiro projeto. Eu não tinha experiência e quis experimentar para ver como era. O encenador também gostou do que viu, até perguntou

se tinha algum curso de ballet. Achou que tinha perfil para o teatro e tenho evoluído bastante até agora.

Joana: Antes do projeto PELE, a Associação de Surdos do Porto convidou-me para participar em peças de teatro, as pessoas gostaram do que fiz, viram que tinha jeito para o teatro. A Sofia convidou-me para entrar no primeiro projeto. Agora fazemos parte do mesmo grupo. Treino muito, o encenador ajuda-me, é um modelo para mim. Aprendi a evoluir com isso, por imitação do que o João (encenador) faz.

**A3:** Quando pensa em criar uma personagem para alguma peça, fá-lo com alguma intencionalidade? Ou é um processo natural?

**Sofia:** Já tenho quatro experiências diferentes. A primeira foi, a ideia da peça era que os participantes interpretassem o que viam de formas diferentes. Adorei. A segunda foi uma história de amor, as pessoas olhavam e percebiam tudo. Mas prefiro a primeira experiência, pois apelava mais à imaginação, pois cada um podia fazer a sua própria interpretação da história. A terceira foi quase uma mistura das duas. E nestas

três experiências só havia Surdos. Como tinha muita vontade de participar foi quase automático perceber aquilo que o encenador queria. A quarta experiência foi ao fim de muito trabalho. Foi o “top” da minha vida, foi diferente de todas, embora todas tenham sido importantes. Teve poesia, música, pessoas Surdas e ouvintes, houve uma troca de experiências muito importante com os ouvintes, pois eram profissionais. Tivemos uma professora de Português ouvinte, mas com experiência em LGP que nos explicou o texto e as ideias.

**A5:** Esses assuntos são algo de caracterizador da realidade surda?

**Sofia:** Não utilizamos LGP, só mímica e as pessoas viam e percebiam a ideia. O objetivo era que toda a gente percebesse, pois com LGP os ouvintes não iriam perceber. Em todas as peças o nosso objetivo era mostrar aos Surdos que os Surdos também conseguem fazer teatro.

**A6:** Qual o público alvo das peças?

**Sofia:** Surdos e ouvintes.

**A7:** O que é pretendido proporcionar aos espectadores das peças, momentos de lazer, aprendizagem, transmitir alguma mensagem especial?

**Sofia:** Todas elas têm uma mensagem. Esta última estava ligada a Eugénio de Andrade. A nossa ideia tinha que ver com o dia a dia da vida. O segundo tema era construir oportunidades, o terceiro Adão e Eva.

**A8:** Como foi o processo até conseguir pisar os palcos, sentiu mais obstáculos pelo facto de ser Surda?

**Sofia:** Não tive barreiras, porque fui incluída nesse projeto para surdos. Se não tivesse o João como encenador teria muitas barreiras. Como a ideia surgiu na Associação de Surdos do Porto foi mais fácil.

**A9:** Porque é que existem poucos produtores Surdos?

**Sofia:** Porque havia poucos intérpretes antes, agora há mais. As mentalidades estão-se a abrir. Também porque os Surdos não iam para o Ensino Superior. A ideia dos Surdos

era, primeiro pensavam “Será que há intérpretes?”, “Será que os professores nos vão aceitar?”. Se quisermos mesmo ir para a Universidade e tirar um curso temos de lutar. Joana: Poucos Surdos vão para o Ensino Superior, porque existem muitos ouvintes pelo meio e os Surdos quase que não existem. Aqui na Associação de Surdos do Porto há um grupo de Surdos no teatro, mas na faculdade haveria um talvez, no meio de tantos ouvintes. Os professores teriam dificuldade em expressar-se.

**A11:** Como perspectiva o futuro das produções surdas?

**Sofia:** Eu vou pedir ao João que continue com estes projetos ou até mesmo eu continuarei com eles. Para já tenho outro trabalho, mas se deixar de ter, se calhar, vou focar-me mais no teatro. Há muitos Surdos que não percebem bem o que é fazer teatro, pois para mim não pode ser feito “mais ou menos”, tem de se trabalhar bastante e fazer muito treino expressivo. Há muita coisa que está envolvida no teatro.

**B1:** Antes de se tornar atriz teve acesso a produções culturais surdas? E ouvintes?

**Sofia:** Teatro Surdo conheço a Emmanuelle Laborit. Também conheço o teatro ouvinte, mas não percebia nada do que diziam.

**B2:** Essas produções influenciaram o facto de querer ser atriz?

**Sofia:** As peças de teatro com ouvintes que vi ensinaram-me muita coisa, que levei para o meu trabalho.

**B3:** Sente que o seu papel como atriz faz parte ou contribui para a afirmação da cultura surda?

**Sofia:** Sim, por causa da identidade e da cultura, a expressão facial, o movimento do corpo, a LGP.

**B7:** De que forma é que a Cultura Surda se consegue manifestar?

**Sofia:** Há muitas pessoas Surdas ligadas à pintura, outras à dramatização de poemas, outras contam muito bem anedotas, no caso do Zé Luís Rebel a área da multimédia.

**B8:** O que representa para si o conceito de Cultura Surda?



**Sofia:** É quase como um encontro em que olhamos para outra pessoa e há ali uma química. Cultura como comunidade, o nosso toque é diferente dos ouvintes, o olhar também.

**D1:** Frequentou o jardim de infância ou escola? Regular ou alguma unidade especial? Em que idade entrou?

**Sofia:** Eu fui para a pré no Instituto Araújo Porto, com ensino oralista, os gestos acompanhavam o Português, não era LGP. Entrei aos 4 anos, era a única Surda na família e foi bastante difícil para os meus pais. Saí aos 14 anos do instituto. Lá para se fazer um ano de escolaridade tínhamos de estar dois, mas no último ano consegui fazer em um. Depois fui para Paranhos do 5º ao 9º, do 10º ao 12º na escola do Infante D. Henrique onde fiz um curso de informática, depois realizei o curso de formadora de LGP na Associação de Surdos do Porto, há três anos acabei a licenciatura em LGP na ESE de Coimbra. Estou há alguns anos a trabalhar numa escola (FOI PARA LÁ ANTES DE ACABAR A LICENCIATURA).

Joana: Eu também entrei aos 4 anos para o Instituto Araújo Porto, embora os meus pais tentassem a minha entrada aos 2 anos, não conseguiram e saí de lá aos 13. Do 5º ao 9º andei na escola Augusto Gil e do 10º ao 12º na escola Artística Soares dos Reis. Depois tirei o curso de formadora de LGP na Associação de Surdos do Porto e também tirei Educação Social na ESEP que terminei há 2 anos.

**D3:** Frequentava algum tipo de atividade extra curricular? Teatro, pintura...?

**Sofia e Joana:** Ensinavam-nos a fazer ponto de cruz, a escrever à máquina e desenho, tipo Educação Visual.

**D4:** Os seus professores eram Surdos ou ouvintes?

**Sofia:** Sempre tive professores ouvintes, só na faculdade é que tive intérprete.

Joana: Tive uma intérprete numa disciplina no 12º ano e na faculdade tinha intérpretes estagiárias, só às vezes é que tinha uma intérprete.

**D7 (6):** O facto de ter frequentado a escola teve algum impacto na sua formação identitária e/ ou profissional? Valores, ideais, atitudes...?

**Sofia:** Não influenciou porque éramos muitos Surdos. Uma vez a Associação de Surdos mandou-me a um seminário em Lisboa e lá identifiquei-me com os Surdos, porque só gestualizavam, era aquele o meu mundo mas quando estou com ouvintes tenho mais cuidado para não gestualizar só.

Joana: Do 5º ao 12º oralizei sempre, como se fosse ouvinte. Quando entrei para o curso de LGP na Associação de Surdos, aí encontrei a minha verdadeira identidade, fiquei feliz.

**E1:** É Surdo/a de nascença? Ou em que idade ficou Surdo/a?

**Sofia:** Eu tenho uma irmã gémea que é ouvinte e eu sou Surda. Foi algum problema na gestação, não sei. Eu nasci Surda, mas os meus pais não sabiam, porque a minha irmã é ouvinte, só descobriram a surdez aos 2 anos.

Joana: Também sou Surda de nascença, nasci prematura, tive bastante doente, problemas sanguíneos.

**E3:** Os seus pais proporcionaram-lhe um contacto precoce com a surdez, com a língua gestual ou com simples gestos, com outros Surdos? Quando e como aconteceu?

**Sofia:** O meu pai tentava com que eu oralizasse em casa, até que aos 15 anos fizemos uma reunião familiar sobre esse problema. Pois se na escola eu oralizava e gestualizava, porquê não o fazer em casa? Disse aos meus pais, se eu faço um esforço para oralizar porque é que vocês não fazem um esforço para gestualizar? Aí eles perceberam que estavam errados e começaram a mudar um pouco.

Joana: A minha família só descobriu que era Surda aos 2 anos. O meu avô queria ensinar-me a oralizar e eu não conseguia e ficava muito irritada. Depois os meus pais pensaram em levar-me à terapia da fala. No colégio aprendia a oralizar e a gestualizar, mas em casa queriam que eu só oralizasse e eu queria ensinar gestos aos meus irmãos, mas eles não queriam e aí comecei a oralizar. Lá em casa quando conversavam a minha mãe tentava sempre fazer-me um resumo daquilo que era dito mas fartei-me de ser sempre a última a perceber as conversas através de resumos e por isso isolava-me muito.

**E4:** Quando era criança contavam-lhe histórias? Lembra-se de algumas?

**Sofia:** Não, quem me dera. Lá no colégio como era oralista eu lia e sempre que lia um texto, conseguia ler, mas não conseguia perceber as ideias da frase. Então em casa pedia ao meu pai que me ajudasse a perceber essas histórias.

Joana: Não, ensinavam-me palavras, mas histórias não.

## Anexo VI

### Entrevista a Marta Morgado

Transcrição da entrevista realizada com marta Morgado

em 22/2/2013 via *Skype*

**A1:** Quando e como surgiu a ideia de começar a escrever?

**Marta Morgado:** Naturalmente. Desde sempre gostei de escrever, mas os livros era um sonho, pois não havia livros ligados a crianças surdas. Também dou aulas e uma altura trabalhava com uma professora de Português e não havia textos sobre surdos. Então, escrevi "*Mamadu*", mostrei aos alunos e ficaram muito interessados.

**A2:** As motivações para a escrita das histórias, foi mesmo porque não havia textos para crianças surdas?

**Marta Morgado:** Sim, foi por isso.

**A3:** Quando pensa em criar, fá-lo com alguma intencionalidade?

**Marta Morgado:** Sim, há uma intenção. Até agora escrevi três livros e cada um é diferente do outro.

O "*Mamadu*" está ligado a duas experiências minhas: uma em que ao crescer tive um amigo que era africano, era parecido com Mamadu e podia ser perfeitamente ele e agora como professora também conheço muitos meninos que poderiam ser. O meu objetivo com "*Mamadu*" é mostrar a realidade africana, que não havia uma escola para Surdos e com o livro ajudar a criar uma.

"*Sou Asas*": há muitas crianças que estão no meio ouvinte e quando vão para a escola de Surdos a realidade muda. Às vezes chegam lá sem saber LGP e as outras crianças afastam-se e o que quero mostrar é que não se deve fazer isso.

Escrevo as histórias para mostrar a realidade, mas disfarça-la um pouco com as histórias.

"*Luanda, Lua*": escrevi esta história e enviei para um concurso de livros infantis, não ganhei nada, mas achei que a história estava ligada à realidade portuguesa, no sentido de mostrar à sociedade portuguesa que este tipo de famílias existe.

**A5:** Esses assuntos são algo de caracterizador da realidade surda?

**Marta Morgado:** Sim. O terceiro não é bem. Também tenho o projeto “A turma de Jacob”, em que ele é um menino que vive num lar/instituição e cada menino da turma é um exemplo que poderia ser real, há um que veio de Cabo Verde, outro que tem implante coclear, outro tem uma família de surdos... são exemplos de crianças surdas na vida real. Essa turma acompanha as pessoas surdas reais nas aulas de LGP e de LP durante os 4 anos do 1º ciclo. Estou a fazer o 1ºano para editar no verão. Existem manuais escolares de português, matemática e de estudo do meio mas não existe em LGP e como saiu o programa curricular de LGP, o projeto “A turma do Jacob” segue esse programa. Está muito ligado à cultura surda.

**A6:** Qual o seu público alvo?

**Marta Morgado:** Geral.

**A7:** O que pretende proporcionar aos leitores das suas histórias, momentos de lazer, aprendizagem?

**Marta Morgado:** Aos Surdos para se sentirem identificados. Aos ouvintes para aprenderem, o “*Sou Asas*” é mais direcionada para os ouvintes.

**A8:** Como foi o processo até chegar à divulgação das suas obras?

**Marta Morgado:** A Surduniverso é uma editora pequenina especializada em Surdez. No início só a comunidade surda é que os conhecia, tentamos divulgar, mas como é uma editora pequenina foi mais difícil. A divulgação foi difícil por causa do lucro, saía-nos muito caro. Agora já se vê mais na FNAC, mas mesmo assim ainda é uma divulgação fraquinha.

**A9:** Porque é que existem poucos produtores Surdos?

**Marta Morgado:** Há poucos... em Portugal investe-se pouco na área da cultura. No geral acho que os Surdos têm jeito para o teatro, poesia, escrever, mas os Surdos que o fazem, fazem-no dentro duma associação ou escola e acabam por não se profissionalizar e os que o fazem têm muitas barreiras.

**A10:** Na sua opinião, o que seria necessário para haver mais?

**Marta Morgado:** Antigamente havia apoio, divulgação, mas era mais dentro da comunidade surda, agora com os cortes que há... Antes os Surdos frequentavam mais as associações, agora a sociedade mudou, os Surdos não procuram tanto os grupos de Surdos. Por outro lado, a nível da multimédia, há mais surdos que começam a fazer mais na área.

**A11:** Como perspectiva o futuro das produções surdas?

**Marta Morgado:** Espero continuar a escrever, tenho algumas histórias na cabeça, mas agora só quando as coisas melhorarem. "*A turma de Jacob*" é um grande projeto, pois envolve quatro anos escolares e agora prevê-se mais uns quatro de projeto. É preciso mostrar às crianças, às formadoras de LGP, corrigir, filmar os textos em LGP, melhorar as imagens.

**B1:** Antes de se tornar autora teve acesso a produções culturais?

**Marta Morgado:** (Produções ouvintes) Sim, estrangeiras. Tenho vários livros, fiz uma pesquisa sobre livros infantis sobre Surdos e a maior parte está direccionada para os aparelhos. Sempre que viajo tento sempre procurar.

(Produções surdas) Conheço o "*LEO*". É difícil... é possível que haja mais ilustradores do que escritores surdos. Em Inglaterra há um site que é um grupo de Surdos que procura livros para os traduzir para LG, mas são traduções... Surdos como autores penso que não.

**B3:** Sente que as suas obras fazem parte ou contribuem para a afirmação da cultura surda?

**Marta Morgado:** Sim. "*A turma de Jacob*" especialmente. Fala dos intérpretes, da sensibilização, segue o programa de LGP, a história.

**B7:** De que forma é que a Cultura Surda se consegue manifestar?

**Marta Morgado:** Filmes, teatro, poesia, pintura, fotografia, contar histórias, anedotas. Nos outros países como E.U.A., Brasil, França..., fazem muitos eventos, festivais que

mostram a cultura surda, aqui fazem pouco. Há 2 anos fui ao Brasil a um festival de cultura surda e havia muito teatro, muitas pinturas, poesias, filmes e fotografia também.

**B8:** O que representa para si o conceito de Cultura Surda?

**Marta Morgado:** É difícil de responder. As pessoas perguntam isso muitas vezes... Não sei... cultura é comunidade, língua, maneira de viver, é o dia a dia. É difícil dizer assim.

**D1:** Frequentou o jardim de infância ou escola? Regular ou alguma unidade especial?

**Marta Morgado:** Os meus pais descobriram a minha surdez aos 2 anos e fui logo para a escola, tive sempre em duas escolas. O médico disse para estar só com ouvintes, mas a minha mãe preferia que eu estivesse com os meus iguais. Como o ensino surdo não era muito bom fizemos pela metade, ou seja, de manhã ia para a escola ouvinte e à tarde para a escola de Surdos. Isto no primeiro ciclo, a partir do 5º ano até ao 9º frequentei sempre a escola de Surdos. No Ensino Secundário estive numa turma integrada e na minha licenciatura e mestrado sempre em turmas ouvintes.

**D3:** Frequentava algum tipo de atividade extra curricular? Teatro, pintura...?

**Marta Morgado:** Não tive muito tempo para isso, quando era pequena as escolas acabavam por volta das 18/19h. Os meus pais em casa ajudavam-me com os estudos, pois o ensino surdo não era muito bom. Mas sempre gostei muito de desenhar e escrever.

**D4:** Os seus professores eram Surdos ou ouvintes?

**Marta Morgado:** Só professores ouvintes, não havia professores Surdos. Só quando acabei o 12º ano é que começaram a aparecer formadores Surdos.

**D5:** Qual era a sua relação com os professores?

**Marta Morgado:** Os professores eram diferentes, uns esforçavam-se mais com mímica e outros não queriam saber. Falavam, falavam e não tinham atenção para com os alunos surdos. Sinto que na escola não aprendi quase nada, esforcei-me muito em casa.

**D6:** Acha que o facto de ter tido professores ouvintes influenciou a sua formação identitária ou profissional?

**Marta Morgado:** Sim, aos 9 anos foi quando percebi que os professores na escola ouvinte se esforçavam, puxavam por nós e na escola de Surdos os professores não faziam nada, iam conversar uns com os outros, tratavam-nos como anormais, deficientes, chamavam-nos de “burros”. Foi aí que decidi que no futuro queria ser professora, para mostrar que nós também somos capazes.

**E3:** Os seus pais proporcionaram-lhe um contacto precoce com a surdez, com a língua gestual ou com simples gestos?

**Marta Morgado:** Sim, nunca me proibiram. Sempre comuniquei com Surdos na escola, inventávamos gestos e os meus pais nunca me proibiram, pois perceberam que era mais feliz com os Surdos.

**E4:** Quando era criança contavam-lhe histórias?

**Marta Morgado:** A minha mãe contava oralmente, mas devagar, pois conseguia ouvir um bocadinho. O meu pai ensinava mais Matemática, Português, mas quando era mais crescida.

**E6:** Utiliza as memórias da sua vida pessoal para as suas produções?

**Marta Morgado:** No “*Mamadu*” há uma menina que conta que recebeu uma carta, essa acaba por ser eu. No “*Sou Asas*” um bocado também, pois só no 5º ano é que me deram o nome gestual. Éramos muitos Surdos, uns 70, 80 ou mais e aí é que percebi que havia nomes gestuais. E a “*Luanda, Lua*” é totalmente a minha história.



## Anexo VII

### Grelha de análise

Categories	Sub-categorias	Zé Luís Rebel	Professor Francisco Goulão	Sofia Quintas	Marta Morgado
Processo Criativo	Início do processo criativo	<p>“O interesse surgiu quando fiquei surdo, a partir dos 2 anos(...)” A1</p> <p>“Começou a haver mais tendências nas férias grandes como o verão e o natal, em que eu ficava em casa dos meus avós (...)” A1</p> <p>“(…) foi basicamente uma influência familiar, com o avô, não só a ver filmes, mas para estar</p>	<p>“É a minha vocação desde criança.” A1</p> <p>“Foram as revistas de desenhos animados de que gosto que comecei a copiar para desenhar. E também postais, que uma professora suíça do colégio privado e especial para crianças surdas em Lisboa me dava. (...)Foi ela que me influenciou nos primeiros passos.” A1</p>	<p>“Não foi ideia da minha parte, foi um profissional da área. Na Associação de Surdos do Porto, num curso, havia uma disciplina ligada ao teatro. Havia uma turma que estava a ter aula e eu fiquei curiosa esprietei, gostei do que vi.” A1</p>	<p>“Naturalmente. Desde sempre gostei de escrever, mas os livros era um sonho, pois não havia livros ligados a crianças surdas.” A1</p>



		<p>de legendas, LGP, expressões." A4</p> <p>"(...) o objetivo não é ter presente a pessoa surda, o objetivo é ter presente os gestos e a língua gestual e juntamente a pessoa surda. Sim, o objetivo é criar pontes de comunicação, de cultura, identidades, línguas e expressões." A4</p>	<p>sou capaz de fazer, histórias para surdos (risos). Também para aprender os gestos." A3</p>	<p>que os Surdos também conseguem fazer teatro." A5</p>	<p>mostrar a realidade, mas disfarça-la um pouco com as histórias." A 3</p>
<p>Temáticas</p>		<p>"Não há um tema específico, o objetivo é ter presente a pessoa Surda." A4</p>	<p>"Vou escrever os nomes das histórias que estão nos sites: "Branca e o gato", "As lições do surdo Toni", "Jardim de Infância", "A Branca e o Lobo Mau", "A Branca e o professor surdo", "A viagem", "A vida dos surdos",</p>	<p>"A primeira foi, a ideia da peça era que os participantes interpretassem o que viam de formas diferentes. (...) A segunda foi uma história de amor, as pessoas olhavam e percebiam tudo. (...) A terceira foi quase</p>	<p>"Mamadu" é mostrar a realidade africana, que não havia uma escola para Surdos e com o livro ajudar a criar uma. "Sou Asas": há muitas crianças que estão no meio ouvinte e quando vão para a escola de</p>

			<p>“Porto”, “Descobrir Portugal” e “Branca e os 7 surdos”. “ A4</p>	<p>uma mistura das duas. (...) quarta experiência foi ao fim de muito trabalho. Foi o “top” da minha vida, foi diferente de todas, embora todas tenham sido importantes. Teve poesia, música, pessoas Surdas e ouvintes, houve uma troca de experiências muito importante com os ouvintes, pois eram profissionais.” A3</p> <p>“Esta última estava ligada a Eugénio de Andrade. A nossa ideia tinha que ver com o dia a dia da vida. O segundo tema era construir oportunidades, o terceiro Adão e Eva.” A7</p>	<p>Surdos a realidade muda. Às vezes chegam lá sem saber LGP e as outras crianças afastam-se e o que quero mostrar é que não se deve fazer isso. “Luanda, Lua”: (...) mostrar à sociedade portuguesa que este tipo de famílias existe.” A 3</p>
--	--	--	---	---	---

	<p>Representação da realidade surda nas obras</p>	<p>“ (...) o objetivo não é ter presente a pessoa surda, o objetivo é ter presente os gestos e a língua gestual e juntamente a pessoa surda.” A4</p>	<p>“Sim, com língua gestual portuguesa e também para sensibilizar os ouvintes.” A5</p> <p>“Quanto a realidade surda, sim, tem a vida dos surdos, “A vida dos surdos”, “A branca e o professor surdo”. A5</p> <p>“Sim, transmitir sobre mim na cultura surda. É para divulgar a minha vida artística e também profissional, como professor e educador, a crianças surdas.” A5</p>	<p>“Não utilizamos LGP, só mímica e as pessoas viam e percebiam a ideia. O objetivo era que toda a gente percebesse, pois com LGP os ouvintes não iriam perceber.” A5</p>	<p>“Sim. O terceiro não é bem.” A5</p>
--	---	--	--	---	--



		<p>ai e aproveitar a oportunidade.” A8</p>	<p>“Tenho pessoais histórias, blogue, facebook, uma página da arte surda no facebook, também já fui entrevistado pelos jornais e também pela RTP e outros...”</p> <p>“Também já fui convidado por outros como “kabaret” e “cinanima” para desenhar e aceitei tudo para divulgar.”</p>	<p>muitas barreiras. Como a ideia surgiu na Associação de Surdos do Porto foi mais fácil.” A8</p>	<p>que os conhecia, tentamos divulgar, mas como é uma editora pequenina foi mais difícil. A divulgação foi difícil por causa do lucro, saía-nos muito caro. Agora já se vê mais na FNAC, mas mesmo assim ainda é uma divulgação fraquinha.” A8</p>
<p>Razões para haver poucos produtores</p>	<p>“Para já, aqui em Portugal há uns 7 que realizam filmes, cada um com a sua maneira.(...) No futuro decerto vai aumentar para 8 ou 9</p>	<p>“Não sei, porque estou mal informado, estamos num país de isolamentos (risos).” A9</p> <p>“Os editores só se</p>	<p>“Porque havia poucos intérpretes antes, agora há mais. As mentalidades estão-se a abrir. Também porque os Surdos não iam para o Ensino</p>	<p>“Há poucos... em Portugal investe-se pouco na área da cultura. No geral acho que os Surdos têm jeito para o teatro, poesia,</p>	

		<p>ou 10 (...)” A9</p> <p>“Não sei bem...são muitos fatores, é a vontade, é o dinheiro. (...)Portugal não dá muita oportunidade ao cinema. Parece-me que dá mais ao teatro(...)” A9</p>	<p>interessam em receber lucros, só se pensam de convidar os “vips” sem cultura, lançar livros de pessoas e conhecidas e mediáticas. Só pensam em convidar os “pimbas(...)Em Portugal há bons artistas portugueses, genuinamente culturais como eu.” A9</p>	<p>Superior. A ideia dos Surdos era, primeiro pensavam “Será que há intérpretes?”, “Será que os professores nos vão aceitar?”. Se quisermos mesmo ir para a Universidade e tirar um curso temos de lutar.” A9</p>	<p>escrever, mas os Surdos que o fazem, fazem-no dentro duma associação ou escola e acabam por não se profissionalizar e os que o fazem têm muitas barreiras.” A9</p>
	<p>Futuro da produção surda</p>	<p>“Mas espero receber mais apoios, que haja mais interesse. Desde que haja compreensão, respeito e inclusão social.” A11/10</p>	<p>“Poderia haver mais. Sou muito crítico sobre o adormecimento da educação especial em Portugal, fui vítima por causa disto.” A10</p> <p>“Gostaria que aparecessem mais...” A11</p>	<p>“Eu vou pedir ao João que continue com estes projetos ou até mesmo eu continuarei com eles. (...) Há muitos Surdos que não percebem bem o que é fazer teatro, pois para mim não pode ser feito “mais ou menos”,</p>	<p>“Antigamente havia apoio, divulgação, mas era mais dentro da comunidade surda, agora com os cortes que há... Antes os Surdos frequentavam mais as associações, agora a sociedade mudou, os Surdos não</p>



					<p>procuram tanto os grupos de Surdos. Por outro lado, a nível da multimédia, há mais surdos que começam a fazer mais na área." A11</p>
				<p>tem de se trabalhar bastante e fazer muito treino expressivo." A11</p>	<p>"Espero continuar a escrever, tenho algumas histórias na cabeça, mas agora só quando as coisas melhorarem. "A turma de Jacob" é um grande projeto, pois envolve quatro anos escolares e agora prevê-se mais uns quatro de projeto."</p>
			<p>Dúvidas quanto a um futuro positivo: "Duvido por causa da crise." A11</p>	<p>"Eu vou pedir ao João que continue com estes projetos ou até mesmo eu continuarei com eles. Para já tenho outro trabalho, mas se deixar de ter, se calhar, vou focar-me mais no teatro." A11</p>	
			<p>O meu maior sonho é lançar uma exposição sobre Espinho (...).E igualmente lançar um livro tipo álbum com desenhos completos, incluindo histórias e com uma autobiografia, mas em Portugal é difícil."</p>		
			<p>"Ainda neste momento estou na produção de 2 documentários e 3 curtas.(...) Quanto a outros, não tenho data definida, ainda não foi decidido, é para concorrer a festivais, normalmente demora mais tempo." A8</p>		
	Projetos futuros				

Cultura Surda	Conhecimento anterior de produções surdas	<p>“Não tive acesso mas tive conhecimento sim, produções fora de Portugal. E.U.A, Inglaterra, França, etc.” B1</p>	<p>“Sim há um grupo que se chama arte silenciosa, mas só mostra os trabalhos e é um grupo fechado no facebook. Quanto às minhas exposições anteriores só colectivamente e na maioria com ouvintes. Houve uma exposição europeia dos deficientes há anos e fui um dos expositores.” B1</p>	<p>“Teatro Surdo conheço Emmanuelle Laborit.” B1</p>	<p>“Conheço o “LEO”. É difícil... é possível que haja mais ilustradores do que escritores surdos.” B1</p>
	Conhecimento anterior de produções ouvintes	<p>“Sim, cinema no geral, fotografia...” B1</p> <p>“E víamos Tom and Jerry, O Facho e a Flecha, Tarzan (a preto e branco) e BBCvida selvagem, tudo gravado pelo</p>	<p>“Adoro muito a animação, não havia televisão (risos), só revistas de “far west” e desenhos animados (Mickey) e filmes como “Charlotte”, “Tintin”.” D7</p>	<p>“Também conheço o teatro ouvinte, mas não percebia nada do que diziam.” B1</p>	<p>“Sim, estrangeiras. Tenho vários livros, fiz uma pesquisa sobre livros infantis sobre Surdos e a maior parte está direccionada para os aparelhos. Sempre que viajo tento sempre procurar.” B1</p>



		<p>até gostaram." B4</p> <p>"Eu sou Surdo, logo estou inserido nela. É difícil explicar.(...) na comunidade surda é mais visual. As "campainhas luminosas", as legendas dos filmes, mas o nome gestual é o que mais se destaca." B8</p>	<p>minha surda." B3</p> <p>"É muito importante para sensibilizar." B8</p>	<p>"É quase como um encontro em que olhamos para outra pessoa e há ali uma química. Cultura como comunidade, o nosso toque é diferente dos ouvintes, o olhar também." B8</p>	<p>"É difícil de responder. As pessoas perguntam isso muitas vezes... Não sei... cultura é comunidade, língua, maneira de viver, é o dia a dia. É difícil dizer assim." B8</p>
<p>Representação de cultura surda</p>		<p>"Sim, a cultura surda manifesta-se como tendência para ser capaz de ter a igualdade com a sociedade geral. Desenhos temáticos, com língua gestual portuguesa é um projecto meu actual." B7</p>	<p>"Há muitas pessoas Surdas ligadas à pintura, outras à dramatização de poemas, outras contam muito bem anedotas, no caso do Zé Luís Rebel a área da multimédia." B7</p>	<p>"Filmes, teatro, poesia, pintura, fotografia, contar histórias, anedotas. Nos outros países como E.U.A., Brasil, França..., fazem muitos eventos, festivais que mostram a cultura surda, aqui fazem</p>	
<p>Manifestação da cultura surda</p>					

			<p>"Sim também há poesia, teatro gestual, também fiz 6 peças teatrais gestuais na escola onde trabalho, também há vídeo sobre mim, chama-se "Memórias Gestuais", foi realizado por um surdo e já foi divulgado na internet e também nas escolas." B7</p>		<p>pouco. Há 2 anos fui ao Brasil a um festival de cultura surda e havia muito teatro, muitas pinturas, poesias, filmes e fotografia também." B7</p>
				<p>"..., o nosso toque é diferente dos ouvintes, o olhar também." B8</p>	
Representação do que é ser Surdo			<p>"os olhos como a minha audição e foi a partir daquele momento que entendi o mundo de outra forma" A1</p>		
Representação da realidade surda			<p>"Porque que não há actores surdos?"</p>		<p>"Antes os Surdos frequentavam mais</p>

		<p>Porque não há legendas em filmes nacionais? Porque é que não há Língua Gestual nos filmes? Porque é que não abordam um contexto social que fala um pouco das pessoas surdas(...)?” A2</p>		<p>Superior. A ideia dos Surdos era, primeiro pensavam “Será que há intérpretes?”, “Será que os professores nos vão aceitar?”. A9</p>	<p>as associações, agora a sociedade mudou, os Surdos não procuram tanto os grupos de Surdos.” A11</p>
<p>Fatores Sociais</p>	<p>Influência da sociedade na produção</p>	<p>“Influenciou, porque há barreiras na comunicação. De certa forma a influenciou a produção, mas foi basicamente uma influência familiar, com o avô, não só a ver filmes, mas para estar atento, a captar o interesse das coisas.” C5</p>			

	Circulo de amigos	<p>“Mas depois o interesse foi para fora das aulas, conheci muita gente que não pensei sequer alguma vez conhecer, uma gente diferente, mais artística, mais poética e mais ligada à natureza, às coisas, formas e artes. Foi aí que me comecei a interessar mais nas personagens.” D4</p>			
Escola	Frequência em Jardim de Infância ou escola, regular ou unidade especial	<p>“Antes dos 2 anos regular a partir daí frequentou a APECDA.” D1</p>	<p>“5 a 13.” D1</p> <p>“Era o colégio de São Francisco de Sales, privado e especializado para crianças surdas, da pré-infância até à 4ª classe (actual 4ºano).” D1</p>	<p>“Eu fui para a pré no Instituto Araújo Porto, com ensino oralista, os gestos acompanhavam o Português, não era LGP. Entrei aos 4 anos (...)Saí aos 14 anos (...)Depois fui para Paranhos do 5º ao 9º, do 10º ao 12º na escola do Infante</p>	<p>“O médico disse para estar só com ouvintes, mas a minha mãe preferia que eu estivesse com os meus iguais. Como o ensino surdo não era muito bom fizemos pela metade, ou seja, de manhã ia para a escola ouvinte e à tarde para a</p>

	Frequência em atividade extra curricular	<p>“Foi escuteiro. (...) Fazia teatros nas épocas normais para isso, Natal...” D3</p>	<p>“Sim, fazíamos trabalhos manuais e desenho.” D6</p>	<p>“Ensinavam-nos a fazer ponto de cruz, a escrever à máquina e desenho, tipo Educação Visual.” D3</p>	<p>D. Henrique onde fiz um curso de informática, depois realizei o curso de formadora de LGP na Associação de Surdos do Porto, há três anos acabei a licenciatura em LGP na ESE de Coimbra.” D1</p>	<p>escola de Surdos. Isto no primeiro ciclo, a partir do 5º ano até ao 9º frequentei sempre a escola de Surdos. No Ensino Secundário estive numa turma integrada e na minha licenciatura e mestrado sempre em turmas ouvintes.” D1</p> <p>“Não tive muito tempo para isso, quando era pequena as escolas acabavam por volta das 18/19h. Os meus pais em casa ajudavam-me com os estudos, pois o ensino surdo não era muito bom. Mas sempre gostei muito de desenhar e escrever.” D3</p>
--	--	---	--	--	---	---



	Professores Surdos ou ouvintes	<p>“A maior parte eram ouvintes. Só quando fui para a escola de Paranhos é que tive intérprete. (...) andei na Soares dos Reis (...) não tinham intérprete e mudei para a Escola Infante D. Henrique que já tinha. Mas professores foram sempre ouvintes.” D4</p>	<p>“Não, só professores ouvintes, porque não havia professores surdos, nem LGP. Entrei em 1956 a 1964.” D4</p>	<p>“Sempre tive professores ouvintes, só na faculdade é que tive intérprete.” D4</p>	<p>“Só professores ouvintes, não havia professores Surdos. Só quando acabei o 12º ano é que começaram a aparecer formadores Surdos.” D4</p>
Relação aluno – professores		<p>“Normal. Eles tinham amor à camisola para trabalhar (...). Ensinavam muito bem oralmente, pois era proibido fazer gestos.” D5</p>		<p>“Os professores eram diferentes, uns esforçavam-se mais com mímica e outros não queriam saber. Falavam, falavam e não tinham atenção para com os alunos surdos.” D5</p>	

	<p>Influência dos professores/ escola na formação pessoal e/ ou profissional</p>	<p>“Agora preferia professores Surdos, pois para aprender LGP era importante aprender desde pequeno para ser fluente.” D6</p>	<p>“Sim, são especializados na área da surdez, a maioria eram professores de Casa Pia de Lisboa.” D6</p> <p>“Sim, fazíamos trabalhos manuais e desenho.” D6</p> <p>“Sim, foram os primeiros passos artísticos que me foram influenciados pela querida arte. Adoro muito a animação, não havia televisão (risos), só revistas de “far west” e desenhos animados (Mickey) e filmes como “Charlotte”, “Tintin”.” D7</p>	<p>“Não influenciou porque éramos muitos Surdos.” D7</p>	<p>“Sim, aos 9 anos foi quando percebi que os professores na escola ouvinte se esforçavam, puxavam por nós e na escola de Surdos os professores não faziam nada, iam conversar uns com os outros, tratavam-nos como anormais, deficientes, chamavam-nos de “burros”. Foi aí que decidi que no futuro queria ser professora, para mostrar que nós também somos capazes.” D6</p>
--	--	---	--	--	--

Identificação pessoal	Surdez pré ou pós lingual	"Aos 2 anos." A1/E1	Tenho informação, mas não através da entrevista.	"Eu nasci Surda, mas os meus pais não sabiam, porque a minha irmã é ouvinte, só descobriram a surdez aos 2 anos."E1	"Os meus pais descobriram a minha surdez aos 2 anos(...)" D1
Contacto precoce com gestos ou LGP	Contacto precoce com gestos ou LGP			"O meu pai tentava com que eu oralizasse em casa, até que aos 15 anos fizemos uma reunião familiar sobre esse problema. Pois se na escola eu oralizava e gestualizava, porquê não o fazer em casa? Disse aos meus pais, se eu faço um esforço para oralizar porque é que vocês não fazem um esforço para gestualizar? Ai eles perceberam que estavam errados e começaram a mudar um pouco." E3	"Sim, nunca me proibiram. Sempre comunitivei com Surdos na escola, inventávamos gestos e os meus pais nunca me proibiram, pois perceberam que era mais feliz com os Surdos." E3

	<p>Histórias contadas na infância</p>		<p>“Sim, mais ou menos. Na maioria eram histórias muito conhecidas e mediáticas como “Capuchinho” e outras. Também na casa os meus pais contavam quando eu ia dormir, com leitura labial.” E4</p>	<p>“Não, quem me dera. Lá no colégio como era oralista eu lia e sempre que lia um texto, conseguia ler, mas não conseguia perceber as ideias da frase. Então em casa pedia ao meu pai que me ajudasse a perceber essas histórias.” E4</p>	<p>“A minha mãe contava oralmente, mas devagar, pois conseguia ouvir um bocadinho.” E4</p>
<p>Utilização de memórias pessoais para as produções</p>		<p>“Sim, mas profissionalmente, com quadros e falei sobre arte.” E6</p> <p>“Sim, a vida dos surdos, mas só com personagens surdas.” E6</p>			<p>“No “Mamadu” há uma menina que conta que recebeu uma carta, essa acaba por ser eu. No “Sou Asas” um bocado também, pois só no 5º ano é que me deram o nome gestual. Éramos muitos Surdos, uns</p>

<p>70, 80 ou mais e aí é que percebi que havia nomes gestuais. E a "Luanda, Lua" é totalmente a minha história." E6</p>					
---	--	--	--	--	--

## Anexo VIII

### Imagens de produções culturais dos entrevistados

Capa de apresentação do filme “Caçadores da Noite” de Zé Luís Rebel:



(Fonte: <http://portugalfantastico.webnode.pt/album/galeria-de-fotos-galeria-de-fotos1/ca%C3%A7adores%20da%20noite-jpg/> Acedido em: 2/4/2013)

Apresentação do site pessoal do Professor Goulão:



Visitar/Visit/Clique aqui:

[- "A 2ª PÁGINA PESSOAL DO FRANCISCO GOULÃO"](#)

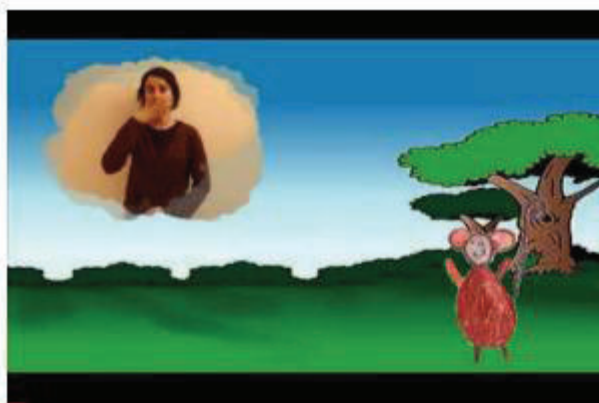
[- "O BLOG DO PROFESSOR SURDO FRANCISCO GOULÃO"](#)

Francisco Goulão  
Surdo profundo e de nascença  
61 anos  
Professor de surdos há mais de 34 anos

(Fonte: <http://profsurdogoulao.no.sapo.pt/> Acedido em: 2/4/2013)

Sofia Quintas a contar a história do “Macaco do rabo cortado”:

### Macaco do rabo cortado



#### Ficha Técnica:

Formadora de LGP: Sofia Quintas

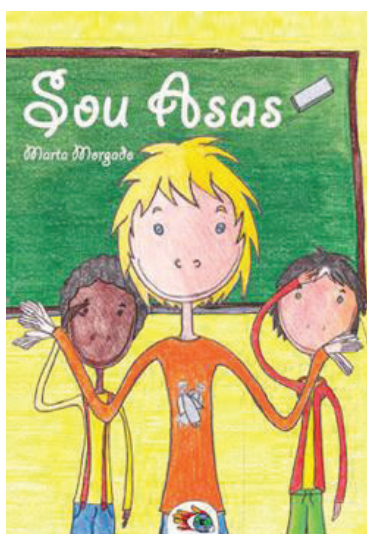
Produzido na Escola Básica Augusto Lessa

Destinatários: crianças da educação pré-escolar

© REDES/2012

(Fonte: <http://projetoredes.org/index.php/recursos/2-e-3-ciclos-21/macaco-rabo-cortado/> Acedido em: 2/4/2013)

Capas dos livros de Marta Morgado:



(Fonte: <http://shop.surduniverso.pt/product.aspx?id=47> Acedido em: 2/4/2013)